



## Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores

### Diário da Sessão

**VIII Legislatura**

**Número: 35**

**II Sessão Legislativa**

**Horta, Quarta-Feira, 15 de Março de 2006**

**Presidente:** *Deputado Fernando Menezes*

**Secretários:** *Deputados António Loura e Cláudio Lopes (substituído no decorrer na Sessão pelo Deputado Luís Henrique)*

### Sumário

*Os trabalhos tiveram início às 15 horas e 20 minutos.*

No **período de informação parlamentar**, foi lida a correspondência chegada à Mesa da Assembleia.

O **período de tratamento de assuntos políticos** iniciou-se com o tratamento de assuntos de interesse político relevante, onde usaram da palavra os Srs. Deputados Fernanda Mendes (*PS*), Paulo Gusmão (*Índep.*), Maria José Duarte (*PSD*), Cláudio Lopes (*PSD*), Lizuarte Machado (*PS*), Artur Lima (*CDS/PP*), Clélio Meneses (*PSD*), Emanuel Santos (*PS*), António Pedro Costa (*PSD*), Piedade Lalandia (*PS*), Catarina Furtado (*PS*), Jaime Jorge (*PSD*), Rogério Veiros (*PS*), António Marinho (*PSD*), Alberto Pereira (*PSD*), Nuno Tomé (*PS*), José Rego (*PS*), Aires Reis (*PSD*), bem como os Srs. Secretário Regionais da Educação e Ciência (*Álamo Meneses*) e da Economia (*Duarte Ponte*).

A **Agenda da Reunião** foi constituída por 2 pontos, sendo o primeiro o **Pedido de Urgência e Dispensa de Exame em Comissão do Projecto de Resolução (PSD) – Fornecimento do serviço público de transportes marítimo de passageiros.**

Sobre o mesmo usaram da palavra os Srs. Deputados Pedro Gomes (*PSD*), Lizuarte Machado (*PS*), Paulo Gusmão (*Indep.*) e Artur Lima (*CDS/PP*).

Submetido à votação, o pedido de urgência e dispensa de exame em Comissão foi aprovado por unanimidade.

O segundo ponto foi o debate do próprio Projecto em si, no qual participaram os Srs. Deputados Jorge Macedo (*PSD*), Lizuarte Machado (*PS*), Pedro Gomes (*PSD*), António Marinho (*PSD*), Paulo Gusmão (*Indep.*), Artur Lima (*CDS/PP*), Francisco Coelho (*PS*) e os Srs. Secretários Regionais da Economia (*Duarte Ponte*) e da Presidência (*Vasco Cordeiro*).

Atingida a hora regimental para encerramento dos trabalhos, as restantes inscrições ficaram agendadas para o dia seguinte.

*(Os trabalhos terminaram às 20 horas)*

**Presidente:** Boa tarde, Sras. e Srs. Deputados e Srs. Membros do Governo.

Agradeço que ocupem os vossos lugares para iniciarmos os nossos trabalhos.

Vamos proceder à chamada.

*Eram 15 horas e 20 minutos*

*Procedeu-se à chamada à qual responderam os seguintes Deputados:*

***Partido Socialista (PS)***

**Alberto da Silva Costa**

**António Gonçalves Toste Parreira**

**António José Tavares de Loura**

**Catarina Paula Moniz Furtado**

**Emanuel Frias Santos**  
**Fernanda** Correia Garcia **Trindade**  
**Fernando** Manuel Machado **Menezes**  
**Francisco** Manuel **Coelho** Lopes Cabral  
**Guilherme** de Fraga Vicente **Nunes**  
**Hélder** Guerreiro Marques **Silva**  
**Henrique** Correia **Ventura**  
**Hernâni** Hélio **Jorge**  
**José** Carlos Gomes **San-Bento** de Sousa  
**José** de Sousa **Rego**  
**José** Gaspar Rosa de **Lima**  
**José** Manuel Gregório de **Ávila**  
**Lizuarte** Manuel **Machado**  
**Luís** Paulo de Serpa **Alves**  
**Manuel** Avelar Cunha Santos  
**Manuel** Soares da **Silveira**  
Maria **Fernanda** da Silva **Mendes**  
Maria **Piedade** Lima **Lalanda** Gonçalves Mano  
**Mariana** Rego Costa de **Matos**  
**Nuno** Alexandre da Costa Cabral **Amaral**  
**Nuno** André da Costa Soares **Tomé**  
**Rogério** Paulo Lopes Soares **Veiros**

***Partido Social Democrata (PSD)***

**Aires** António Fagundes dos **Reis**  
**Alberto** Abílio Lopes **Pereira**  
**António** Augusto Batista Soares **Marinho**  
**António** Lima Cardoso **Ventura**  
**António** Maria da Silva **Gonçalves**  
**António** Pedro Rebelo **Costa**

**Cláudio José Gomes Lopes**

**Jaime António da Silveira Jorge**

Jorge Alberto da **Costa Pereira**

**Jorge Manuel de Almada Macedo**

**José Manuel Avelar Nunes**

**José Manuel Cabral Dias Bolieiro**

**Luís Henrique da Silva**

**Maria José Botelho de Viveiros da Silva Lemos Duarte**

**Mark Silveira Marques**

**Pedro António de Bettencourt Gomes**

**Sérgio Emanuel Bettencourt Ferreira**

***Partido Popular (CDS/PP)***

**Artur Manuel Leal de Lima**

***Deputado Independente (Ind.)***

**Paulo Domingos Alves de Gusmão**

**Presidente:** Estão presentes 45 Srs. Deputados.

Pode entrar o público.

Vamos dar início à leitura da correspondência entretanto chegada à Mesa.

**Secretário (António Loura):** Do Grupo Parlamentar do PSD envio do Pedido de Dispensa de Exame em Comissão para o Projecto de Resolução cujo objecto recomenda ao Governo Regional dos Açores a adopção dos necessários mecanismos e instrumentos que possibilitem à Federação Agrícola dos Açores e deste modo a todas as Associações de Agricultores, para, com autonomia e independência, poderem contribuir para a proposta da Região para o POSEIMA.

**Secretário (Cláudio Lopes):** Do Grupo Parlamentar do PSD envio do Pedido de Dispensa de Exame em Comissão sobre a primeira alteração por apreciação parlamentar do Decreto-Lei nº 43/2006, de 24 de Fevereiro, que equipara entre o

Continente e as Regiões Autónomas os preços de venda ao público de publicações não periódicas e de publicações periódicas de informação geral.

**Secretário** (*António Loura*): Do Grupo Parlamentar do PSD envio do Pedido de Dispensa de Exame em Comissão do Projecto de Resolução cujo objecto é fornecimento do serviço público de transporte marítimo de passageiros e viaturas entre as ilhas da Região Autónoma dos Açores (Auditoria pelo Tribunal de Contas).

**Secretário** (*Cláudio Lopes*): Do Grupo Parlamentar do PSD envio do Pedido de Dispensa de Exame em Comissão sobre as relações financeiras do Estado com a Região Autónoma dos Açores.

**Secretário** (*António Loura*): Da Presidência do Conselho de Ministros, envio de parecer para o Projecto de Decreto-Lei que aprova o regime de acessibilidade aos edifícios e estabelecimentos que recebem público, via pública e edifícios habitacionais, revogando o Decreto-Lei nº 123/97, de 22 de Maio, que torna obrigatória a adopção de um conjunto de normas técnicas básicas de eliminação de barreiras arquitectónicas em edifícios públicos, equipamentos colectivos e via pública para melhoria da acessibilidade das pessoas com mobilidade condicionada.

Baixou à Comissão de Política Geral.

**Secretário** (*Cláudio Lopes*): Da Presidência do Conselho de Ministros, envio de parecer para o Projecto de Decreto-Lei que transpõe para a ordem jurídica nacional a Directiva nº 2004/41/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 21 de Abril de 2004, que revoga a legislação relativa à higiene dos géneros alimentícios e às regras aplicáveis à produção e à comercialização de determinados produtos de origem animal destinados ao consumo humano e altera a Portaria nº 492/95, de 23 de Maio e a Portaria nº 576/93, de 4 de Junho.

Baixou à Comissão de Economia.

**Secretário** (*António Loura*): Da Presidência do Conselho de Ministros, envio de parecer para o Projecto de Decreto-Lei que cria o Sistema Nacional de Informação e Registo Animal (SNIRA), que estabelece as regras para identificação, registo e circulação dos animais das espécies bovina, ovina, caprina e equídeos, bem como o regime jurídico dos centros de agrupamento, comerciantes e transportadores, e as

normas de funcionamento do sistema de recolha de cadáveres na exploração, revogando o Decreto-Lei nº 338/99, de 24 de Agosto.

Baixou à Comissão de Economia.

**Secretário** (*Cláudio Lopes*): Da Comissão de Assuntos Parlamentares Ambiente e Trabalho, relatório sobre o Pedido de autorização para o Deputado Fernando Manuel Machado Menezes prestar depoimento como testemunha nos autos do processo de inquérito nº 143/5.3TAPDL, a correr termos nos serviços do Ministério Público de Ponta Delgada.

**Secretário** (*António Loura*): Da Comissão de Assuntos Parlamentares Ambiente e Trabalho, relatório e parecer no âmbito da audição dos órgãos de Governo próprio das Regiões Autónomas, sobre o Projecto de Decreto-Lei nº 429/2005, que define o uso do solo admitido nas zonas confinadas com o aeroporto João Paulo II, em Ponta Delgada, e os limites do espaço aéreo a manter livre de obstáculos.

**Secretário** (*Cláudio Lopes*): Da Comissão de Assuntos Parlamentares Ambiente e Trabalho, relatório e parecer sobre o pedido de autorização para a Deputada Maria Fernanda Silva Mendes prestar depoimento como testemunha nos autos do processo de julgamento de responsabilidades financeiras nº 4/2005 (PRF) a correr termos na Secção Regional dos Açores do Tribunal de Contas.

**Secretário** (*António Loura*): Da Comissão de Assuntos Parlamentares Ambiente e Trabalho, relatório e parecer sobre o pedido de autorização para a Deputada Maria Fernanda Silva Mendes prestar depoimento como testemunha nos autos do processo de julgamento de responsabilidades financeiras nº 2/2005 a correr termos na Secção Regional dos Açores do Tribunal de Contas.

**Secretário** (*Cláudio Lopes*): Da Comissão de Assuntos Parlamentares Ambiente e Trabalho, relatório e parecer sobre o pedido de autorização para a Deputada Maria Fernanda Silva Mendes prestar depoimento como testemunha nos autos do processo de julgamento de responsabilidades financeiras nº 5/2005 a correr termos na Secção Regional dos Açores do Tribunal de Contas.

**Secretário** (*António Loura*): Da Comissão de Assuntos Sociais relatório nos termos do artigo 103º do Regimento da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores.

**Presidente:** Lida a correspondência, passamos ao tratamento de assuntos de interesse político relevante.

Para uma intervenção tem a palavra a Sra. Deputada, e Vice-Presidente, Fernanda Mendes.

**Deputada Fernanda Mendes (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros de Governo:

Não posso deixar de me congratular pelas inúmeras iniciativas ocorridas no passado dia 8, dia Internacional da Mulher. Constituíram-se em diferentes espaços de análise, debate, e reflexão sobre as diversas áreas do saber e respectivas práticas, relativas ao papel da mulher no desenvolvimento humano das sociedades, designadamente da açoriana.

Não tenho dúvidas de que os Açores ficam mais enriquecidos quando entidades e instituições, que intervêm na área da promoção da igualdade de oportunidades, juntamente com individualidades detentoras de conhecimento relacionado com o tema, nas suas diferentes vertentes, reúnem-se para trazer a público novas e velhas ideias sobre a problemática, e efectuar sínteses do que se está a concretizar no País, na Região, na Europa e no Mundo.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros de Governo:

Todos reconhecem que se tem feito caminho quanto à visibilidade, consciencialização, e tomada de decisão, sobre uma série de matérias relacionadas com a Mulher, enquanto cidadã, a quem o Estado deve a salvaguarda dos seus direitos, liberdades e garantias, constitucionalmente inscritas.

Saliento, pela sua especificidade, as questões relacionadas com a violência, nos seus diversos formatos, não só quanto à sua denúncia, mas também, face à criação de redes de intervenção para acudir ao problema, de importância capital para o equilíbrio das pessoas, das famílias e da própria sociedade.

A revisão do código penal, actualmente em curso, ao agravar as penas relativas a esse tipo de crimes é sinal disso mesmo.

Prenúncio, também, destes bons tempos relativos ao despertar da sociedade sobre essas matérias, foi a intervenção da comunicação social, particularmente a escrita, pródiga na divulgação dos eventos, mas, também, na participação activa com artigos

de opinião na sua grande maioria inseridos, já, na ideologia da igualdade entre os géneros no que respeita ao exercício pleno das respectivas cidadanias.

Foi vasto o universo das matérias focadas: desde o tráfico de mulheres para fins de exploração sexual e a importância da ratificação, por Portugal, em 2004, do Protocolo de Palermo acerca da problemática do tráfico de seres humanos; da desigualdade de tratamento dado pelo sector do desporto, no que respeita ao reconhecimento público de atletas com níveis de prestação de mérito; a participação das mulheres no mercado de trabalho, a escolaridade, qualificação de homens e mulheres e respectivo impacto nas remunerações, entre outros.

A este respeito os dados do Departamento Estatístico da União Europeia referem uma participação, acima da média europeia, das portuguesas, no mercado de trabalho, mas, segundo a mesma informação, a sua presença está focada em cargos intermédios – as mulheres concentram ainda pouco poder de decisão. Das 46 empresas cotadas, 32, não tinham qualquer mulher na administração.

Ou seja, tem havido um aumento da taxa de participação das mulheres no mundo do emprego. Em Portugal a taxa era de 55% em 1993, passando para 61,9% no ano passado, mas, segundo o Eurostat, ganham em média menos de 15% que os homens (entre 5 a 25% nos 25 membros da União Europeia).

É ainda de salientar, de acordo com o inquérito Família e Papéis de Género, elaborado por Kalin Wall (do Instituto Ciências Sociais em Lisboa, e Lígia Amâncio (do Instituto Superior de Ciência, Trabalho e Emprego) apresentado o ano passado, as mulheres trabalham 4 vezes mais, em casa, que os homens – estes, por semana, despendem 7 horas nas lides domésticas, enquanto elas gastam 26 horas; são a maioria nas universidades, 56,6%, no ano lectivo de 2003/2004, representaram 64% dos bacharelatos e licenciaturas, mas no que diz respeito a doutoramentos, em 2004, num universo de 12894, caem abruptamente para 3,8%; e, ainda, contribuem por igual para o orçamento familiar.

Do ponto de vista de Yves Turquin, num artigo, no Semanário Económico, de 3 de Março, é necessária legislação específica que promova a igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, que possa garantir uma retenção de colaboradoras com potencial, e que deveriam ser as empresas, as primeiras, a implementar políticas que

ajudem a prossecução destes objectivos. “Auxiliar as mulheres que pensam estar a sacrificar a sua vida familiar, é uma óptima opção para as empresas que não querem perder estas profissionais”. Lança a questão da necessidade urgente de adaptar o mercado de trabalho às suas necessidades, como já acontece em algumas organizações portuguesas e em Espanha, com a abertura de creches dentro da própria Empresa ou elaboração de acordos com creches próximas do local de trabalho, para permitir o alargamento do horário de trabalho dessas profissionais.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros de Governo:

Não restam quaisquer dúvidas de que a questão da igualdade entre os papéis de género também vai de encontro à resolução de alguns problemas europeus como os advindos do envelhecimento da população, a baixa natalidade, e a necessidade de aumentar o número de activos.

A agenda de Lisboa fixou a meta de 60%, que nós já atingimos, mas para haver mais mulheres no activo é necessário facilitar a conciliação entre vida familiar e o trabalho, por um lado, promovendo a partilha das responsabilidades domésticas, e por outro, promovendo apoios exteriores à família, para suprir as horas que as crianças estão fora da escola, e fomentar a participação do homem nas tarefas domésticas, segundo Anália Torres, Investigadora, no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e das Empresas, de Lisboa.

Nesse sentido, e a propósito do Dia Internacional da Mulher, a Comissão Europeia, para além de disponibilizar alguns dados estatísticos do Relatório sobre a Igualdade entre Homens e Mulheres 2006, que será apresentado no Conselho de Primavera de 23 e 24 de Março, em Bruxelas, anunciou a criação do Instituto do Género, que, a partir de 2007, terá por missão encontrar soluções para essas questões, pois importa captar o potencial das mulheres que representam metade dos licenciados na maioria dos países.

No que diz respeito à participação política das mulheres e a respectiva responsabilidade dos partidos políticos nessa matéria, no passado dia 8, a agenda política foi marcada pela apresentação na Assembleia da República do Projecto de Lei nº 225/X – Lei da Paridade, do Partido Socialista, visando normas tendentes a promover a Paridade. Para todas as eleições plurinominais, o mesmo é dizer, para a

Assembleia da República, Parlamento Europeu, e autarquias locais, as listas não poderão conter mais de dois candidatos do mesmo sexo colocados, consecutivamente, na ordenação da lista.

Este facto, segundo a análise de Manuel Agostinho Magalhães, no Expresso do passado dia 11, levará a que mais de 1/5 dos actuais autarcas poderão ter que se reformar, para que as mulheres ocupem os 33,3% dos lugares nas listas, o que levará forçosamente a renovação da classe política.

A este respeito, Sras. e Srs. Deputados, não posso deixar de referir – porque prezo a contenda –, os velhos, mas sempre presentes, argumentos dos a favor e dos contra (consustanciados na opinião escrita de dois homens, também no semanário Expresso desta semana) em que um deles, na sua abnegada indulgência, não gostaria de ver as mulheres sofrerem um qualquer vexame por virem a ser escolhidas apesar das suas incompetências – numa visão estrábica, de verdadeira negação, do vasto universo de mulheres portuguesas licenciadas e qualificadas, por acaso, e actualmente, em maior número que os homens (basta ver as estatísticas a esse respeito). Outros, porque entendem que não é o mérito que sobreleva nas escolhas, mas antes o contexto do território do poder, e sendo esse um sistema fechado, e controlado por quem o detém – os homens – só pode ser cindido por via de normas de obrigatoriedade de inclusão. Não é por acaso que só nos países onde vigoram sistemas de quotas há equilíbrio entre os dois géneros nos seus parlamentos. E como referia Daniel Oliveira, um dos articulistas acima mencionados, “[... ] E alguém se queixa de mediocridade parlamentar na Suécia, Noruega, ou Finlândia? Para as mulheres chegarem ao poder é preciso que os que já estão, ou os que pretendem lá chegar, sejam obrigados a largar os seus lugares. É preciso que alguém fique com os filhos quando há uma reunião do partido. Que alguém os vá buscar à escola e prepare o jantar, quando o trabalho entra pela noite dentro”.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros de Governo:

Nesta intervenção alusiva ao Dia Internacional da Mulher e à Paridade nas sociedades democráticas, não poderia deixar de fazer menção aos sinais de mudança, no que respeita à participação política das mulheres, no Mundo de hoje.

Refiro-me à recém empossada (passado dia 11 de Março) Presidente do Chile, Michele Bachelet, a primeira mulher a exercer o cargo nesse país, após 46 homens em quase 200 anos de vida republicana, e o que isso representa numa sociedade conservadora, como a chilena, e, ainda, por ser a primeira chefe de Estado em toda a América Latina.

**Deputado Nuno Amaral (PS):** *Muito bem!*

**A Oradora:** Este facto, inédito, só por si é de se assinalar, mas interessa também realçar o que a sua eleição representa e tem de simbolismo, para os resistentes a uma das ditaduras mais violentas (1973 – 1990) que assolou um país da América do Sul, desde o derrube, pelos militares, de um presidente democraticamente eleito, Salvador Allende – constituindo-se, como a própria afirmou, “depositária de uma história que teve épocas cinzentas e amargas.”

Filha de um general da força área chilena, fiel a Salvador Allende, e de uma antropóloga, Michele Bachelet inicia a sua actividade política como militante do PS em 1970. Jovem de 17 anos, e já após a morte do seu pai, quando estava detido, motivado pela tortura, foi presa e torturada juntamente com a sua mãe, nas prisões clandestinas do regime. Depois de solta esteve exilada. Em 1979, regressa ao Chile e termina o seu curso de medicina. Impedida de exercer prossegue os estudos como bolseira e faz as especialidades de Pediatria e Saúde Pública.

Após a abertura democrática, em 1990, frequenta o curso da Academia Nacional de Estudos Políticos e Estratégicos, onde obtém o primeiro lugar. Esse facto, vale-lhe uma bolsa para o Colégio Interamericano dos Estados Unidos, e mais tarde, acaba por fazer um mestrado na Academia de Guerra chilena. Foi Ministra da Saúde e dois anos depois Ministra da Defesa.

Além do facto inédito de se tratar de uma mulher no contexto sócio-político da América do Sul, e como a próprio referiu numa entrevista, detentora dos três pecados políticos capitais para a sociedade chilena: ser mulher (mãe de três filhos), divorciada e agnóstica, é salientada a forma como interpreta a função que desempenhará que é a preocupação de manter viva a “chama da cidadania”. Quanto à falta de marido, responde nomeando a mãe para o cargo de “primeira-dama”, atribuindo-lhe as funções usualmente destinadas às esposas dos Presidentes.

E se dúvidas houvesse, quanto ao cunho pessoal, segundo as notícias, uma semana depois de ter sido eleita, e ter dito que o faria, anunciou a constituição do governo, 10 homens e 10 mulheres de competência técnica aparentemente inquestionável, na sua maioria jovens e pouco envolvidos na alta política, embora respeitando os equilíbrios da sua coligação.

Não há dúvidas, dizem os cronistas, que a tomada de posse de Michele Bachelet, numa cerimónia curta, 20 minutos, e sóbria, sem os discursos rígidos do protocolo chileno, diante de trinta chefes de Estado das América, Europa e África, e delegações de 120 países (onde o nosso país esteve representado pelo Presidente da Assembleia da República), foi a cerimónia que mais despertou o interesse internacional, depois da posse de Allende, em 1970.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros de Governo:

Gostaria de terminar transpondo para o contexto desta intervenção, o sentido das palavras do presidente cessante, Ricardo Lagos, horas antes de deixar o Palácio de La Moneda. Para nós, o Partido Socialista, cada passo dado em direcção à Paridade entre homens e mulheres no que respeita à participação na vida pública e na esfera privada é uma festa da democracia, é o que faz de nós uma Região e um país sérios e confiáveis, aos olhos de nós próprios e dos outros, e nos leva a acreditar na nossa capacidade de continuar a trabalhar no sentido da mudança, o mesmo é dizer, em prol do nosso desenvolvimento social e económico, mas sobretudo do desenvolvimento humano dos açorianos e dos Açores.

Disse!

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Está aberto o período para inscrições.

*(Pausa)*

Estão inscritos os Srs. Deputados Paulo Gusmão e Maria José Duarte.

Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Gusmão.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Primeiro as senhoras!

(\*) **Deputado Paulo Gusmão (Indep.):** Não vou dar o lugar às senhores porque pode ser interpretado como uma situação machista.

*(Risos da Câmara)*

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Certamente a Sra. Deputada que se seguirá terá algo mais importante para dizer do que eu, daí também deixá-la para último lugar, porque é o lugar de honra, o de encerramento.

Apenas duas notas:

A primeira de saudação à Sra. Deputada Fernanda Mendes porque se bate por aquilo que acredita, aliás, com alguma garra. Sabe perfeitamente que sou daqueles que acredita precisamente no contrário, que as pessoas devem aceder aos lugares única e exclusivamente em função do mérito, sou daqueles que tem em casa, e também no seu trabalho, uma mulher que não acha graça ao Dia 8 de Março, porque acha que enquanto os homens também não tiverem esse dia, é quase uma discriminação de algo muito diferente, sobretudo numa sociedade que hoje já é evoluída como a nossa. Saúdo o seu exemplo do Chile, mas aqui bem mais perto, poderia falar da nossa Secretária Regional, que também exerce funções e com competência; poderia falar de autarcas que há nos Açores, com marido e filhos. Para isso não é preciso ser divorciado nem agnóstico. São pessoas que fazem a sua vida na política.

Para encerrar, sobretudo deixando essa nota de saudação pelas suas convicções, apenas uma pequena questão que tem a ver com o manter ou não essa coerência.

Se porventura nos Açores, terra de 550 anos de opressão masculina, desde os tempos das capitánias gerais e até passando por cada uma das donatárias de ilha, houvesse libertação feminina e aparecesse uma candidatura feminina nas próximas regionais, por duas forças políticas que fossem mais ou menos parecidas, que não fosse propriamente mudar o sistema e o regime, qual era o seu apoio? Essa nova candidatura ou deixava ficar forçosamente no homem que se candidatasse?

**Presidente:** Tem a palavra a Sra. Deputada Maria José Duarte.

(\*) **Deputada Maria José Duarte (PSD):** Obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Em primeiro lugar, gostaria de felicitar a Sra. Deputada Fernanda Mendes pela sua intervenção. É sempre gratificante para uma mulher ouvir falar do seu género.

Ao longo dos anos, nós, mulheres, temos lutado para merecermos o respeito, a consideração e o reconhecimento a que temos direito, quer a nível social, quer a nível profissional ou mesmo político.

Reconheço que muito ainda está por fazer, reconheço que muito tem que ser feito.

Por isso o meu lema é o seguinte: todos os dias são Dias Internacionais da Mulher.

**Deputado Mark Marques (PSD):** *Muito bem!*

**A Oradora:** Todos os dias a mulher tem o direito de ser respeitada, quer a nível profissional, quer a nível social e político.

Todos os dias a mulher deve lutar pelo seu espaço, por aquilo a que tem direito.

Todos os dias, e a meu ver, a mulher tem que perceber o seu papel na sociedade, conquistar e rever preconceitos e limitações que lhe vêm sendo impostas.

Cabe a nós, mulheres, e só a nós, mudar as mentalidades mais machistas, quer através do nosso importantíssimo papel como mães na educação dos nossos filhos, quer como profissionais, quer como cidadãs ou pelo facto de sermos simplesmente mulheres.

Portanto, a nossa luta tem que ser diária, tem que ser uma luta contínua, para além de exibicionismos e comemorações.

Disse.

**Deputado Mark Marques (PSD):** *Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra a Sra. Deputada Fernanda Mendes.

**Deputada Fernanda Mendes (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Agradeço as palavras de saudação.

Sorri com os sorrisos, não tenho qualquer problema nisso.

Gostaria de responder em conjunto.

Eu não confundo a árvore com a floresta e nunca confundo o particular e o interesse geral.

Nestas problemáticas, no que diz respeito à igualdade de oportunidades, que tem uma caminhada que se vem fazendo há longa data, desde a revolução industrial temos tido uma escalada no sentido de promover a mulher, seja porque a certa altura teve necessidade de se deslocar para o meio laboral, ou porque a própria sociedade, em certos momentos históricos, quase que o exigiu por força das circunstâncias (vejamos a II Guerra Mundial, em que um enorme número mulheres estiveram presentes nas fábricas, porque os homens estavam na guerra).

Mas a grande questão que se coloca é a do desenvolvimento humano: à medida que nós temos progredido ao longo da história, nessa história há sempre dois seres presentes, e tem de se reconhecer que, para além da problemática das crianças, das violências, de não se reconhecer os seus direitos, havia uma série de questões relacionadas com o género, como o papel social, papel sexual - o papel da mulher na sociedade.

Quando se fala em paridade e em igualdade de oportunidades, não tem nada a ver com escolher uma incompetente ou escolher só competentes. Não é isto. Quando se escolhe, escolhe-se o melhor.

Agora, é preciso dar oportunidade para todos os elementos que constituem esta sociedade, que são os homens e mulheres. Estas são as questões da política da igualdade de oportunidade.

Eu também concordo que todos os dias são dias de homens e mulheres, mas também acho que o Natal é todos os dias, mas só se comemora no dia 25 de Dezembro. Esta é que é a grande realidade.

E o Dia dos Namorados? Eu adoro que o Dia dos Namorados se comemore todos os dias, mas a verdade é que só há um dia dedicado aos namorados.

É neste contexto que eu entendo que tem lógica o Dia Internacional da Mulher. É neste e só neste, até porque se aproveita para se fazer debates e sínteses do que está a suceder.

Estes dias servem para isto mesmo e não vão para além disto, porque as políticas vão-se fazendo ao longo do ano, as iniciativas no sentido de promover a igualdade de oportunidades vão-se fazendo todos os dias e em determinados momentos mais do que outros.

Portanto, eu acho que em alguns aspectos estamos todos de acordo. Ninguém quer que uma pessoa que não deseja ir por este caminho ou por aquele, não tenha actividade política ou que não queira ter um emprego numa dada profissão, seja obrigado.

**Presidente:** Agradecia que concluísse, Sra. Vice-Presidente.

**A Oradora:** Vou concluir, Sr. Presidente.

O que é preciso é que haja oportunidades para aqueles que desejam o possam concretizar e que essas oportunidades sejam iguais para homens e mulheres.

**Deputada Catarina Furtado (PS):** *Muito bem!*

**Presidente:** Passamos à intervenção seguinte.

Peço a um Sr. Deputado do Grupo Parlamentar do PSD que substitua o Sr. Deputado Cláudio Lopes.

*(Neste momento, o Deputado Cláudio Lopes foi substituído no lugar de Secretário da Mesa pelo Sr. Deputado Luís Henrique)*

**Deputado Cláudio Lopes (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Antes de mais permitam-me uma breve explicação.

Esta intervenção estava para ser apresentada ontem, mas devido à interrupção dos trabalhos para conferência de líderes, não foi possível.

Faço questão de apresentá-la neste plenário por considerá-la uma intervenção de relevante interesse político para o concelho das Lajes e para a Ilha do Pico.

A crença num progresso constante e ilimitado, suscita hipóteses sobre o futuro dos edifícios escolares, sobre o seu funcionamento e sobre a sua nova organização.

O avanço tecnológico, acelerado nas últimas décadas, a revolução cultural a que temos assistido ultimamente, com os fortes contributos da criatividade e inovação, podem levar os mais líricos a imaginar uma sociedade do séc. XXI a adquirir formação escolar, sem escola, ou seja, numa perspectiva futurista admitir-se a possibilidade de aos poucos irem-se eliminando das cidades, das vilas e das freguesias, esses monstros físicos denominados escolas.

Será caso para nos interrogarmos sobre que futuro da escola, enquanto infra-estrutura física, no século XXI?!

Será que o ensino tradicional, ministrado em escolas físicas, com professores em salas de aulas, dará num futuro próximo lugar ao ensino ao domicílio, individualizado, apoiado na instalação de terminais de computadores, beneficiando do mundo tão maravilhoso quanto perigoso da NET, um ensino portanto, programado e enviando a partir de um centro técnico, informação para todos os azimutes do país?! Quem sabe se já não será essa a ideia que se esboça, embrionariamente, no pensamento da nossa tutela educativa regional?!

Admito, vagamente, que possa o futuro do nosso ensino tradicional ser gradualmente substituído por esta onda de modernidade que encontra suporte nas novas tecnologias, que hoje nos oferecem aquilo que há 50 anos atrás não imaginávamos.

Muito embora acredite num mundo de surpresas que possam ocorrer no século XXI, e me esforce por ter um pensamento cultural ajustado ao 1º quartel deste século, continuo convicto que, atendendo à realidade sócio-económica e cultural das nossas sociedades, nas próximas décadas não poderemos dispensar o modelo básico de ministrar o ensino em escolas, ditas tradicionais. Todos aceitamos a necessidade em se apostar na qualificação dos nossos recursos humanos, como forma de vencermos o nosso atraso estrutural. Temos, pois, entidades públicas com responsabilidade na matéria, de continuar a fazer um grande esforço para oferecermos os melhores meios para o sucesso do ensino, a começar pela base do sistema.

A escola não pode funcionar como um estigma, mas sim como uma motivação forte, no combate ao absentismo e ao insucesso escolar. É imperioso, por isso, ter escolas atractivas, apelativas e não o contrário. Uma escola degradada, sem espaços adequados, sem equipamentos apropriados, nunca pode ser peça importante de um sistema educativo que se quer bem sucedido.

Estamos atrasados em algumas matérias, já deveríamos ter concretizado algumas acções. E porque não o fizemos em devido tempo, não podemos adiar mais as decisões sobre a sua realização.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Vamos ao concreto:

Sr. Secretário Regional da Educação e Ciência, a nova Escola Secundária das Lajes do Pico, a fazer fé nas suas promessas, já deveria ter sido construída, há vários anos. Mas a verdade é que ainda nem o projecto existe. Vossa Excelência prometeu e não fez. Renovou várias vezes, nestes 10 anos, esse compromisso e continua a não concretizá-lo. Diga-me pois: é de sua própria e livre vontade ...

*(Risos da câmara)*

... assumir esta construção, na presente legislatura, ou não?!

O modo como lhe dirijo esta pergunta é semelhante à que se faz no altar quando o padre pergunta aos noivos se estão dispostos a assumir o compromisso de casamento. É, e teria sido bom, muito bom, para a comunidade escolar e educativa do Concelho das Lajes se Vossa Excelência tivesse casado com este compromisso e lhe tivesse sido fiel (como se deve ser num verdadeiro casamento).

Pelo contrário, Vossa Excelência, ou não casou com ele e tem antes com ele mantido um namoro traiçoeiro, ou se casou tem-lhe sido perfeitamente infiel.

Sr. Secretário Regional,

Não vou, nesta intervenção, relembrar todo o historial que esta questão encerra. Os factos são factos e são o que são e traduzem-se em compromissos imensos e feitos de várias formas. A verdade é que em termos de realização efectiva, até agora, ela foi igual a zero.

Também não lhe vou aqui relembrar os motivos porque se impõe a construção de uma nova Escola nas Lajes do Pico. Vossa Excelência conhece-os muito bem e muito melhor do que eu. Aliás se já há vários anos Vossa Excelência assumia por escrito na carta escolar a premência de se construir uma nova escola naquele Concelho, atento o elevado nível de degradação das condições físicas daquela, não se espera que passados 6 anos após tais conclusões e sem que se tenham, entretanto, realizado obras de restauro ou manutenção, essas mesmas instalações tenham melhorado. A não ser que algum milagre, que desconheço, tenha entretanto acontecido.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Concordo que falar para trás não adianta. O passado apenas serve para alicerçarmos o futuro. Mas como o passado nesta matéria foi tão inconsistente, e tão inconsequente, tenho que equacionar a hipótese de admitir que os alicerces que agora parece querer construir para dar início a esta acção, não sejam os mais seguros.

Mas procuremos esclarecer melhor as vossas reais e sinceras motivações.

No passado dia 21 de Fevereiro, nesta câmara, subia a esta tribuna o Sr. Deputado Lizuarte Machado para anunciar medidas preventivas para os terrenos onde se pretende implantar a nova Escola Básica e Secundária das Lajes do Pico. Quero acreditar na boa fé desta iniciativa, embora a experiência me vá aconselhando para algum cepticismo que é necessário ter sobre manobras que às vezes alguém habilidosamente pretende incluir na acção política.

Ontem, aqui, nesta câmara, aquando da aprovação das medidas preventivas atrás referidas o Sr. Secretário Regional da Educação e Ciência afirmou que a aprovação desta iniciativa marcava o arranque de um novo ciclo sobre esta matéria e uma nova caminhada, agora imparável. Ou seja, tenho que daqui fazer a leitura que finalmente Vossa Excelência está decidido e apostado em construir a nova Escola Secundária das Lajes do Pico. Então permita-me que lhe dirija de novo uma pergunta concreta e objectiva sobre este assunto, na expectativa de obter uma resposta igualmente concreta e objectiva: estando definitivamente escolhido o local, quando temos o projecto?! Que calendário tem o Governo para a sua execução? É isso que gostava que Vossa Excelência me dissesse. Se é essa na realidade, a vontade expressa da tutela.

Se a decisão política está tomada então agora há que agir e depressa, por isso creio que não adianta recorrer a mais desculpas como a nova carta escolar, pareceres desta ou daquela entidade ou levantamentos topográficos. Ou seja não vale a pena entreter. Não espero que se argumente também com a falta de dinheiro, pois com tanto superavit este parece não ser o problema. E se quer que lhe deixe aqui uma sugestão poderá avançar pela SPRHI,SA, tal como fez com a Escola Secundária da Horta, se tiver falta de argumentos justifique com o sismo de 98, pois a Freguesia das Lajes também foi bastante abalada por aquele sismo. Assim ganharíamos todos muito tempo.

Sr. Secretário e Srs. Deputados do PS eleitos pela Ilha do Pico, quero acreditar convictamente nesta vossa nova **vontade política** para concretizar este objectivo. Vossas Excelências têm agora a oportunidade de o demonstrar até ao final desta legislatura, pois é o vosso compromisso. Relembro que desta legislatura, já deixaram passar dois planos anuais, 2005 e 2006, sem contemplar esta obra. Como sabem ela continua a não aparecer neste plano de 2006. Perderam também uma oportunidade quando chumbaram uma proposta do PSD que pretendia incluir no plano de 2005 esta acção, com uma dotação financeira para, pelo menos, se elaborar o projecto. Os Srs. Deputados do PS eleitos pelo Pico chumbaram esta proposta.

Tem havido falta de vontade política da vossa parte. Admitam-no. Oxalá que daqui para a frente haja, efectivamente, outro empenho político. É aqui que quero centrar a minha intervenção e concentrar a minha crítica.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A construção de uma nova Escola Secundária nas Lajes do Pico é uma prioridade para a comunidade educativa daquele Concelho. O Grupo Parlamentar do PSD está empenhado em dar o seu contributo para bem do cumprimento deste objectivo, esperamos assim da parte do Governo Regional o comprometimento político necessário bem como o cumprimento das promessas anunciadas e do calendário que for para ela estabelecido.

Tenho dito.

**Deputados Mark Marques e Jorge Macedo (PSD):** *Muito bem!*

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Embora não seja “padre” deste “matrimónio”, é com muita ansiedade que dou a palavra ao Sr. Secretário Regional, aguardando a sua resposta.

(\*) **Secretário Regional da Educação e Ciência (Álamo Meneses):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Depois do susto que passei com a pergunta que me foi feita, eu tenho que me apressar e responder que não... não... não!

Em relação às questões concretas das escolas, eu creio que elas ontem foram sobejamente respondidas. Ontem tivemos seis intervenções sobre o tema e acho que o que havia a dizer sobre a escola foi dito.

Quanto às questões reais que se colocam neste momento em relação à escola, é uma escola que tem os seus problemas, mas nós, infelizmente nos Açores, temos muitas outras escolas que têm problemas e nalguns casos mais graves.

Há prioridades e elas foram seguidas de acordo com aquilo que era necessário fazer-se em relação ao nosso parque escolar.

É preciso não dramatizar demais este problema e perceber que a escola é relativamente nova comparada com outras e tem uma qualidade que muitas outras não têm. Não tem as características que nós gostaríamos que tivesse, por isso tomámos a decisão de a substituir.

Essa substituição será feita dentro daquilo que serão, por um lado, as prioridades estabelecidas, e, por outro lado, as nossas disponibilidades do ponto de vista financeiro.

Não há nada que agrade mais a um secretário da educação do que construir novas escolas e dizer que há novas escolas.

Agora, é evidente que nós não podemos fazer todas as escolas e não podemos fazê-las todas ao mesmo tempo.

Ontem, deu-se um passo neste processo. Encerrou-se um capítulo e abriu-se outro.

A devido tempo, e espero que seja depressa, teremos uma nova escola a construir no concelho das Lajes.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o “padrinho”, Deputado Lizuarte Machado.

(\*) **Deputado Lizuarte Machado (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu como não sou “noivo”, posso ser “padrinho” de qualquer matrimónio.

Relativamente à intervenção do Sr. Deputado Cláudio Lopes, apenas para dizer que a discussão foi feita ontem. Não há nada a acrescentar.

De resto, a intervenção até é um pouco extemporânea, justamente por isso, porque o debate foi feito ontem e, como ontem foi aqui frisado, este compromisso é nosso.

A resolução do problema também chamámos a nós e estamos a resolver.

Vamos construir a escola, porque o concelho das Lajes merece e precisa.

Ontem foi o encerramento da primeira fase, tal como explicou o Sr. Secretário (estudos, levantamentos, definições). Agora começa a segunda fase que se desenvolverá tão rápido quanto possível, de acordo, aliás, com os critérios que, quer ontem, quer hoje, foram aqui explicados pelo Sr. Secretário.

Continuaremos a proceder exactamente como procedemos nessa situação que é, passo a passo, ir resolvendo de forma consistente e segura os problemas que se nos deparam não só neste caso concreto, mas em todos os outros que surgem.

É assim, é a nossa maneira de estar e é a nossa obrigação ir, paulatinamente, resolvendo os problemas.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Cláudio Lopes.

(\*) **Deputado Cláudio Lopes (PSD):** Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Muito brevemente para considerar, da minha parte, este debate encerrado, porque, ao fim e ao cabo, ocorreu ontem.

O meu objectivo era, hoje, por via desta intervenção, deixar o registo no Diário das Sessões desta Assembleia, porque acho que é aqui o lugar próprio para se discutir estes assuntos que considero de relevante importância para a comunidade educativa do concelho das Lajes e também para a discussão política que, ao fim e ao cabo, é necessário fazer neste fórum.

O registo ficou feito da minha parte, da parte do Sr. Secretário e da parte dos que puderam intervir neste debate.

O objectivo está cumprido.

Gostava só de dizer que, apesar deste registo, ficam registados compromissos novos e diferentes que inspiram uma nova confiança para bem do desenvolvimento futuro deste objectivo.

Assim espero e faço votos que isso aconteça.

Portanto, da minha parte e da parte do Grupo Parlamentar do PSD, para já, este assunto fica encerrado.

Para aproveitar uma observação feita pelo Sr. Secretário, de não dramatizar este assunto, não sei se o Sr. Secretário sabe (e isto também serve um pouco para a Sra. Secretária Regional do Ambiente e do Mar), mas hoje a Escola das Lajes foi encerrada devido ao estado do mar na Vila das Lajes do Pico.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Lizuarte Machado.

(\*) **Deputado Lizuarte Machado (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado Cláudio Lopes:

Não são compromissos novos, nem diferentes, os que ficaram aqui assumidos. São compromissos que constavam do nosso manifesto eleitoral...

**Deputado Mark Marques (PSD):** Qual deles? O de 2000 ou de 2004?

São votos renovados!

**O Orador:** ... que o Sr. Deputado ontem, da sua bancada, abanou.

Não são novos, nem são diferentes. São os compromissos que nós assumimos e que constam do nosso manifesto eleitoral que foi sufragado pela população. Eles estão a ser cumpridos e vão ser cumpridos, como é nosso hábito.

**Presidente:** Para uma intervenção, tem a palavra o Sr. Deputado Artur Lima.

*(Neste momento, o Deputado Cláudio Lopes retomou o seu lugar de Secretário da Mesa)*

**Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A TAP-Portugal entendeu proceder à digitalização de documentos, nomeadamente do bilhete de identidade e do cartão de contribuinte dos passageiros que viajam com bilhete de residente.

A referida reprodução digital está a ser efectuada nos balcões de check-in, desde Maio de 2005, na Terceira, Horta e Ponta Delgada.

Justifica a TAP este seu procedimento, com a necessidade de fornecer elementos à Inspeção-Geral de Finanças que comprovem a condição de residente dos passageiros

com bilhete subsidiado, invocando para tal o Decreto-Lei 138/99, de 23 de Abril, se bem que este careça de regulamentação para alguns dos seus artigos.

Atente-se então ao disposto no referido diploma:

- No seu artigo 12.º, n.º 1, refere-se que aquando da emissão e pagamento do bilhete, os beneficiários deverão exhibir – repito: exhibir – o respectivo cartão de contribuinte e o bilhete de identidade, ou o passaporte ou a cédula pessoal, nos quais conste a indicação da residência, cujo número será inscrito no bilhete.

- No artigo 18.º, n.º 2, prevê-se que a Inspeção-Geral de Finanças pode exigir que as listagens de bilhetes vendidos com desconto sejam acompanhadas de cópias – e sublinho: cópias – dos bilhetes de passagem em causa e da documentação comprovativa da elegibilidade dos beneficiários.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Do exposto se pode concluir que a companhia aérea apenas necessita apresentar cópia dos bilhetes de passagem e de mencionar a fonte documental que comprova a residência, para o que não necessita digitalizar os documentos pessoais dos passageiros.

Além de inadequado, o procedimento da TAP é manifestamente excessivo, fazendo recolha de dados constantes de documentos que não são indispensáveis para o fim em causa, violando assim os direitos dos passageiros.

Resulta das normas Europeias, nomeadamente da Convenção 108 do Conselho da Europa e da Directiva 95/46/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, bem como da lei nacional de protecção de dados pessoais, concretamente Lei n.º 67/98, de 26 de Outubro, que os dados obtidos devem ser tratados de forma lícita e com respeito pelo princípio da boa fé, exactos e ainda adequados, pertinentes e não excessivos relativamente à finalidade para os quais foram recolhidos.

Ora as companhias, ao digitalizarem todo o Bilhete de Identidade, estão como é obvio a recolher dados como a filiação, a naturalidade, a data do nascimento, o estado civil e até a altura, que não servem para o fim em causa, violando assim a lei nacional e as normas europeias.

Depois, para se cumprir a lei, antes de se iniciar o tratamento (que segundo o conceito legal inclui a própria recolha) de dados automatizados ou parcialmente

automatizados, o responsável deve obrigatoriamente notificar a Comissão Nacional de Protecção de dados, nos termos da Lei 67/98 e como seria lógico aguardar a apreciação de todo o processo de legalização.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Perante queixas apresentadas, a Comissão Nacional de Protecção de Dados verificou que a TAP estava claramente indiciada pela prática de uma contra-ordenação, por falta de notificação do tratamento de dados de passageiros, previamente ao seu funcionamento e pela violação da lei foi-lhe aplicada a correspondente coima.

O que se verifica actualmente é que a SATA procedeu recentemente à notificação, estando também a digitalizar os documentos dos passageiros, **mas não tem** a respectiva base de dados legalizada.

Acrescente-se que no registo público da Comissão Nacional de Protecção de Dados não consta nenhuma base de dados, para o fim em causa, em nome dessas companhias.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O que verdadeiramente se passa é que às companhias aéreas, para poderem garantir os subsídios, bastaria a verificação e anotação dos documentos que comprovassem a residência. Se mais pedem é porque não confiam no seu pessoal. Aliás, quando o Estado se sentir na necessidade de pedir elementos à TAP e à SATA, significa que não está a confiar em companhias cujo capital é inteiramente detido por entidades públicas!

Muitos açorianos são, por diversos e ponderosos motivos, levados a concluir que são tratados como portugueses de segunda. Este tratamento que lhes está a ser infligido, primeiro pela TAP e depois – mais incompreensivelmente ainda – pela SATA Internacional, é infelizmente mais um motivo para dar razão aos que assim pensam.

No caso da TAP a autonomia tem de ter meios de atacar a irregularidade e de lhe pôr termo. No caso da SATA trata-se de uma anomalia, que embora levada a cabo pela SATA Internacional, nem por isso deixa de ser um problema caseiro, que pode ser resolvido pela Secretaria Regional da tutela.

É tempo de não permitir que se continuem a discriminar os açorianos; e de começar por impedir que essa discriminação seja feita por empresa regional.

E como agora está na moda aplicar uma frase latina para dourar os textos, terminamos afirmando que é preciso aplicar a lei, pois “*dura lex, sed lex*”.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Clélio Meneses.

(\*) **Deputado Clélio Meneses (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A questão aqui trazida oportunamente pelo Sr. Deputado Artur Lima vai, de resto, de encontro a um conjunto de queixas e de perplexidades de cidadãos.

De facto, têm sido recorrentes estas queixas e a perplexidade demonstrada por cidadãos que são sujeitos a este tipo de tratamento nos balcões da SATA e da TAP. E se há queixas e perplexidade dos cidadãos, também há incómodo dos próprios funcionários da SATA que se vêm obrigados, com alguma dificuldade, a ter um comportamento do qual eles não são responsáveis. Isto é, a medida em causa afecta quer os passageiros, quer os próprios funcionários da SATA.

De resto, penso que há unanimidade, e ninguém pode demonstrar o contrário, de que a mera apresentação dos documentos seria suficiente para precaver os interesses que, suposta ou eventualmente, são postos em causa.

Não é exigível que, de alguma forma, seja necessário a digitalização desses documentos com os riscos que comporta, mas, sobretudo, com a forma com que se violam direitos e garantias dos cidadãos.

O argumento que já foi constatado e posto em público, em algumas circunstâncias, é de que é a única forma que existe para controlar os ditos bilhetes dos passageiros residentes.

Ora, o que não nos parece de nenhuma forma sustentável, é que a insularidade, as suas especificidades e os seus custos, sejam sujeitos à desconfiança.

O que não nos parece, de nenhuma forma, é que a insularidade, as suas necessidades e os seus custos, sejam sujeitos à restrição de direitos e de garantias dos cidadãos, conforme está a acontecer.

Por isso é inexplicável que da parte da TAP haja este comportamento, mas muito mais difícil de explicar, muito menos aceitável, é que seja a SATA, uma empresa açoriana, a pôr em causa os interesses, os direitos e as garantias dos cidadãos,

supostamente para valorizar e precaver a insularidade e os bilhetes, ditos, dos passageiros residentes.

Por tudo isto, parece-nos que é importante que a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores debata este assunto no sentido de precaver os interesses dos açorianos e os interesses da insularidade que não pode, a pretexto de um qualquer capricho, ser posta em causa.

Por isso, da parte do Grupo Parlamentar do PSD registamos a intervenção do Sr. Deputado Artur Lima e também manifestamos a nossa preocupação, a nossa perplexidade e, sobretudo, a nossa veemente discordância pela forma como estão a ser postos em causa os direitos e os interesses dos cidadãos sujeitos, como estão a ser, por medidas que nos parecem que serão, no mínimo, levianas.

Mas o tempo que já passou, as queixas que já existem e estar recorrentemente a ter-se esse procedimento, não nos parece que seja adequado.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Economia.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu devo confessar, com toda a sinceridade, que tenho tentado encontrar uma solução para este problema, que é um problema que não é de hoje, de ontem, nem deste Governo do Partido Socialista, nem do Governo anterior. É um problema que se vem arrastando há vários anos e surgiu pela detecção, no caso da Madeira, de fraudes, em relação ao subsídio ao preço do bilhete.

Como sabem, este modelo do transporte aéreo foi iniciado, primeiro, na Madeira e havia companhias áreas onde se detectou que tinham praticamente todos os seus passageiros como residentes.

As Finanças exigiram – e é as Finanças a nível do Governo da República que exigem – que as companhias aéreas apresentem uma cópia do Bilhete de Identidade e do número de Contribuinte, que deve ser verificado no acto da venda do bilhete.

Acontece que as pessoas não os apresentam na altura e, na altura do embarque, as companhias aéreas não têm essa cópia e, por obrigação da Inspeção das Finanças, são obrigadas a violar aparentemente a lei que está em vigor.

A realidade é esta. Nós temos de ser todos mais cuidadosos com a lei que existe (as leis existem, todas elas, para serem respeitadas). Portanto, aquilo que as Finanças exigem tem que estar de acordo com a lei e as companhias aéreas também têm que respeitar as leis vigentes.

O facto de não nos ser reembolsado o subsídio ao preço do bilhete se não apresentarmos um documento comprovativo de que era aquela pessoa que estava a viajar com aquele Bilhete de Identidade e com aquele número de Contribuinte, se as Finanças não tiverem essa cópia, que pode ser entregue voluntariamente pelos passageiros residentes, elas não recebem o subsídio ao preço do bilhete.

Por isso, temos que encontrar uma solução para isso, é o que eu vos posso afirmar.

A realidade é que as companhias aéreas são obrigadas a fazer o que estão a fazer. Há também alguma displicência por parte dos passageiros que não entregam voluntariamente, na altura certa, os documentos necessário e obriga, para as companhias aéreas, atrasos e para quem faz o *handling* das aerogares atrasos e filas enormes. Muitas vezes assistimos a filas que resultam apenas devido a isso, as pessoas esquecem-se de entregar aquele documento na altura que compram o bilhete e origina demora no *check-in* das companhias aéreas, o que é negativo para as companhias aéreas e é negativo para quem tem a gestão das aerogares.

Vamos tentar encontrar uma solução, é o que vos posso dizer.

Não tem sido fácil. O diálogo com as Finanças tem sido extremamente difícil, porque houve no passado maus exemplos.

Não se pode dizer que nós somos todos sérios, a realidade é esta. Há, de facto, quem pratique a fraude, quer seja açoriano, quer seja madeirense ou quem quer que seja, por isso as Finanças exigem este procedimento para pagar o subsídio ao preço de bilhete.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Artur Lima.

(\*) **Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Registo, em primeiro lugar, a boa vontade do Sr. Secretário em querer resolver este problema que, realmente, é um problema muito sério.

Realmente, esse problema foi posto primeiro na Madeira, como o Sr. Secretário disse, em relação a companhias privadas. Esses casos aconteceram, sobretudo, em relação a uma companhia privada.

Estamos aqui a falar de companhias públicas e uma delas é o Governo Regional.

Sr. Secretário, ninguém se opõe a que as companhias façam uma base de dados, desde que ela seja devidamente legalizada e que seja feita como deve ser.

Agora, indiscriminadamente, chegarmos ao aeroporto, fotografarem-nos e digitalizar, com máquina digital, o Bilhete de Identidade e os nossos documentos, é abusivo. A lei é clara.

O Governo Regional, Sr. Secretário, deve ter, naturalmente, poder sobre a SATA.

Eu lembro-lhe as declarações do Sr. Eng<sup>o</sup> Cansado, pessoa que eu muito estimo e tenho muita consideração, quando isto surgiu. Isto surgiu nos Açores, Sr. Secretário, só em Maio de 2005 e com a SATA, em Dezembro, se não me falha a memória.

O Sr. Eng<sup>o</sup> Cansado disse que se sentia constrangido em dar os seus documentos para serem digitalizados (ora bem!) porque se está a recolher informação excessiva.

Na notificação à Comissão Nacional da Protecção de Dados, as companhias têm que dizer qual a finalidade para que querem aqueles dados.

Eles só querem o número do nosso Bilhete de Identidade e a nossa residência. Não querem saber do meu 1, 87 metros ou do 1,57 do outro, ou se é casado ou solteiro. É excessivo. É uma violação da privacidade.

O que eu lhe quero apelar, Sr. Secretário, é que o Governo, naturalmente, tem poder para suspender este procedimento. As companhias já puseram um processo de notificação.

Portanto, aguarde-se que a Comissão Nacional da Protecção de Dados responda qual a sua decisão, porque isto é o Estado a funcionar mal. “É uma pescadinha com rabo na boca”.

A Comissão Nacional da Protecção de Dados já tem os processos de notificação. Diz que não sabe quando é que responde.

O Sr. Secretário use os seus bons ofícios junto do Governo da República de modo a que as companhias aéreas possam, rapidamente, legalizar todo este processo e que os passageiros vejam os seus direitos protegidos e guardados.

Quando chegamos ao aeroporto temos que dar consentimento para fotografarem os nossos dados. Se dissermos que não, dizem que não embarcamos. É uma ameaça, quando a lei diz que se deve exhibir na agência e no local onde compra o bilhete.

A lei, Sr. Secretário, não está sequer regulamentada, como o senhor depois poderá ver.

Nesses artigos que eu tenho aqui, ela nem sequer está regulamentada. O que diz no seu artigo 13 é que “a Inspeção Geral de Finanças pode pedir...”.

Eu compreendo que as companhias têm que justificar.

Mas eu faço outra pergunta:

A Inspeção Geral de Finanças não tem o registo de todos os contribuintes deste país?

Não tem uma base de dados para saber se eu sou residente nos Açores?

Se for para me mandaram uma multinha do IRS, eles sabem logo onde é que eu moro. Para saberem se sou açoriano que viajo na SATA ou na TAP eles já não sabem e caem em cima das companhias.

É o Estado a desconfiar do Estado e a prejudicar os cidadãos.

Sobre a SATA, Sr. Secretário, acho que o acto é imediato. Sobre a TAP, a Comissão Nacional de Protecção de Dados, use os seus bons ofícios, porque nada aqui é vinculativo.

Quando se fala numa base de dados, ela tem uma definição. É um conjunto de dados devidamente organizados.

Ainda se dá uma outra questão mais ridícula. É que a uns fotografam os documentos; outros, um bocadinho mais espertos, levam uma fotocópia e quando chegam lá entregam-na.

Agora quero saber é como é que isto se conjuga tudo na tal dita base de dados.

Aquilo é um caixote com CDs, disquetes ou o que quer que seja, e fotocópias.

Não é nenhuma base de dados, Sr. Secretário.

Isto é um assunto muito sério e que eu pediria o seu maior empenho na resolução desta situação, porque o senhor tem poder para isso.

Muito obrigado.

**Presidente:** Para uma intervenção tem a palavra o Sr. Deputado Emanuel Santos.

**Deputado Emanuel Santos (PS):** Sr. Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Na primeira vez que intervenho nesta Assembleia permitam-me que cumprimente o Sr. Presidente, as Sras. e os Srs. Deputados, a Sra. e os Srs. Membros do Governo e faça a todos votos de um excelente trabalho.

Já se passaram dois meses desde que iniciei as minhas funções de Deputado Regional, eleito pelo círculo eleitoral de São Miguel. É, também, com grande orgulho que exerço estas funções e tento dar o meu melhor em prol de todos os açorianos, contribuindo para o desenvolvimento do nosso arquipélago. Dado que estes dois meses ainda não me possibilitam grandes apreciações políticas, permitam-me partilhar convosco algumas realidades açorianas, mais concretamente da ilha de São Miguel.

Podemos dissertar se o Povo açoriano é singular, ou dividido em três grandes grupos como pretendia Vitorino Nemésio; poder-se-á discutir se teve origem predominantemente portuguesa ou é resultado de uma variedade de povos que vieram habitar estas lindas ilhas; podemos eliminar uma ou outra qualidade, descrever esta ou aquela qualidade; contudo, entre os vários autores existe um ponto de consenso muito importante: os açorianos são uma gente profunda e religiosa e retirando-lhe as manifestações cristãs-religiosas, esse povo perderia uma parte da sua identidade.

Essa tradição do povo açoriano já vem de longe. Carreiro da Costa (1961) e José Agostinho (1963) reafirmam que uma das características uniformes dos povoadores das ilhas era a religião. Esta forma de ser e estar do povo açoriano foi transmitida por gerações e perpetuou-se até aos nossos dias. Relativamente a este ponto Valadão Serpa reafirma aquela religiosidade ao afirmar que “A dimensão religiosa do povo açoriano, em geral, é parte integrante e essencial da sua vida e história; esquecê-lo é mutilá-lo; não o assistir nesta exigência é ser-lhe infiel; não o tomar a sério neste sentido é não compreendê-lo.” Se por um lado poderá ser fácil identificar o açoriano com religiosidade, caracterizá-la poderá não ser tarefa fácil. Decifrar o meio ambiente, situar o enraizado nestas ilhas ao longo da sua história de mais de cinco

séculos, implica compreender uma natureza por vezes justa e benfeitora mas também ríspida e imponente para aqueles que aqui vivem.

O terramoto de 1522 e a peste que, de 1523 a 1531, atormentou inúmeras povoações, constituiu, no passado, um exemplo muito claro de momentos marcantes para o povo açoriano. A ligação dos acontecimentos da natureza ao divino influenciou, sem dúvida, o modo de vida do açoriano.

Sr. Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Uma das manifestações culturais e religiosas que surgiram na sequência dos acontecimentos ocorridos na noite de 22 de Outubro de 1522, em Vila Franca do Campo, foram as Romarias Quaresmais. Assim, de acordo com o 1º Regulamento dos Romeiros da Ilha de São Miguel “Esta prática teve origem nas calamidades públicas motivadas pelos terramotos e erupções vulcânicas ocorridas em 22 de Outubro de 1522 e em 25 de Junho de 1563, que arrasaram Vila Franca do Campo.”

Fazendo uma breve leitura daquele documento verificamos ainda que “A piedosa prática dos Romeiros da ilha de São Miguel é uma das manifestações mais lídimas da religiosidade e da fé que anima o povo açoriano. Apesar das vicissitudes conseguiu vencer séculos e chegar até nós com toda a sua pujança e pureza primitivas.”

Esta forma cultural de exteriorizar os seus sentimentos religiosos contribui, de facto, para o reforço da sua identidade. Para reforçar esta ideia nada melhor que ilustrá-la com uma simples definição de cultura: “o conjunto de comportamentos e modos de pensar próprios de uma sociedade.” (Moser, 1985)

A cultura de povo é também o seu património e identidade. A sua preservação dá-lhe vida e a transmissão dos seus valores oferece a sensação de continuidade. Esta protecção é, primeiro, para um e para todos, mas também para interagir com os outros, divulgando os seus valores, os seus costumes e as suas crenças. Por vezes temos dificuldade em perceber um património cultural quando este pouco nos toca de um ponto de vista cultural, quando não faz parte de nós mesmos dentro da nossa cultura. No entanto, o património cultural pode ser considerado um cartão de visita de um povo, e sendo assim deve apresentar-se no e para o mundo.

Numa demonstração clara dos seus valores culturais assistimos na ilha de São Miguel, nesta quadra festiva do ano, às Romarias Quaresmais. É frequente ver-se nas estradas daquela ilha ranchos de Romeiros que percorrem várias igrejas da ilha.

Fazendo uma breve retrospectiva aos números e segundo Cortes Rodrigues, verificamos que em 1963 percorreram a ilha 41 ranchos com 2.173 Romeiros e, em 1965, 43 ranchos com 2.217. De acordo com Ernesto Martins, no ano de 1981 encontramos 16 ranchos com 653 romeiros e em 1987 saíram 26 ranchos num total de 1.108 romeiros.

Mais recentemente, e de acordo com números fornecidos pelo Grupo Coordenador de Romeiros, em 2005 saíram 52 ranchos e em 2006 sairão 58 ranchos, num total de 2.500 Romeiros aproximadamente.

Fazendo uma breve análise a estes dados verificamos um aumento do número de participantes e de freguesias que aderem àquela manifestação religiosa e cultural. Ainda de acordo com aquele grupo, a cumplicidade daqueles que recebem os romeiros para pernoita também aumentou. Esta predisposição das pessoas para receberem em suas casas romeiros, durante as pernoitas, deve-se, não só, mas também ao aumento de qualidade de vida das nossas populações.

Sr. Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Aproveito esta minha breve oportunidade para saudar todos aqueles que nas próximas semanas percorrerão as estradas da minha ilha em sinal da sua fé e crença nos seus valores culturais e religiosos.

E, para terminar, deixaria a Vossas Excelências um breve pensamento do Pde Ernesto Ferreira, em que o mesmo refere-se às Romarias Quaresmais como “ (...) uma das mais formosas tradições da Ilha de São Miguel, porque nelas se revela a crença sadia, que, sendo o esteio de vigorosos antepassados, não deixa de perfumar a vida de modernas gerações, apesar da caudalosa torrente de impiedade querer avassalar todos os espíritos”.

Disse...

*(Aplausos da câmara)*

**Presidente:** Para esclarecimentos, tem a palavra o Sr. Deputado António Pedro Costa.

(\*) **Deputado António Pedro Costa (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Em primeiro lugar, gostaria de saudar o Sr. Deputado e manifestar a minha solidariedade enquanto deputado da mesma ilha.

O Grupo Parlamentar do PSD considera que as romarias são uma manifestação de fé genuína do povo micalense. É uma marca da nossa identidade.

Julgo que a nossa maneira de ser, de estar e de ilhéus, traduz-se bem nesta manifestação de fé.

Por isso, temos que respeitar este tipo de religiosidade. Esta religiosidade popular deveria até ser aproveitada pela hierarquia religiosa para um aprofundamento da fé autêntica.

A religiosidade do povo açoriano traduz-se também nesta manifestação dos romeiros (São Miguel), quer seja no cumprimento de promessas, quer seja no agradecimento de graças.

No entanto, recuso-me a concordar e a considerar as romarias como sendo uma manifestação cultural, que desvaloriza o cumprimento da fé verdadeira.

É preciso perceber a genuinidade desta manifestação de autêntica fé, porque, incorporando-nos, estamos exactamente a vivenciar uma vivência que para mim faz parte da nossa tradição, faz parte da nossa identidade, não como manifestação cultural, mas sim como manifestação de religiosidade.

Obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Gusmão.

(\*) **Deputado Paulo Gusmão (Indep.):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados:

Gostaria, antes de mais, de saudar o Sr. Deputado pela sua primeira intervenção, pelo tema trazido e dizer que, de facto, é um tema bastante interessante sobretudo por esse timbre de ser uma marca da nossa identidade e acho que é esse o elemento essencial.

Obviamente não é este o lugar para se levantar a questão da fé, não é tão só esse evento uma manifestação cultural. Julgo que foi bem colocado quando, nas partes em que se quis dizer, sobretudo, essa marca de identidade.

Essa coerência da marca de identidade tem a ver com a nossa cultura ocidental, com a nossa cultura europeia, com aquilo que nos une enquanto civilização que aqui está no Ocidente e na Europa.

Por isso é interessante e é o lugar próprio de trazer uma intervenção com este timbre e com este tema, porque, de facto, é isto que também nos liga a todos, não só açorianos, como portugueses, europeus, este tipo de manifestações que nos estão no sangue.

Foi pena, por exemplo, quando a Constituição Europeia foi redigida (embora também agora esteja encalhada e talvez possa algum dia conter esse elemento), não se ter dado espaço a esse elemento de identidade que é a religiosidade, que não é própria só dos açorianos, mas é própria desta nossa cultura ocidental, que é sobretudo uma cultura judaico-cristã.

Portanto, este elemento e esta intervenção têm todo o lugar nesta Assembleia, sendo que dela não poderemos tirar nem conselhos, nem conclusões, porque não é a esta casa que compete, nem tirar partido desta manifestação de identidade, nem influenciar de qualquer modo pela separação, e boa, que existe entre o Estado e as Igrejas.

Portanto, saúdo a coragem, que deve ser estendida a outros contornos que não aqueles que nos passam só à porta, de trazer um tema destes a um Parlamento, neste caso, a nossa Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, sendo que esse é o elemento definidor e que abre espaço realmente para outros debates.

**Presidente:** Tem a palavra a Sra. Deputada Piedade Lalanda.

(\*) **Deputada Piedade Lalanda (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

A minha intervenção era para saudar o nosso colega, Deputado Emanuel Santos, por ter trazido a temática dos romeiros e da identidade cultural, mas a intervenção do Sr. Deputado António Pedro Costa leva-me a ter que responder e não propriamente só comentar a intervenção.

Quando diz que é uma tradição, que faz parte da identidade, mas não é uma manifestação cultural, essa é uma afirmação que decorre se calhar de um mau conceito do que é a cultura.

A cultura, como se sabe, são as respostas que cada povo dá às suas necessidades e as necessidades, neste caso do foro espiritual, podem ser respondidas de várias formas.

Nós não estamos a falar aqui de manifestações. Estamos a falar da fé, ou seja, do princípio espiritual que está por detrás das romarias, da prática que este povo encontrou para manifestar essa fé, do modo como o povo micalense encontrou para reagir ao medo das manifestações vulcânicas, dos tremores de terra que deram origem, em parte, a esta manifestação.

Quando nós analisamos concretamente o modo como se mantém as romarias, desde a fraternidade, da irmandade que acontece entre romeiros, a figura do pobre que implica o xaile, a cevadeira e em alguns casos até irem de pé descalço.

A própria prática do acolhimento nas casas das pessoas como uma bênção, o peregrino que entra na casa, tudo isso são dados de uma cultura de solidariedade, de uma cultura em que o romeiro e o peregrino tinham função importante na sociedade, eram, e em parte ainda o são, um elemento purificador do espaço.

Não é por acaso que estas manifestações mantêm o circuito dos ponteiros do relógio. Qualquer que seja a freguesia de onde saem, na Ilha de São Miguel, eles orientam-se sempre no sentido dos ponteiros do relógio, ou seja, numa deambulação que tem uma simbólica de purificação.

Não é por acaso que o encomendador das almas vai recolhendo os pedidos das pessoas e vai, no fundo, recolhendo as dificuldades, as ansiedades, os medos que todas as pessoas têm e que vão pedindo aos romeiros para intercederem através da oração.

Portanto, há um conjunto de formas de viver a religião que são parte da nossa cultura, que são património cultural e que fazem parte da nossa identidade e do modo como, neste caso, este povo se relaciona com o sobrenatural, se relaciona com a dimensão espiritual.

Portanto, são realmente uma manifestação cultural do povo açoriano.

**Presidente:** Tem a palavra a Sra. Deputada Catarina Furtado.

(\*) **Deputada Catarina Furtado (PS)**: Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

A minha intervenção é feita não só no sentido de congratular o Deputado Emanuel Santos, mas sobretudo pela surpresa da afirmação que o Deputado António Costa fez em nome da sua bancada.

Todos nós temos, aqui, presenciado a sua bancada, em termos culturais, a advogar precisamente o contrário, de que todas essas manifestações e de que tudo o que sai pelas mãos e pelo corpo de um povo é cultura.

Os romeiros, as romarias micalenses, são um acto de património cultural, são um acto de cultura micalense muito enraizada.

Era apenas para realçar este ponto.

Obrigada.

**Presidente:** Para esclarecimentos, tem a palavra o Sr. Deputado António Pedro Costa.

(\*) **Deputado António Pedro Costa (PSD)**: Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Gostaria que ficasse claro que concordo com a posição do nosso colega Deputado Emanuel Santos. Aquilo que ele disse aqui foi, para mim, uma forma muito agradável de, nesta sala, se poder falar deste assunto que poderia ser eventualmente tabu para algumas pessoas, mas ainda bem que se fala com a abertura que falamos neste momento.

No entanto, para mim, uma coisa é conhecer o sagrado ligado à cultura e a cultura integrada no sagrado e outra é uma manifestação pura e simples do que é cultural.

Gostaria que ficasse clarificado que, pela minha parte e no meu conceito, o que é religioso pode ser cultural, mas o contrário também era redutor demasiado para mim.

Daí a minha preocupação em exprimir esse conceito de que faz parte da nossa identidade, é uma tradição riquíssima, é uma manifestação que engrandece o povo dos Açores e não há que temer dizer isso.

No entanto, esse tipo de religiosidade tem que ser devidamente respeitado e não usurpar-se também e mundializá-lo como sendo uma manifestação puramente cultural.

Era essa a minha preocupação, não ser puramente cultural. Há tantas manifestações religiosas, etnográficas que são também cultura e há tantas manifestações etnográficas e culturais que são também religiosas e que se misturam uma com a outra.

No entanto, a minha grande preocupação é dizer que puramente cultural não é, embora seja também e faça parte da nossa cultura como povo ilhéu.

**Presidente:** Tem a palavra a Sra. Deputada Piedade Lalanda.

(\*) **Deputada Piedade Lalanda (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Não vou reforçar a ideia que já reforcei anteriormente, só que acho que há aqui uma grande confusão da parte do Sr. Deputado.

Quando o Sr. Deputado está a falar de religiosidade, está a pensar em igreja, em diocese e está a querer dizer que isto não é uma manifestação da cultura, do povo, na perspectiva mais genuína, mas identitária, mas é uma manifestação que faz parte, em parte, das suas práticas religiosas. Aí está uma grande confusão.

Esta manifestação das romarias não nasce da igreja, nasce do povo, enquanto comunidade aterrorizada pela manifestação da natureza, numa relação quase até, se quisermos, profana, numa relação entre o homem e a mãe terra. Essa é a origem das romarias.

Recentemente a Igreja, de alguma forma, tomou posse desta manifestação, aliás como também já tomou posse, em parte, do Espírito Santo, tentando enquadrar as manifestações que são populares, que vêm de uma história do povo, naquilo que é considerado a religião organizada, que é a religião, em parte, neste caso, a religião católica.

Nós temos que distinguir muito bem qual é o papel que a igreja, diocese, a igreja organizada, tem nas romarias ou no Espírito Santo, e o lugar histórico, cultural e identitário que estas manifestações revelam, de um povo que se manifestou ou que encontra desta forma uma resposta para as suas ansiedades.

E porque fazem parte da influência que a igreja tem nas romarias – e não vamos tratar o debate aqui – recentemente e todos os anos vem à liça a questão da presença das mulheres ou não nas romarias, porque se formos ver, na origem, as mulheres e os

homens participaram nas primeiras romarias de Vila Franca, quando este fenómeno surgiu, mas depois por razões de vária ordem, aliás, não só neste, mas em outros casos também aconteceu, a igreja foi intervindo, aí sim, nas tradições e tentando controlar para de alguma forma formatar estas manifestações de forma a que não chocasse os modelos, os padrões, os dogmas, os princípios da igreja.

Portanto, não se confunda a igreja enquanto religião organizada e as manifestações populares de religiosidade.

**Presidente:** Não havendo mais intervenções sobre este interessante debate, para uma intervenção tem a palavra o Sr. Deputado Jaime Jorge.

**Deputado Jaime Jorge (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Foi na campanha para as Eleições Regionais de 2004 que, pela primeira vez, pela voz de Carlos César, Presidente do Governo Regional dos Açores, se ouviu falar do Fundo de Coesão.

Ganhas as eleições pelo Partido Socialista, começa-se a desenhar nos principais documentos de orientação e gestão do mandato que então se iniciava, respectivamente Orientações de Médio Prazo e Plano Anual para 2005, a constituição deste Fundo, com efectiva materialização no entanto, no Plano Anual para 2006.

Este Fundo assim criado, visa segundo o Governo Regional, dotar as ilhas mais periféricas e de níveis de desenvolvimento mais baixos, designadamente Santa Maria, São Jorge, Graciosa, Flores e Corvo, de mais meios financeiros, que possam operar uma maior aproximação, ao grupo de ilhas que compõem o pelotão da frente e onde se verificam maiores índices populacionais e de desenvolvimento.

Contudo, este modelo não foi precedido de um verdadeiro estudo, que apontasse nesta direcção. Nem tão pouco, copiado doutra realidade análoga exterior, com sucessos comprovados e demonstrados.

Alias, se tivermos em consideração as declarações do Sr. Presidente do Governo Regional e do Sr. Secretário Regional da Economia sobre esta matéria, podemos até concluir que este é um modelo meramente experimental de desenvolvimento para os Açores. A qualquer momento poderá ser alterado ou corrigido ou mesmo complementado com novas medidas, que não faziam parte do projecto inicial, como a

recente alteração do preço dos transportes aéreos para algumas ilhas ou os apoios diferenciados previstos no PROMEDIA, para os órgãos de comunicação social daquelas ilhas.

No entanto, todos tememos que as ilhas menos desenvolvidas dos Açores e os açorianos que nelas tenham projectos de vida, não tenham tempo para hesitações e inflexões, em tudo o que tenha a ver com políticas de desenvolvimento. Importa por isso, fazer uma avaliação crítica, qualitativa e não quantitativa, deste denominado Fundo de Coesão.

O PSD reconhece que este é seguramente um tema delicado e difícil. O PSD está consciente das dificuldades e complexidade de se instituir um modelo de desenvolvimento, que inverta a redução demográfica da maioria das ilhas dos Açores e que reduza o fosso que actualmente existe nos vários níveis de desenvolvimento, que regista o território Açoriano.

Até porque nas sociedades modernas, o seu desenvolvimento é sobretudo ditado pela concentração populacional e pelas suas dinâmicas geradoras de verdadeiras economias de mercado.

Por isso mesmo, entendo que esta matéria padece de um perigoso défice de discussão pública e de debate parlamentar. Se este Fundo pretende ser um suporte para um verdadeiro modelo de desenvolvimento para os Açores, com dinâmicas orientadas para a inversão do decréscimo populacional, que muitas das nossas ilhas menos desenvolvidas denotam, então, à sua volta deveria haver um amplo consenso regional, uma espécie de “pacto de regime” que o apontasse como um verdadeiro desígnio Açoriano.

Contudo, este Fundo parece apenas surgir, como uma proposta atabalhoada, ainda por concluir e atirada à pressa, em resposta às Sociedades de Desenvolvimento anunciadas pelo PSD, na campanha eleitoral de 2004.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Embora este Fundo de Coesão não seja claramente, por si só, resposta à ameaça de desertificação que paira sobre estas cinco ilhas, os pressupostos filosóficos e conceptuais que estão na base da sua criação, podem ser interessantes e justificados.

O objectivo seria arrastar na senda do desenvolvimento regional, todo o território açoriano, designadamente as nossas ilhas mais periféricas.

Parece-nos, no entanto, que apenas incentivos ao empreendedorismo empresarial não trazem necessariamente a fixação de mais pessoas, nem um aumento efectivo das suas populações, nem tão pouco a captação de mais investimento exterior.

Como se sabe que, empresas e empresários não abundam por estas ilhas, então o acréscimo das dotações, que resultam da afectação do Fundo de Coesão às ilhas que o constituem, poderão vir a ser autênticos punhados de areia lançados aos olhos dos habitantes destas cinco ilhas,...

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** ... já que a sua utilização depende da mobilização dos seus empresários para novos investimentos.

E novos investimentos em ilhas que têm, nos últimos anos, registado acentuados decréscimos populacionais, é coisa que os empresários, na actual conjuntura económica, podem não estar dispostos, nem preparados para fazer.

Um verdadeiro modelo de desenvolvimento, que consiga puxar à frente estas ilhas, não deve nem pode ser feito só à custa de ferro e betão. Temo, por isso, que a estratégia que este governo implementou, conduza, no médio prazo, a uma Região onde, pela primeira vez na sua história, depois do seu povoamento, se venha a verificar uma progressiva e incontrolável desertificação de algumas das suas ilhas.

Um verdadeiro modelo de desenvolvimento não pode consistir apenas em atirar dinheiro para os problemas, sem uma estratégia como suporte.

Por isso, a ilha do Pico tanto se bateu para que fosse integrada num grupo de ilhas que pudesse efectivamente beneficiar de um verdadeiro modelo de desenvolvimento.

Um modelo credível, consensual, no qual os açorianos mais distante das ilhas mais desenvolvidas, acreditassem ser a oportunidade para operar a transformação, que estes tanto desejam.

Por isso, a ilha do Pico tanto se bateu para que este Governo a considerasse como fazendo parte do grupo das ilhas mais desfavorecidas. Infelizmente, assim não aconteceu. O Governo Regional teimou em deixar o Pico de fora, por considerar que

o seu remodelado e ampliado aeroporto, pode vir a ser a panaceia que nos irá permitir ultrapassar todos os nossos constrangimentos, o que não acreditamos.

No Plano para o corrente ano, o Governo aumenta as dotações para as cinco ilhas ditas da coesão, colocando mais dinheiro à sua disposição.

No entanto, a forma como este Governo veio finalmente implementar as medidas constantes deste apoio designado Fundo de Coesão, parece-nos superficial e inconsequente.

Até porque a criação apressada deste Fundo, como resposta às Sociedades de Desenvolvimento, projecto do PSD para a sociedade Açoriana, significa, para nós, a assunção, ainda que de forma envergonhada, por parte do Governo Regional, que nestas cinco ilhas que são objecto do Fundo de Coesão, muito pouco foi feito no sentido de perseguir um verdadeiro desenvolvimento harmónico desta região e também a consciencialização de que estas ilhas cada vez têm vindo a ficar mais distantes das ilhas, que em termos de desenvolvimento sustentado, constituem o pelotão da frente.

A ilha do Pico pode bem ser o exemplo deste paradigma. Foram construídas algumas importantes infra-estruturas nos últimos anos, sem que, no entanto, se tenha iniciado um verdadeiro ciclo de desenvolvimento. A captação e fixação de investimento exterior e o aumento da nossa população, são ainda hoje uma miragem.

Continuamos a verificar uma debandada dos nossos jovens, que saem para prosseguir os seus estudos e já não regressam, porque a ilha pouca ou nenhuma expectativa tem para lhes oferecer.

Sai também a nossa população idosa, para tratar de problemas relacionados com a sua saúde, regressando na maior parte dos casos, apenas para o seu funeral.

Perseguir uma ideia de desenvolvimento sustentado, não implica sempre a invenção de um novo modelo, de um novo conceito. Muitas vezes é preferível adaptar modelos com provas dadas.

Este modelo não perspectiva nada de bom, nada de perene, em suma, nada de sustentável porque carece de ser estruturado. Um modelo estruturado e estrutural resiste às conjunturas adversas.

Desenvolvimento não se consegue só com infra-estruturas; carece de gente e isto só se consegue se houver atractivos à fixação dos jovens para que, depois de formados profissionalmente, tenham reais possibilidades de, nas suas ilhas, virem a desenvolver actividades económicas no âmbito das suas formações.

O desenvolvimento consegue-se prestando uma boa educação, prestando bons cuidados de saúde, implementando redes de transportes, modernas, rápidas e eficazes e desenvolvendo políticas que visem atenuar os custos da nossa insularidade e ultraperiferia.

Correm assim, os Açores e os Açorianos, sérios riscos de, no médio prazo, virem a registar, dentro do seu território, dois níveis de desenvolvimento bem distintos, separados por um fosso enorme, que cada vez mais se acentuará.

O desafio do desenvolvimento está sempre à nossa frente e nunca é plenamente atingível, porque as sociedades modernas estão envoltas em permanentes dinâmicas próprias e em constantes mutações. Para o PSD, enquanto não se atingir nos Açores, um nível de plena coesão social, nos quatro cantos do arquipélago, nunca se poderá falar de pleno desenvolvimento.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Foi recentemente anunciada, em Santa Maria, a criação de mais uma sociedade anónima de capitais exclusivamente públicos, desta vez denominada “Ilhas de Valor”.

Depois de ouvidas as parcas explicações sobre esta sociedade, parece-nos que esta pretende vir preencher mais uma lacuna, detectada neste modelo de desenvolvimento, complementando o Fundo de Coesão com uma perspectiva de investimento público, provando assim também o falhanço do conceito inicial.

No entanto, como se trata de uma sociedade de capitais exclusivamente públicos, entendemos que o Governo não pode nem deve furtar-se a mais este debate.

No mínimo, a sociedade açoriana e a Assembleia Regional, tem o direito de saber qual o seu plano de actividades e intenção de investimentos futuros e respectiva ordem de prioridades. Já que esta ordem de prioridades, à semelhança de outras propostas, deverá reflectir as mesmas preocupações do Fundo de Coesão, na distinção das ilhas mais desfavorecidas do Arquipélago.

A Coesão parece, afinal, um conceito que o Governo Regional usa ao sabor das conveniências. Incluem-se ou excluem-se as ilhas, conforme a ocasião!

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** A Coesão do Fundo, já não é a mesma Coesão da Ilhas de Valor!

**Deputados Jorge Macedo e Clélio Meneses (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** Podemos, enfim, concluir, que este Fundo de Coesão foi criado com ligeireza e superficialidade, o que o marca negativamente. Quando podia ter sido substancialmente melhorado, se o Governo Regional o tivesse submetido ao necessário debate parlamentar e aceite as sugestões de melhoramento.

**Deputado José Manuel Bolieiro (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** A estratégia parece ser assim, nesta como em outras matérias, subtrair e nunca acrescentar debate.

Em democracia, todas as ideias ou conceitos que resultem em iniciativas legislativas, devem ser profundamente debatidos, sob pena de não virem a conseguir o sucesso e impacto almejados. Esta é uma das principais regras do jogo democrático.

Por último, e no que à Ilha do Pico diz respeito, abre-se aqui, com esta sociedade, uma pequena janela de esperança, já que apesar de excluídos de tudo o que ao Fundo de Coesão diga respeito, podemos vir a ser bafejados com a sorte de sermos contemplados, tal como a ilha Terceira, com algum investimento governamental.

Disse.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Estão abertas as inscrições.

*(Pausa)*

Estão inscritos o Sr. Secretário Regional da Economia, os Srs. Deputados Lizuarte Machado, Rogério Veiros, António Marinho, Alberto Pereira, Nuno Tomé, Paulo

Gusmão, José Rego, Aires Reis, Pedro Gomes, o Sr. Secretário Regional da Presidência e o Sr. Deputado Hernâni Jorge.

Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Economia.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Penso que este assunto já está debatido, mas volto a debatê-lo todas as vezes que for necessário para esclarecer todos os deputados que pretendam obter esclarecimentos sobre este assunto.

É evidente que a população dos Açores tem vindo a diminuir, mas não é como o Sr. Deputado disse, que agora é que está a diminuir. Ela está a diminuir desde 1960. Diminuiu de uma forma muito brusca de 1960 para 1970, diminuiu acentuadamente de 1970 para 1980, de 1980 para 1991 voltou a diminuir de uma forma bem significativa e, pela primeira vez, em 2001, houve uma pequena recuperação da população dos Açores.

O valor mais baixo da população dos Açores foi atingido em 1991 com 237 mil habitantes e em 2001 o valor andou à volta dos 242 mil.

É verdade que este crescimento não foi igual para todas as ilhas. Houve ilhas que cresceram, outras que estagnaram e outras ainda que diminuíram a sua população.

Antes das últimas eleições de 2004 foram discutidas publicamente as diversas alternativas que se põem para as ilhas mais pequenas ou de menor dimensão em termos populacionais.

O PSD propôs as Sociedades de Desenvolvimento. Chegou a propor uma Sociedade de Desenvolvimento por cada concelho. Ou seja, neste momento nós teríamos 19 Sociedades de Desenvolvimento a multiplicar por 3 administradores, com mais um roc,...

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Não é verdade!

**O Orador:** Sr. Deputado, é o que está dito na comunicação social.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Onde é que isso está dito?

**O Orador:** ... o que daria 76 administradores, que custariam, em média, cerca de 2 milhões e meio de euros para colocar essas 19 sociedade a funcionar e sustentar apenas os administradores e os rocs.

O PS propôs algo diferente. Propôs um Fundo de Coesão como uma primeira arma para resolver os problemas gerais dos Açores e teve o cuidado de apresentar o Decreto Legislativo Regional que foi aprovado nesta Assembleia e que se chama Fundo de Coesão de Apoio ao Desenvolvimento Económico (FRADE).

Portanto, não está circunscrito apenas às Ilhas da Coesão, mas a todas as ilhas dos Açores.

Os nossos mecanismos de actuação são sempre estes. Nós actuamos preferencialmente nas Ilhas da Coesão, mas podemos actuar em qualquer ilha dos Açores.

Na altura isto foi discutido com as pessoas do Pico e foi dito que isto não era um Fundo de Apoio à Coesão das Ilhas da Coesão. É substancialmente para ter um reforço muito grande nas Ilhas da Coesão, mas pode ser aplicado a todas as ilhas dos Açores, por isso se chama Fundo Regional de Apoio à Coesão e ao Desenvolvimento Económico.

Por outro lado, criámos a Ilhas de Valor, que é uma empresa que vai ter a sua actuação preferencialmente nas Ilhas da Coesão, mas que pode actuar em qualquer ilha dos Açores, e isto já foi repetido várias vezes (em São Miguel, no Faial, em São Jorge, em Santa Maria, nas Flores e no Corvo, vamos fazer também actuar no Pico dentro em breve). Estamos a percorrer todas as ilhas dos Açores. Estamos a explicar a todos os empresários dos Açores como funciona a Ilhas de Valor.

A Ilhas de Valor têm como principal objectivo apoiar investimentos que tenham a possibilidade de mais tarde ou mais cedo serem abraçados pelos privados e que no momento em que são feitos não vão fazer concorrência aos privados.

Certamente que as Ilhas da Coesão, as ilhas mais pequenas, de menor dimensão, têm maior dificuldade em criar novas empresas. Portanto, preferencialmente, será esse o ponto de actuação.

Mas no caso da Terceira existe um problema concreto que vamos actuar.

No caso do Faial, se existir um problema concreto, também iremos actuar.

O que é preciso é que haja dimensão e projectos que não firam as leis da concorrência.

Mas não se resume só aí. Existem outros mecanismos de actuação, porque o Governo Regional tem diversos departamentos governamentais e um dos instrumentos é, de facto, os sistemas de incentivos e aí já foram feitas grandes modificações. Os sistemas de incentivos foram diferenciados para as Ilhas de Coesão. No caso do SIDEP é 50% mais elevado para as Ilhas da Coesão. No caso do SIDET e do SIDER é cerca de 25% mais elevado. Eu já tive oportunidade de explicar isto na última sessão da Assembleia Legislativa Regional.

Para além disso, nós temos os transportes. Nós estamos a fazer uma profunda alteração nas acessibilidades aos transportes, que é fundamental para o desenvolvimento das ilhas mais afastadas.

Em Junho, provavelmente entrará em vigor um novo concurso para o transporte aéreo inter-ilhas e as ilhas mais afastadas vão ter uma substancial redução às ilhas mais próximas que não são da Coesão.

No caso das Flores e do Corvo vai haver uma redução próxima dos 40%; de São Jorge para Terceira, da Graciosa para a Terceira e de Santa Maria para São Miguel vai haver uma redução próxima dos 10%.

Mas também estamos a actuar no que diz respeito ao transporte marítimo de passageiros. Estamos a fazer uma autêntica revolução no transporte marítimo de passageiros que não se faz de um momento para o outro. É preciso construir novos barcos, é preciso que eles cheguem para que haja acessibilidades mais intensas entre São Jorge e o Pico, e o Pico e a Horta; para que o triângulo tenha uma acessibilidade muito maior aproximando São Jorge às duas ilhas que não são da Coesão e ligando todas as ilhas dos Açores, principalmente de Maio a Outubro, incluindo, pela primeira vez, também o Corvo.

As Flores passarão a ter ligações desde Junho até Setembro, semanalmente.

É evidente que este problema não é fácil. Nós já encomendámos um estudo ao Prof. Simões Lopes, que é altamente categorizado nesta área, em desenvolvimento regional, que com a sua equipa irá fazer um estudo profundo sobre que medidas devem ser tomadas para reverter esta situação.

Agora, fiquem seguros de que esta matéria não é resolvida numa legislatura. Não temos nenhuma varinha de condão, nem as vossas Sociedades de Desenvolvimento

teriam, nem o Fundo de Coesão tem, nem a Ilhas de Valor a terão, nem os sistemas de incentivos, nem os diversos departamentos do Governo Regional.

**Presidente:** Sr. Secretário Regional, V. Exa. já ultrapassou o seu tempo.

**O Orador:** Só para terminar, Sr. Presidente, queria dizer o seguinte:

Terá que haver um conjunto muito vasto de instrumentos para actuar e é da conjugação de todos esses instrumentos que tenham capacidade de trabalhar em todas as ilhas, mas em cada momento escolhendo o momento concreto para actuar numa ou noutra ilha (por isso é que vai ser alterada a nossa estratégia de acordo com o próprio projecto), que vamos criar desenvolvimento em todas as ilhas dos Açores.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Lizuarte Machado.

(\*) **Deputado Lizuarte Machado (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado Jaime Jorge:

Relativamente a algumas questões que colocou e que têm a ver com o Fundo de Coesão, essa questão já foi feita em vários plenários. Portanto, não vou voltar a essa discussão.

Indo mais em concreto àquilo que diz respeito ao Pico e que também colocou na sua intervenção, referiu que no Pico não se iniciou um verdadeiro ciclo de desenvolvimento. De facto, tem razão, no Pico, nesta última legislatura, não se iniciou um verdadeiro ciclo de desenvolvimento. Iniciou-se em 96 quando foi preciso sanear o desenvolvimento financeiro da lavoura e investir em infra-estruturas básicas e fundamentais para o nosso bem-estar e para o nosso desenvolvimento.

É verdade que o desenvolvimento não se faz só com infra-estruturas, mas também é verdade que o desenvolvimento não se faz sem infra-estruturas.

Efectivamente tem sido necessário vir paulatinamente a construir toda essas infra-estruturas.

Por alguma razão o Sr. Deputado Jaime Jorge, hoje, coloca aqui questões que têm a ver com o Fundo de Coesão, questões que já ultrapassam, digamos, o básico das infra-estruturas. Já não coloca questões de estradas, de aeroportos. Enfim, há um conjunto de questões que já não coloca, porque esse ciclo de desenvolvimento iniciou-se com o melhoramento e a construção dessas infra-estruturas.

Portanto, não estamos no início desse ciclo de desenvolvimento, estamos em pleno ciclo de desenvolvimento que começou já há alguns anos atrás.

Por outro lado, Sr. Deputado Jaime Jorge, é verdade que no Pico se falou muito na questão do Fundo da Coesão (se fica, não fica) do ponto de vista sócio-económico, se está mais próximo das ilhas que ficam no Fundo de Coesão ou se está mais próximo das outras. Confesso que em algumas questões também tive algumas dúvidas. Coloquei-as, aliás, na Comissão de Economia, ao Sr. Secretário.

Entendeu-se que o aeroporto era uma mais valia muito importante. Aliás, eu, pessoalmente, entendo que o aeroporto é uma mais valia muito importante e as ligações directas também.

Não sei se o Sr. Deputado preferia trocar as ligações directas ao exterior pelo Fundo de Coesão. Julgo que não.

Por isso, entendo que esta é uma mola importante no desenvolvimento e que, se efectivamente conseguirmos, como estamos a trabalhar e esperamos conseguir, mais alguma ligação semanal directa ao exterior, é óbvio que isso vale muito mais do que qualquer Fundo de Coesão. Relativamente a isso não temos nenhuma dúvida.

Associado a isso, temos o facto explicado pelo Sr. Secretário de que a coesão não se faz não só através do Fundo de Coesão mas de muitas outras maneiras. Para uma ilha como o Pico, mais importante do que o Fundo de Coesão, é efectivamente o investimento global, aquilo que realmente é feito. É isso que importa, é isso que interessa e é isso que, particularmente a nós, picoenses, nos interessa.

É evidente que consideramos que estamos no bom caminho, ainda para mais, como o Sr. Deputado admitiu, que a nova Sociedade Ilhas de Valor, obviamente, também pode ser uma janela de oportunidades, porque efectivamente o seu âmbito, como foi explicado pelo Sr. Secretário, já é conhecido e, evidentemente, pode abranger projectos do Pico ou de qualquer uma outra ilha, desde que tal se justifique, desde que haja parceiros e desde que não entre na tal concorrência.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Rogério Veiros.

(\*) **Deputado Rogério Veiros (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

O Sr. Deputado Jaime Jorge trouxe a este plenário, mais uma vez, a questão do Fundo de Coesão.

Primeiro, é grande orgulho para os socialistas que essa questão seja hoje debatida, porque são os socialistas os “pais” efectivos da política de coesão que está a ser levada a cabo nesta Região Autónoma.

Contudo, essa é uma matéria que fez parte do programa eleitoral do Partido Socialista.

O Sr. Deputado falou aqui em mudanças na política económica do Partido Socialista. Não senhor. Não estão a existir mudanças, estão a existir alterações sistemáticas às políticas económicas e nomeadamente naquelas políticas destinadas às Ilhas da Coesão.

Sr. Deputado, a economia depende do mercado e, no mercado, nada é estático.

Por isso, ainda bem que temos um governo atento que adapta a sua política económica às realidades do mercado. Quando assim não for, aí é que estamos mal.

Quando o Sr. Deputado fala na SA e que os socialistas, de certa forma – não sei se foi bem isso que disse, mas penso que foi –, atiravam areia para os olhos com algumas SAs, eu penso que quem tentou atirar areia para os olhos dos açorianos, na campanha eleitoral, foi o vosso partido com as vossas Sociedades Anónimas, porque eram Sociedades Anónimas inspiradas (essas sim!) na política do betão da nossa região vizinha e essas, sim, é que são políticas que na minha opinião não trazem a verdadeira coesão e o desenvolvimento económico que estas políticas que estão a ser levadas a cabo pelos socialistas nos Açores podem trazer, que é, envolvendo o sector privado, envolvendo todos os agentes económicos no desenvolvimento da Região Autónoma no seu todo e nomeadamente nas Ilhas da Coesão, que são ilhas que têm graves problemas de desertificação.

Eu quero dizer que existem partes da Ilha de São Jorge que nos últimos anos perderam 20% da população. Esse é um problema grave e é um problema que está a ser tido em atenção por este Governo Regional.

Por isso, como disse aqui na minha última intervenção e no último plenário, sou um grande defensor desta política económica que está a ser levada a cabo, percebo alguns dos problemas que o senhor apontou porque os sinto efectivamente, mas,

sinceramente, o debate foi tido aqui várias vezes, foi explicado aos açorianos e eles optaram por esta política de coesão do Partido Socialista.

Acho que isso foi bem debatido e tornado claro na campanha eleitoral e foi tão claro, tão claro, que os açorianos também foram claros na escolha que fizeram sobre a política económica.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Marinho.

(\*) **Deputado António Marinho (PSD):** Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Uma intervenção muito rápida, até porque o tempo escasseia para o nosso lado, que corresponde a algo que já tivemos oportunidade de referir aqui no último plenário.

O FRAC – penso que foi esta a palavra utilizada pelo Sr. Secretário – Fundo Regional de Apoio à Coesão...

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** FRADE!

**O Orador:** FRADE? Onde é que está a coesão? Foi-se embora a coesão. Se calhar o Sr. Secretário esqueceu-se da coesão, mas deixando o desenvolvimento económico, é importante e todos nós por isso ansiamos.

De qualquer forma esse fundo, quer queiramos quer não, e já tivemos oportunidade de o dizer, é meramente um somatório de instrumentos que já existiam.

O Fundo da Coesão não é nada em si mesmo. É um instrumento pela via do qual se aplica uma determinada política que corresponde ao somatório de dois instrumentos já existentes anteriormente: o Fundo Regional de Apoio às Actividades Económicas e o Fundo Regional de Transportes.

De resto, introduz uma novidade. Essa novidade, já aqui o dissemos e penso que estamos todos de acordo com isso, é a possibilidade de participação em sociedades de outras entidades, na qual a única expressão existente até a este momento é uma sociedade que, ao que parece, se chama Ilhas de Valor (não sei se um nome feliz ou infeliz!).

O que é que temos aqui?

Temos aqui um fundo que realmente foi algo que surgiu, como já tivemos oportunidade de referir anteriormente, do nada. Surgiu como resposta, diga-se de

passagem, em nosso entender, muito mal pensada. É algo que nasceu torto e, por isso, como diz o ditado, nascendo torto dificilmente se endireita.

Nada sabiam, para além do nome. De resto, não sabiam muito bem o que é que iriam fazer daquilo. Daí a oportunidade da intervenção do Deputado Jaime Jorge, designadamente como Deputado pela Ilha do Pico, que obviamente ainda mantém dúvidas neste momento relativamente ao facto do Pico não estar integrado dentro da chamada Ilhas da Coesão, embora, Jaime, vais ter uma oportunidade. Já foi a Terceira e irão todas, porque deixaram de existir as Ilhas da Coesão a partir de determinada altura.

O Pico ficou de fora.

Não se sabe muito bem por que é que o Pico ficou de fora; não se sabe muito bem por que é que a Terceira entrou em determinada altura. A confusão está instalada!

Não se sabe muito bem para que é que aquilo serve.

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): Sr. Deputado, Fundos de Coesão é uma coisa e Ilhas da Coesão é outra!

**O Orador:** Por isso, falta estudos conducentes à definição das ilhas, falta estudos permanentes para a definição dos projectos considerados prioritários, falta estratégia. Afinal de contas é isso que pode estar associado ao Fundo de Coesão: falta de integração em termos de política económica, completa.

Penso que poderíamos resumir numa palavra: o Fundo de Coesão, quanto a nós, será um instrumento de resolução de problemas, a pedido e a reboque.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Alberto Pereira.

**Deputado Alberto Pereira** (*PSD*): Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Apenas para reiterar este aspecto essencial do debate, quanto ao designado Fundo de Coesão, para dizer que o Governo tem sido recorrente, nesta matéria, em avanços e recuos, ora diz uma coisa, ora o seu contrário, de um dia para o outro. Portanto, para

além das divergências ideológicas que existam; para além das propostas alternativas que o PSD tenha apresentado e apresentou, o problema, Sr. Secretário Regional, se me permite, é já um problema de inteligibilidade.

Daí que, de facto, eu tenha de começar por dizer que este “Fundo” devia ser rebaptizado para “Fundo Regional da Confusão”, que é o que é neste momento.

Quando às medidas de discriminação positivas que o mesmo prevê, eu queria apenas sublinhar um aspecto particular e que tem a ver com as majorações dos incentivos às ditas Ilhas de Coesão.

É que não sendo uma medida inócua (tenho que admiti-lo, naturalmente), não será certamente decisiva do meu ponto de vista, porque se baseia na premissa, errada, de que o problema principal é a incapacidade de investimento.

Ninguém acredita, Sr. Secretário Regional, que isso gerará movimentos de investimento exterior para as ditas Ilhas da Coesão, porque nenhum empresário com um intervalo de variação no sistema de incentivos de 10 ou mesmo 15%, tomará a decisão fundamental de deixar de investir, por exemplo, em São Miguel e na Terceira, para investir na Ilha de São Jorge ou noutra qualquer.

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): São 50%, Sr. Deputado!

**O Orador:** Estou a falar de majoração. Quero concluir que o problema não é, essencialmente, um problema financeiro.

Por isso, para mim, o problema é estrutural e é económico. Portanto, tem a ver mais com a debilidade económica da ilha considerada, com mercados limitados, com fracos índices de produtividade, etc.

São problemas que se manifestam, não no momento da realização do investimento, mas no momento da gestão e manutenção, no funcionamento do empreendimento resultante, como o Sr. Secretário Regional bem sabe.

A verdade é que o investimento inviável, económico e financeiramente, não passa a ser viável, mesmo que seja financiado a 100%, como sabe. Daí que a intervenção essencial – embora esta não seja de desvalorizar, naturalmente – deva, no meu ponto de vista, privilegiar o investimento público de qualidade, as parcerias público-privadas (essas, sim, podem ser decisivas, se bem seleccionadas). Aqui está um aspecto muito importante para criar condições mais atractivas no quadro das quais, aí

sim, se há-de desenvolver o investimento privado. Esta precisão parece-me importante.

As medidas anunciadas até agora, carecem de explicação e precisão, como é o exemplo que ainda há pouco um dos Deputados que me precedeu referiu, da redução das tarifas aéreas. Até lá, temos que as considerar medidas de natureza essencialmente cosmética. O Governo anunciou-as e atirou milhões para cima das pessoas.

Falta definir o essencial: qual é a estratégia; demonstrar uma estratégia coerente; perspectivar; quantificar; calendarizar resultados.

Muito obrigado.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Nuno Tomé.

(\*) **Deputado Nuno Tomé (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Em primeiro lugar, Sr. Deputado Jaime Jorge, gostava de lhe dizer que esperei que a sua intervenção viesse suscitar, da parte do PSD, um debate diferente, que tivéssemos aqui um *brainstorming* sobre estratégias de desenvolvimento para os Açores. Mas já percebi que V. Exas. preferem sempre requeantar o mesmo discurso, da mesma forma, porque estão sempre a requeantar líderes. É um vício!

*(Apartes inaudíveis dos Deputados da bancada do PSD)*

**O Orador:** O Sr. Deputado está sempre preocupado quando se ataca o PSD. Tenha a consciência tranquila. Procure ter a consciência tranquila.

Gostava de vos lembrar que a coesão é um conceito abrangente que deve ser aplicado aos Açores, mas que também deve ser aplicado aos concelhos.

Para que os Açores possam ser uma Região coesa do ponto de vista do desenvolvimento, é importante que alguns concelhos que são liderados por autarcas do PSD, também se preocupem em combater os fossos que vão existindo. Estou a dar, nomeadamente, o exemplo de Ponta Delgada.

Em relação ao empreendedorismo, o Sr. Deputado Jaime Jorge desvalorizou, na minha óptica, aquilo que me parece que é uma medida fundamental e que deve ser até ampliada, analisada e muito bem estruturada para o desenvolvimento dos Açores.

Eu penso que grande parte das ilhas dos Açores, destas que são consideradas as ilhas menos desenvolvidas, terão, no empreendedorismo, ao nível da criação do auto-emprego, nos pequenos negócios que poderão ser feitos a partir de qualquer uma dessas ilhas para o continente ou para o mundo, usando as novas tecnologias, uma belíssima saída para a sua actual condição.

Agora é preciso não só que o Governo Regional e nós tenhamos essa perspectiva, como também o restante poder que se alastra por essas ilhas o possa fazer.

Digamos que a criação de novos negócios ligados ao novo empresariado não é uma tarefa só do Governo Regional, é uma tarefa das próprias autarquias locais.

Agora, a aposta no conhecimento, que me parece que é uma aposta fundamental, que o Governo tem feito nos Açores e também tem feito no Continente e que todos nós nos debatemos por ela, passa um bocadinho também por uma certa mudança de mentalidades.

Mudar mentalidades é também acabar de uma vez por todas com a constante exigência de mais cimento, mais cimento, mais cimento, porque é essa uma das questões recorrentes que nós temos assistido nesta Assembleia, é que a oposição se preocupa demasiadamente com a obra de cimento, preocupando-se muito menos em discutir ideias e em apresentar propostas para o desenvolvimento dos Açores.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Gusmão. Concedo-lhe 30 segundos, com muita boa vontade. É o máximo que eu posso fazer.

(\*) **Deputado Paulo Gusmão (Indep.):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Para saudar a iniciativa dizendo que parte de uma constatação, que importa e que é válida, que é o facto de haver zonas da nossa Região onde a população está a diminuir.

Por que é que a Ilhas de Valor não correspondem às Ilhas da Coesão?

Trata-se tão só disso. Essas zonas nada têm a ver com outros projectos e outros investimentos que também são válidos e importantes, mas não atacam logo, de raiz, aquele que é o fundamento.

Eu tinha mais umas coisas, mas já não tenho tempo.

**Presidente:** Muito obrigado.

Tem a palavra o Sr. Deputado José Rego.

(\*) **Deputado José Rego (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

A intervenção que o Sr. Deputado Jaime Jorge nos trouxe, não diria que é uma intervenção requeitada dos outros plenários, porque é um assunto da sua ilha que o preocupa.

**Deputados Clélio Meneses e Pedro Gomes (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** Todavia, traz um conjunto de problemas, que não são problemas para o Partido Socialista, nem são problemas para muitos açorianos que compreenderam qual era o pacto social que faziam ao eleger o Partido Socialista como o primeiro partido dos Açores.

Aí, o PSD foi muito claro ao dizer qual era a sua política de desenvolvimento para os Açores através do seu programa eleitoral que tenho aqui, e que os açorianos resolveram não sufragar.

A grande maioria dos açorianos (não digo todos, porque muitos votaram no PSD) sufragaram um plano completamente diferente de desenvolvimento para os Açores.

O Partido Socialista apontou, como sendo sua política na área do desenvolvimento económico, passar pela área do fundo de coesão ou alteração a alguns instrumentos financeiros que o Governo tinha ao seu dispor.

Essa discussão que hoje estamos a ter aqui, não queria entrar nela, porque já a tivemos no plenário passado e já a tivemos aquando da criação do Fundo de Apoio à Coesão e ao Desenvolvimento Económico dos Açores.

Aí, acho que é um repetir do repetir.

Não sei o que é que o PSD pretende com isto, mas para nós é claro que o Fundo de Apoio à Coesão e ao Desenvolvimento Económico é diferente do Fundo de Actividades Económicas que tínhamos antes e do Fundo de Transportes.

Há uma confusão de algumas das actividades que eram destes fundos. Os instrumentos postos à disposição do Governo, com este fundo, vão para além do que estava nos fundos anteriores. Aí julgo que não tenho mais nada a dizer.

**Deputado António Marinho (PSD):** Tem que dizer porquê.

**O Orador:** Não tenho que dizer, porque já o disse no plenário passado e hoje, querer explicar outra vez aquilo que os senhores não querem perceber, acho que também é insistir, é “atirar barro contra a parede”.

Foi explicado por esta bancada e por este Governo o que é que era o Fundo Regional de Apoio à Coesão e ao Desenvolvimento Económico e o PSD, que diz que está disposto a apresentar sugestões de melhoramento, aquando da apresentação daquele documento, as suas sugestões foram praticamente nulas.

Não vamos agora baralhar as coisas.

Em relação à intervenção do Sr. Deputado Jaime Jorge, há uma parte que é correcta. O aumento do desenvolvimento dos Açores não passa só por esses instrumentos que o Governo tem ao seu dispor. Passa por mais educação, mais saúde, mais habitação e por outras áreas que este Governo, através dos vários departamentos, tem criado incentivos para as ilhas ditas de coesão, que são importantes para o desenvolvimento destas ilhas, não para o dito desenvolvimento harmónico que sabemos que é utópico e que aqui o Sr. Presidente do Governo Regional, aquando da discussão do Plano e do Orçamento, definiu claramente para que não se ficasse com a ideia de que o desenvolvimento harmónico é uma coisa que se possa atingir. É uma coisa que nós gostaríamos de atingir, mas que, em termos económicos, nunca será possível atingir, porque as debilidades de muitos espaços dos Açores não o permitirão.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Aires Reis.

Não vão deixar tempo para o Sr. Deputado Jaime Jorge finalizar.

(\*) **Deputado Aires Reis (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

O Sr. Secretário Regional da Economia foi a São Jorge no dia 1 fazer a apresentação dos Programas de Apoio ao Investimento Privado. Uma sessão muito bem preparada e organizada, não resta dúvida nenhuma.

Acontece que nós ficámos bastante admirados quando chegámos à conclusão que os Fundos de Coesão não convenceram os jorgenses.

Os Fundos de Coesão...

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): O Fundo!

**O Orador:** ... para os jorgenses não foi mais do que passar a bola aos empresários de cada ilha. Foi a conclusão clara que nós tirámos.

No que respeita à Sociedade Ilhas de Valor, como se dizia há pouco, essa sociedade não é um investimento estratégico de desenvolvimento, mas sim uma forma de apagar fogos. Isso está clarinho na cabeça das pessoas.

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): Só na sua cabeça!

**O Orador:** De resto, o Sr. Secretário tem que admitir que esse assunto lhe correu bastante mal. O senhor sabe disso, aliás, os seus colegas socialistas sabem muito bem, como nós sabemos, da forma como o Sr. Secretário está encravado com este assunto da Ilhas de Valor.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

Sr. Secretário, uma pergunta muito clara:

Na sua opinião, os Fundos de Coesão...

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): O Fundo de Coesão!

**O Orador:** ... respondem ou não às verdadeiras necessidades das ilhas pequenas?

Gostava que o senhor tivesse a coragem de assumir isso de uma forma muito clara, para depois podermos falar daqui a alguns dias.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Economia.

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu vou responder principalmente à última intervenção.

Eu estive em São Jorge numa reunião e o auditório estava praticamente cheio com empresários de todas as áreas. Estivemos mais de duas horas a debater o Fundo de Coesão de Apoio ao Desenvolvimento Económico e tivemos oportunidade falar sobre a Ilhas de Valor.

Estive a falar de projectos que poderiam ser apoiados pela Ilhas de Valor naquela ilha, que se houvesse interesses dos empresários nós poderíamos apoiar determinados projectos. Referi que a Ilhas de Valor não tinha como objectivo fazer parques de estacionamento, portos, aeroportos, mas sim projectos que mais tarde ou mais cedo pudessem passar para os privados, que pudessem atrair os privados para o investimento, estimular o investimento privado em áreas de negócios, onde os privados neste momento não têm apetência, mas com a ajuda da Ilhas de Valor podem, de facto, avançar, projectos esses que sejam viáveis economicamente, que não firam as leis da concorrência. É isso a Ilhas de Valor. Não tem nada a ver com o Fundo de Coesão.

A Ilhas de Valor tem o seu campo especial de actuação nas ilhas da coesão, mas pode actuar em qualquer ilha onde haja um projecto que não fira as leis da concorrência e que a actuação da Ilhas de Valor venha estimular a entrada de privados. É isso a Ilhas de Valor. É mais um instrumento.

Não é nenhuma varinha de condão, nem vem resolver os problemas da Ilhas de Valor. Vem contribuir para a resolução da Ilhas de Valor.

Eu penso que isto está esclarecido. Foi esclarecido aqui, em São Miguel, em Santa Maria, no Faial de uma forma aberta com todos os empresários, discutindo abertamente o que é que pode fazer a Ilhas de Valor, o que são os incentivos.

E devo dizer, Sr. Deputado, que a semana passada foram aprovados 12 projectos da Ilhas da Coesão e 11 eram de São Jorge.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Rogério Veiros.

(\*) **Deputado Rogério Veiros (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

O Sr. Deputado José Rego disse que a intervenção do Deputado Jaime Jorge não era uma intervenção requeitada do plenário passado. Realmente não é, porque a intervenção do Deputado Jaime Jorge é uma intervenção estruturada, que falava sobre as Ilhas da Coesão, o Fundo de Coesão e a Sociedade Anónima Ilhas de Valor.

Essa foi uma questão debatida e esclarecida no último plenário.

O Sr. Deputado Aires Reis, passado todo este tempo, continua sem saber o que é o Fundo de Coesão (chama-lhe Fundos de Coesão), sem saber o que é que a Sociedade Anónima Ilhas de Valor e o que é a Ilhas da Coesão.

O Sr. Deputado Aires Reis disse que o Sr. Secretário foi a São Jorge para uma reunião muito bem preparada. Pois, a reunião foi bem preparada porque ele explicou bem aos empresários o que é que se passava em São Jorge e o que é que são os incentivos na Ilhas da Coesão.

Se o Sr. Deputado Aires Reis estivesse preocupado com o desenvolvimento da Ilha de São Jorge e com os empresários daquela ilha, tinha participado de forma activa nesse encontro e tinha mostrado a sua preocupação, mas mais uma vez o Sr. Deputado não soube demonstrar porque, por aquilo que me apercebi, havia lá muita gente, mas o Sr. Deputado foi um dos que faltou e não devia ter faltado.

**Deputado Aires Reis (PSD):** Que conversa é essa? Não falte à verdade!

**O Orador:** Relativamente à intervenção que foi feita e que referiu que foi posto nas mãos dos empresários o desenvolvimento da Ilha de São Jorge, pois, os empresários de São Jorge orgulham-se muito dessa responsabilidade que têm. Eu falo porque além de deputado também sou empresário e há empresários em São Jorge que investem, que têm grande capacidade de investimento e grande capacidade de desenvolvimento. Queria dizer-lhe que o senhor, além de Deputado, é Vice-presidente de uma Câmara, e, como tal, devia responsabilizar-se porque as autarquias também têm grande responsabilidade no desenvolvimento das ditas ilhas pequenas.

Quando as autarquias, por exemplo, como a que o senhor é Vice-Presidente, demoram mais de 90 dias para pagar aos fornecedores, mais de um ano e às vezes mais de dois anos, isso é que é um atropelo e um grave problema para o desenvolvimento da economia das ilhas pequenas.

Queria também lhe dizer que, para além dos 11 projectos que o Sr. Secretário anunciou e que foram aprovados no CRI, a maioria dos quais eram de São Jorge, na vinda para o plenário, viajei com o Sr. Presidente da Câmara de Comércio de Angra do Heroísmo que me dizia que levava em carteira, para entregar na Secretaria da Economia, mais 13 projectos de São Jorge, o que demonstra a verdadeira dinâmica dos empresários daquela ilha e demonstra que se o futuro de São Jorge foi posto nas

mãos dos empresários de São Jorge, está melhor do que nas suas mãos, Sr. Deputado. Por isso é que eu acredito no desenvolvimento da Ilha de São Jorge.

Gostaria que o Sr. Deputado fosse para São Jorge e percebesse o que é que são Ilhas da Coesão, Fundo de Coesão e a Sociedade Ilhas de Valor e em que é que a Ilhas de Valor pode e deve investir de uma vez por todas, para depois poder vir ao debate debater e defender de forma conveniente a Ilha de São Jorge, a sua população e valorizar os seus empresários.

Muito obrigado.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Aires Reis.

**(\*) Deputado Aires Reis (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O Sr. Deputado Rogério Veiros, infelizmente, costuma faltar à verdade para argumentar as suas conversas.

Os Deputados do PSD estavam nessa reunião e o senhor sabe muito bem. Talvez não lhe convenha admitir isso.

**Deputado Rogério Veiros (PS):** Eu disse que não o vi lá!

**O Orador:** Não. O senhor disse que eu não estava.

Em segundo lugar, gostava de o aconselhar. É que as questões camarárias não devem ser para aqui trazidas...

**Deputada Maria José Duarte (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** ... muito menos sendo o senhor vereador da Câmara da Calheta e nunca tenha colocado essa questão na reunião daquela autarquia.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

**O Orador:** Em terceiro lugar, para lhe dizer que gostava de concordar consigo.

É óbvio que a dinâmica dos empresários em São Jorge é indiscutível, assim fosse a dinâmica do Governo em São Jorge. Infelizmente, a dinâmica do Governo naquela ilha não se vê.

Eu acredito que na sua qualidade de empresário, que o senhor chamou para aqui, o senhor esteja contente com os Fundos de Coesão.

Agora, como representante da população eu não acredito que o senhor esteja contente com estes Fundos de Coesão.

Sr. Secretário, gostava de lhe dizer o seguinte:

Se a Sociedade Ilhas de Valor era para corrigir assimetrias verificadas nas ilhas, eu e os jorgenses continuamos a entender que há muita situação em São Jorge em que os senhores ainda não deram os primeiros passos e que através destes fundos poderia ser possível tratar desse assunto.

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): Fundos? Outra vez?

É um fundo!

**O Orador:** Fundo ou fundos, não se preocupe com isso.

Sr. Secretário, há muitas questões em São Jorge que deveriam ser resolvidas através destes fundos.

Acontece que eu não vejo, nem o senhor anunciou, se vai ou não investir em São Jorge, nos lugares mais periféricos, e quais as iniciativas que o Governo Regional vai tomar ao abrigo destes fundos. Isso, eu gostava de saber.

**Deputada Maria José Duarte** (*PSD*): *Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Rogério Veiros.

(\*) **Deputado Rogério Veiros** (*PS*): Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado Aires Reis:

Se V. Exa. participou na reunião, eu, sinceramente, não o vi lá. Vi o seu colega Mark Marques que saiu a meio da reunião ou antes do final da reunião. Eram tantas, que é normal não ter visto todas as pessoas que lá estavam e por isso quero pedir-lhe desculpa pela minha falha de não o ter visto e presenciado.

De qualquer das formas, relativamente à observação que o senhor faz de trazer o debate autárquico, nós estamos a falar da economia das ilhas pequenas. Que eu saiba, uma autarquia é um agente económico. Como qualquer agente económico nós podemos abordar todos os agentes económicos que fazem parte dessa economia. Não vejo mal nenhum nisso e acho que é perfeitamente normal e natural que isso assim seja.

Relativamente ao facto do senhor dizer que na minha outra qualidade de vereador nunca o fiz, quero-lhe dizer que o senhor está desatento porque anteriormente era Presidente da Assembleia Municipal e viu votos, por escrito, apresentados pelo Partido Socialista sobre essa problemática e sobre esse problema. Estão escritos e estão nas actas da reunião que o senhor aprovou e assinou.

Se alguém faltou aqui à verdade, não fui eu Sr. Deputado, foi o senhor.

Relativamente às questões dos investimentos na Sociedade Ilhas de Coesão, que é São Jorge, Sr. Deputado, francamente, investimentos ao nível da alteração dos subsídios para o investimento na Ilha de São Jorge, investimentos como o empreendedorismo jovem que já foi anunciado e que brevemente será posto em prática, o abaixamento das passagens como disse o Deputado Jaime Jorge, penso que isso é a prática do investimento na Ilha de São Jorge.

**Deputado Aires Reis (PSD):** E era preciso um Fundo de Coesão para isso?

**O Orador:** O Sr. Deputado pode dizer e deve dizer, porque também já o fiz no passado, é que efectivamente a Sociedade Anónima Ilhas de Valor ainda não tem nenhum investimento anunciado para a Ilha de São Jorge.

**Deputado Aires Reis (PSD):** Mas tem para a Terceira!

**O Orador:** Aí, sim, é que nós, deputados de São Jorge, e toda a população de São Jorge devemo-nos debater para que São Jorge também tenha um investimento dentro dessa filosofia de parceria público privada para o desenvolvimento da economia da Ilha de São Jorge.

Nisso, Sr. Deputado, estou consigo, concordo e estou do lado dos jorgenses, aliás, isso está escrito na última intervenção que fiz e que foi distribuída pela casa das pessoas, a qual o senhor também teve oportunidade de receber.

Muito obrigado.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Economia.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu sei que o Sr. Deputado esteve naquela reunião, porque eu o vi lá de cima, mas penso que deve ter saído, porque aquela pergunta que fez, eu respondi lá. Ou esteve

por muitos poucos momentos e foi-se embora, porque a reunião não estava boa para si, ou então... não sei.

Realmente eu falei que nós estávamos a investir na aerogare 4 milhões de euros, que íamos aumentar o aeroporto, que o projecto estava a ser concluído este ano pela ANA, que era um projecto de grande dimensão e que nós íamos esperar pelo IV Quadro Comunitário de Apoio para fazer a sua ampliação, por isso é que estávamos a fazer a aerogare mais afastada, porque era para aí que íamos aumentar e ampliar o aeroporto, tanto em comprimento como em largura, porque estudos feitos pela ANA demonstraram que não havia outro lugar mais apropriado para o aeroporto de São Jorge. Referi que íamos fazer o aumento do terraplano, o transporte marítimo que ia beneficiar imenso São Jorge, que íamos sedear um barco em São Jorge para fazer ligações diárias para o Pico, falei nos sistemas de incentivos.

Devo-lhe dizer com toda a franqueza que a Sociedade Ilhas de Valor vai investir em São Jorge. Nós ouvimos a população, falámos com os empresários e dissemos de uma forma muito clara quais eram as regras do jogo. Eu penso que mais tarde ou mais cedo vem um projecto de São Jorge em que nós, Sociedade Ilhas de Valor, vamos ter o prazer de o apoiar.

Se não for através dos empresários nós iremos fazê-lo e vamos tomar uma decisão, creio Sr. Deputado, ainda este ano. Não tem qualquer problema. Agora não nos devemos precipitar. Devemos ouvir as pessoas, ouvir os empresários, saber o que é que eles querem para actuar de acordo com os interesses dos empresários da Ilha de São Jorge que, no meu entender, estão, neste momento a investir fortemente na sua ilha.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Jaime Jorge.

Tem 30 segundos.

**Deputado Jaime Jorge (PSD):** Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Eu comecei por tomar algumas notas, mas, como compreendem, é impossível responder a tantas questões. Aliás, nem era preciso fazê-lo.

De qualquer forma, fico satisfeito por esta minha intervenção ter suscitado um debate tão aceso, o que veio provar que o Fundo de Coesão ainda não se esgotou, aliás, como eu defendia.

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): Ilhas da Coesão, um grande nome!

Ilhas de Valor, também um grande nome!

Gera o debate.

**O Orador:** Gera o debate, debate esse que julgo que não foi feito convenientemente. Aliás, essa era uma das principais questões que eu gostaria de ter levantado na minha intervenção. Parece que pelo menos nesse aspecto fui bem sucedido.

Eu gostaria de deixar aqui duas ou três ideias fulcrais...

**Presidente:** Duas ou três ideias é demais, Sr. Deputado.

**O Orador:** Muito obrigado, Sr. Presidente, pela sua boa vontade e benevolência. Penso que ficou claro qual era a minha intenção.

**Presidente:** Dou por encerrado o debate e vamos para intervalo. Daqui a 15 minutos queria que os Srs. Presidentes dos Grupos Parlamentares e o Sr. Secretário Regional se reunissem comigo para conversarmos.

*Eram 18 horas.*

**Presidente:** Srs. Deputados, vamos recomeçar.

*Eram 18 horas e 45 minutos.*

O primeiro ponto da Agenda da Reunião é o **Pedido de Urgência e Dispensa de Exame em Comissão do Projecto de Resolução (PSD) – Fornecimento do serviço público de transportes marítimo de passageiros e viaturas, entre as ilhas da Região Autónoma dos Açores – Auditoria pelo Tribunal de Contas.**

Tem a palavra o Sr. Deputado Pedro Gomes.

(\*) **Deputado Pedro Gomes (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O pedido de urgência e dispensa de exame em Comissão, apresentado pelo PSD, tem a sua justificação, como está escrito no respectivo pedido, pela actualidade e suficiência do objecto, isto é, a matéria da resolução que vai estar em discussão e que é objecto deste pedido de urgência e dispensa de exame em Comissão, tem a ver com um procedimento concursal para a prestação de um serviço por parte de uma entidade societária de capitais maioritariamente públicos.

É um processo actual que está a decorrer, que está na fase da adjudicação do respectivo procedimento e, nessa media, está justificada a sua actualidade.

Sendo que esta resolução visa pedir e solicitar ao Tribunal de Contas uma auditoria a todo este processo, o seu pressuposto, é um pressuposto de que o processo seja validado em termos de transparência e de legalidade por uma entidade idónea, independente, a quem compete avaliar a utilização dos dinheiros públicos e avaliar a transparência e o cumprimento da legalidade nos procedimentos concursais.

Nessa medida também está justificada a razão da urgência do pedido de dispensa de exame em Comissão que o Partido Social Democrata aqui subscreve.

São estas, em suma, Sr. Presidente, as razões que fundamentam o pedido do Partido Social Democrata.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Lizuarte Machado.

(\*) **Deputado Lizuarte Machado (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Como disse o Sr. Deputado do PSD na apresentação da dispensa de exame em comissão, trata-se de um processo actual visto que está a decorrer e porque está a decorrer nós estamos de acordo com o pedido de urgência.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Gusmão.

(\*) **Deputado Paulo Gusmão (Indep.):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Apenas para me associar a esta necessidade da urgência, porque senão o projecto perderia o seu conteúdo, pois é, em relação ao resultado que depois deveremos fazer uma análise daquilo que vieram a ser as conclusões dessa auditoria.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Artur Lima.

(\*) **Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Simplesmente para dizer que nós também votaremos favoravelmente o pedido de urgência.

Muito obrigado.

**Presidente:** Passamos à votação.

Os Srs. Deputados que concordam com este pedido de urgência, por favor mantenham-se como se encontram.

**Secretário:** O pedido de urgência foi aprovado por unanimidade.

**Presidente:** Passamos agora à análise do **Projecto de Resolução (PSD) – Fornecimento do serviço público de transportes marítimo de passageiros e viaturas, entre as ilhas da Região Autónoma dos Açores – Auditoria pelo Tribunal de Contas.**

Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Macedo.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Faz hoje precisamente 9 meses que o PSD, nesta Assembleia afirmou que, “quando uma boa ideia é, na terreno, mal concretizada, normalmente diz-se que se **perdeu uma boa oportunidade.**”

Que “quando uma boa ideia é, no terreno, malbaratada, dizemos no mínimo – **que pouca sorte!**”

Mas “quando, em política, uma boa ideia é, no terreno, atamancada **entra ano sai ano**”, perguntava eu na altura – e perguntam muitos açorianos, porque é que insistem?”

Na altura V. Exas. numa evidente “fuga para a frente” anunciaram, **pela “enésima” vez**, que os problemas com o transporte marítimo de passageiros e viaturas inter-ilhas já estavam resolvidos, porque o Governo ia comprar barcos “novos a estrear”.

Dissemos na altura que se tratava claramente de uma “fuga para a frente” e que V. Exas. estavam, como se diz na gíria, a “empurrar os problemas com a barriga”.

O tempo, infelizmente, deu-nos razão. Reafirmo **infelizmente**, porque o PSD não tem dúvidas, que o Sistema de Transporte Marítimo de Passageiros e Viaturas Inter-Ilhas,

não só tem “pernas para andar”, como pode representar uma **importante mais valia para a mobilidade e unidade dos açorianos.**

No último mês e meio os açorianos foram confrontados com uma série de notícias que vieram a público e que revelam, **no mínimo**, que o Governo ainda não conseguiu “acertar o passo”.

Os factos publicamente conhecidos demonstram que V. Exas., quando quiseram **dar a ideia de que iam começar de novo, voltaram a baralhar-se completamente.**

Não deixa de ser **muito estranho** que, um concurso público com enorme relevância para os Açores e para os açorianos, apenas consiga motivar um concorrente, quando foi anunciado que muitas empresas estavam interessadas e que tinham inclusivamente adquirido o caderno de encargos.

O que é que afastou todos os outros? Ou o que é que motivou ou obrigou o **único** concorrente?

Não deixa de ser **muito estranho** que, depois de aceite a **única** proposta, esta tenha sido rejeitada porque não cumpria uma obrigação do Caderno de Encargos, nomeadamente o “Certificado de classe de um dos navios, emitido por uma sociedade classificadora membro da IACS (International Association Classification Society) . Era a **única** não cumprida.

Até por isso, não deixa de ser **muito estranho** que, decidido que foi a passagem ao procedimento por “negociação”, a **única** obrigação alterada no Caderno de Encargos seja a **única** que não era cumprida pelo **único** concorrente excluído no Concurso.

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Vamos ver se nos entendemos! O que V. Exas. fizeram foi alterar a **única** obrigação que o **único** concorrente não cumpria.

**Se esta obrigação era importante devia ser mantida, se não era, já não devia estar nas obrigações iniciais.**

**Deputados Pedro Gomes e Clélio Meneses (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** **Estranho** é também que, ao alterarem uma condição essencial do concurso, nomeadamente a certificação dos navios, V. Exas. tenham dado um **prazo de uma semana e meia** para, as empresas que adquiriram o Caderno de Encargos,

apresentarem novas propostas. Uma semana e meia para disfarçar ou “branquear” o quê?

Como é natural, e aqui já **não é de estranhar** que, com este prazo, 10 dias, apenas e só 1 empresa, a **mesma** empresa, apresentasse a **mesma** proposta. A proposta que foi rejeitada no concurso inicial.

Mas volta a ser, no mínimo, **muito estranho** que o custo anual das indemnizações compensatórias, a pagar pela Região, seja agora mais do que o dobro das que foram pagas anualmente nos últimos 7 anos.

Passados 7 anos V. Exas. ainda não sabem bem o que é que querem. Passados 7 anos V. Exas. não conseguem construir um modelo consistente e credível para o **transporte marítimo de passageiros inter-ilhas.**

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Começar agora de novo com tanta barafunda, trapalhada e ziguezagues traduz, “ao vivo e a cores”, que o Governo Regional ainda não percebeu que não basta ter uma boa ideia, é sobretudo preciso saber concretizá-la, porque trata-se de gastar o nosso dinheiro, o dinheiro dos açorianos.

**A “novela dos barcos”**, repetida ano após ano, agora, por via de um concurso mal construído, penaliza os açorianos e responsabiliza V. Exas. como os únicos e inteiros responsáveis pelo “feito fantástico”, de, pela falta de jeito “estragarem” uma boa ideia e pior do que isso insistirem e persistirem em **acumular erros atrás dos vossos erros.**

V. Exas. têm de uma vez por todas de decidir se querem que o transporte marítimo de passageiros seja uma aposta para ganhar ou se preferem, pelo contrário, passados 7 continuar a malbaratar o nosso dinheiro num **Sistema construído com ligeireza, improvisado e um amadorismo que “já não se usa”!**

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Muito bem!

**O Orador:** Já não vos serve de nada disfarçar, ou tentar disfarçar, que o “desastre” do Transporte Marítimo de Passageiros Inter -Ilhas não existe.

Não só existe, foi um desastre, mas mais grave ainda é que, quando tiveram oportunidade de “emendar a mão”, arranjaram uma “confusão pegada”.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Já foi perdido tempo demais. Já foram gastos muitos milhões de euros, num serviço que acumulou problemas atrás de problemas. **Agora que se proponham começar de novo, mais não conseguem senão tropeçar nos problemas que só V. Exas. criam.**

Neste sentido, o Grupo Parlamentar do PSD, dando sequência efectiva a todas as dúvidas, contradições e ziguezagues processuais, **propõe que esta Assembleia solicite à Secção dos Açores do Tribunal de Contas uma auditoria ao processo de concurso** e sequente procedimento por negociação, sem publicação prévia de anúncio, para a adjudicação do fornecimento do serviço público de transporte marítimo de passageiros e viaturas entre as ilhas da Região Autónoma dos Açores, promovido e concretizado pela “Atlânticoline S.A.”, cujo capital social é integralmente detido pela Portos dos Açores, SGPS, S.A., holding pública regional para o sector marítimo e portuário.

O PSD exige que todo este “nublado” e “nebuloso” processo seja completamente esclarecido.

Já não vos damos, nem concedemos, o benefício da dúvida, agora queremos que o Tribunal de Contas audite toda esta a “confusão”.

Disse.

**Deputados António Marinho e Clélio Meneses (PSD):** *Muito bem!*

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Economia.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A empresa pública de capitais públicos Atlânticoline lançou o concurso com duas condições diferentes do habitual: os navios tinham que ter menos de 30 anos e teriam que ser classificados como uma sociedade que fosse membro da IACS (International Association Classification Society que em português seria uma Sociedade Classificadora Internacional).

Foi feito em Novembro. Decorreram os meses de Dezembro e Janeiro. Houve a abertura de propostas no dia 3 de Fevereiro. Portanto, houve tempo suficiente para

que todos os concorrentes (foram 8 os que levantaram o caderno de encargos com o programa do concurso) concorressem.

A única proposta apresentada, admitida a concurso, foi rejeitada porque um dos navios não tinha esta classificação, embora apresentasse uma declaração em que dizia que se comprometia, até à abertura da entrada em vigor da operação, ter esta classificação concedida.

Por que é que procedemos da seguinte forma?

Não alterámos nenhuma regra essencial do concurso porque achamos que, para o consumidor final, o que interessava (para nós, Governo Regional ou para a Atlânticoline que estava a lançar o concurso em nome do Governo Regional) era que o navio tivesse a qualidade requerida por esta classificação. Mais nada. O resto foi feito e não foi alterado mais nenhum ponto.

Foi dado aquilo que é recomendado, mais de 6 dias. Podíamos ter apenas admitido este concorrente, convidado este concorrente e por 6 dias podíamos ter feito esta negociação.

Não fizemos isso. Convidámos todas as pessoas que adquiriram o caderno de encargos.

O que está aqui em causa não é a substância do concurso.

O que está aqui em causa é uma tentativa política do PSD de instrumentalizar o Tribunal de Contas. O Tribunal de Contas tem todo o direito de fazer a fiscalização sucessiva do contrato que vai ser assinado pela Atlânticoline. É tão simples como isso.

Fá-lo praticamente em quase 50% dos actos praticados pelas administrações que são públicas, pela SATA, pela EDA, pelos portos, pelas administrações dos portos.

Muito provavelmente o Tribunal de Contas irá fazer uma auditoria a todo este processo como tem feito para todos os outros.

Esta Assembleia pode efectivamente fazer esta recomendação só que o Tribunal de Contas nas suas prioridades escolherá aquilo que deve fazer.

Eu acho que deve haver uma separação de princípios.

Nós aceitamos sempre as recomendações do Tribunal de Contas. Se ele disse que estamos errados, vamos emendar, se disser que estamos certos, ficamos contentes.

Neste caso concreto nós estamos confiantes que actuamos bem e que estamos seguros, porque consultámos juristas provenientes nesta área administrativa e temos a certeza que actuámos no sentido dos interesses dos Açores.

O transporte marítimo de passageiros vai melhorar quando nós tivermos navios novos. Foi o que aconteceu na Madeira quando o Governo da Madeira comprou, através de uma empresa privada, um navio novo.

Só que nos Açores porque temos 9 ilhas, por sermos muito mais sazonais, temos muita mais dificuldade.

Não é um navio que é preciso. São precisos 4 navios e o investimento não é pouco, é muito maior do que o da Madeira. São à volta dos 60 milhões de euros.

Neste mês vamos lançar o concurso de dois navios, para que estejam prontos provavelmente em 2008.

Mas tudo tem o seu tempo.

A história no transporte marítimo de passageiros começou com o nosso Governo. É com orgulho que dizemos que foi com o nosso Governo que lançamos essa ideia.

O PSD esteve 20 anos no Governo e nunca teve a ideia de lançar o transporte marítimo de passageiros. A vossa história sobre este assunto é zero.

A nossa história é ir, progressivamente, fazer do transporte marítimo um elo de ligação para todos os açorianos.

É a partir da construção dos novos navios, da nova reforma que vamos fazer no transporte marítimo de passageiros, que vamos conseguir esse desiderato, mas fazemo-lo passo a passo. Nós não somos ricos, não somos uma região rica. Temos que ter o financiamento para os investimentos.

Neste momento adoptámos o modelo que achámos o mais correcto e dissemo-lo de uma forma clara.

Quanto ao investimento ser o dobro, o Sr. Deputado está errado.

A Açorline, de 2001 para 2005 (por 4 anos com opção de mais um) recebeu 2 milhões e 650 mil euros por ano, actualizável à taxa de inflação. Aqui recebeu 16,8 milhões. Se dividir por 6 anos são 2,8 milhões, exactamente o mesmo e as condições são completamente diferentes. Aumenta-se o número de ligações para as Flores e na

segunda fase, ao contrário do que os Srs. Deputados possam imaginar, há um ressarcimento da Atlânticoline de 1 milhão de euros por ano.

Portanto, não podemos comparar coisas que não são comparáveis. Os primeiros dois anos não se podem comparar com os 4 anos da Atlânticoline, é muito menos tempo para amortizar o investimento, portanto o custo é muito mais elevado, as exigências do concurso são muito maiores porque os barcos têm que ter menos de 30 anos quando anteriormente não havia essa exigência, e na altura do início da operação têm que estar classificados por uma sociedade muito mais exigente.

Nós estamos a apelar para a exigência do concurso.

Quanto à auditoria do Tribunal de Contas não temos qualquer medo neste processo.

Nós temos consciência que fizemos o melhor para a Região Autónoma dos Açores.

Quanto ao Sr. Deputado Jorge Macedo, que desta vez não veio com o dedo no ar como veio para os transportes aéreos, devo dizer que o senhor tem muito que aprender nesta área para perceber alguma coisa do que estamos a fazer.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Lizuarte Machado.

(\*) **Deputado Lizuarte Machado (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo, Sr. Deputado Jorge Macedo:

Eu não vou entrar na discussão das questões de conteúdo relativamente a este concurso de transporte marítimo de passageiros, porque o que está aqui em causa é o Projecto de Resolução do PSD e é sobre ele que me vou pronunciar.

Não tenho problemas em me pronunciar sobre as questões de conteúdo de todo este processo, mas no âmbito do que está aqui em discussão, que é um projecto de resolução, penso que isso não faz sentido. Portanto, vou ater-me só e apenas à análise deste Projecto de Resolução do PSD.

O tipo de contrato visado pelo Projecto de Resolução do PSD que, enfim, solicitaria ao Tribunal de Contas para fiscalizar, é um contrato que não é sujeito, como todos sabemos, a auditoria e visto prévio do Tribunal de Contas, mas evidentemente que é sujeito à fiscalização e ao controlo do Tribunal de Contas, sempre que o Tribunal de Contas o entenda e pelas razões que entender.

O entendimento deste Grupo Parlamentar é que não cabe a nós, Deputados, sugerir ou indicar ao Tribunal de Contas aquilo que deve ou não fazer, por um lado, por uma

questão de respeito com o Tribunal de Contas e, por outro lado, também por uma questão de respeito pelo princípio da separação de poderes.

Portanto, no nosso entendimento, este Projecto de Resolução não faz qualquer sentido e porque não faz qualquer sentido nós votaremos contra.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Pedro Gomes.

(\*) **Deputado Pedro Gomes (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Se o mundo fosse avaliado pelas palavras do Sr. Secretário Regional da Economia, seria, usando uma linguagem marítima, um mar azul cheio de calmaria.

Infelizmente, para os açorianos o mundo não é avaliado pelas suas palavras, nem corresponde às suas palavras.

Aparentemente o Sr. Secretário Regional da Economia procurou passar ao lado do problema que esta Resolução vem colocar em debate neste Parlamento.

Este procedimento de concurso, este processo de concurso, é suspeito, cheio de suspeições para um negócio milionário nos transportes marítimos de passageiros e de viaturas nos Açores. Essa é que é a verdade, Sr. Secretário Regional.

Por muitas palavras que o senhor possa utilizar nesta Assembleia, não consegue esconder a frieza e a realidade dos números e não consegue explicar como é que tendo pago 2 milhões de euros (vamos arredondar) à Açorline no último ano do contrato...

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** 2.75!

**O Orador:** ... vem pagar agora, no primeiro ano, na primeira fase, 4.8 milhões de euros. Para os dois primeiros anos da primeira fase, 9 milhões 620 mil euros.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Exigência dos contratos!

**O Orador:** Não. Estamos a falar da primeira fase. Sem os navios, Sr. Secretário.

O Sr. Secretário tem que explicar nesta câmara...

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Não tenho que explicar nada! O concurso foi aberto.

**O Orador:** ... como é que este negócio tem estes valores e tem que explicar, concretamente...

*(Aparte inaudível do Secretário Regional da Presidência)*

**O Orador:** O Tribunal de Contas fiscaliza a legalidade do procedimento e é isso que o PSD pretende.

As perguntas que estão a ser suscitadas no âmbito deste debate devem ser respondidas, a menos que, Sr. Secretário da Presidência, o Governo não queira responder a nenhuma delas, como, aliás, é hábito.

**Secretário Regional da Presidência (Vasco Cordeiro):** Estávamos à sua espera, Sr. Deputado!

**O Orador:** Não precisa de estar à minha espera, Sr. Secretário. Se está tudo dentro da legalidade, como afirmou aqui o Sr. Secretário da Economia, então, nem o Governo, nem esta maioria, têm que ter problemas em responder às perguntas e em votar favoravelmente a resolução que o PSD apresenta...

**Deputado Lizuarte Machado (PS):** E não têm!

**O Orador:** ... porque, das duas uma: ou o concurso é transparente, não tem qualquer suspeita, não há nenhuma ilegalidade e o Governo nada teme, ou então verifica-se o contrário e se calhar é por isso que o Partido Socialista vai votar contra esta Resolução, como agora foi anunciado pelos Sr. Deputado Lizuarte Machado.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Não é por aí!

**O Orador:** O que está aqui em causa são circunstâncias suspeitas neste concurso. Eu também tenho um mapa com contas, Sr. Deputado Lizuarte Machado. Eu também sei fazer contas.

O que está aqui em causa, e é isso que leva o Partido Social Democrata a pedir a intervenção de uma entidade independente que vela pela legalidade financeira, quer do sector público, quer do sector público empresarial, é que este é um procedimento, como disse o Sr. Deputado Lizuarte Machado e bem, que não está sujeito a visto prévio do Tribunal de Contas, porque se trata de um concurso lançado por uma Sociedade Anónima. Coisa estranha, porque sempre vimos V. Exa., Sr. Secretário Regional da Economia, e nunca nenhum açoriano viu o Presidente do Conselho de Administração desta sociedade, falar sobre este concurso. Foi sempre V. Exa. que publicamente assumiu tudo em relação a este concurso, apesar de ele ter sido lançado

em Dezembro do ano passado por uma Sociedade Anónima que, por acaso, é detida exclusivamente pela Região, através de uma outra sociedade na qual a Região também tem participação. E é um concurso que por acaso é ganho por uma sociedade na qual a Região também tem 20% do capital social. Não deixa de ser curioso, pelo menos, e de levantar aqui uma suspeita.

*(Aparte inaudível do Sr. Deputado Lizuarte Machado)*

**O Orador:** Não é uma questão de gostar ou de deixar de gostar, Sr. Deputado. É uma questão de acautelar a transparência de um procedimento. Essa é que é a questão.

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** Não tem a ver, como aqui afirmou o Sr. Secretário da Economia, com o passado do PSD, com o facto deste Governo ter o mérito, que o tem e ninguém discute, de ter lançado o transporte marítimo de passageiros nos Açores. Não é isso que estamos a discutir.

Estamos a discutir, em concreto, a legalidade, a transparência e os negócios subjacentes a um concurso que foi que lançado por uma empresa de capitais públicos. Essa é que é a discussão. Não é o passado do PSD.

Não estamos a discutir os méritos do lançamento do transporte público de passageiros nos Açores.

Não vale a pena tentar desviar a discussão para argumentos colaterais, porque o fulcro da discussão assenta na questão da legalidade. E é isso que estamos aqui a discutir. É essa questão que leva o Grupo Parlamentar do PSD a apresentar nesta Assembleia este Projecto de Resolução contra o qual, aliás, o Partido Socialista já se pronunciou e já anunciou que vai votar contra.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Já anunciou?

**O Orador:** Já anunciou. O Sr. Deputado estava distraído.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** Estava. Também tenho esse direito.

**O Orador:** Com certeza. Não pode é estar sempre distraído.

**Deputado Francisco Coelho (PS):** É verdade. Eu tento aí não ser muito contagiado!

**O Orador:** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A questão aqui é precisamente esta.

Como anunciou o Deputado Jorge Macedo, em nome do Grupo Parlamentar do PSD, é pelo menos estranho que o Governo tenha, de um concurso público internacional, precisamente alterado a única regra, a única cláusula que afastou um concorrente e que no procedimento seguinte foi o único concorrente que apresentou uma proposta e que lhe permitiu ter sido incluído. Isto é, a regra que o excluiu foi apagada para permitir que ele entrasse no procedimento seguinte.

Concordarão os Srs. Deputados e os açorianos, que nos ouvem através da comunicação social que aqui está, que é pelo menos estranho.

É pelo menos estranho que esta empresa que apresenta um valor acima dos 12 milhões de contos na primeira proposta, na fase do concurso, baixe generosamente esse valor em mais de 20%. É estranho e deve suscitar a estranheza dos açorianos que nos estão a escutar neste debate.

São estas circunstâncias que suscitam e que fundamentam o pedido de intervenção do Tribunal de Contas e suscitam pela razão adicional que anuncio, é que este é um processo que não está sujeito a fiscalização prévia e o Grupo Parlamentar do PSD, em nome da transparência, em nome da legalidade, em nome da clareza dos procedimentos, quer que o Tribunal de Contas verifique a legalidade deste contrato para que haja certeza absoluta do ponto de vista do direito e do rigor financeiro de que este processo foi bem conduzido e que esta adjudicação é bem feita, porque temos fundadas dúvidas.

Sr. Secretário Regional da Economia:

Não é apenas o PSD que tem dúvidas. Basta ler o Açoriano Oriental de hoje...

**Deputado Francisco Coelho (PS).** Isso é a Bíblia!

**O Orador:** ... que diz: “após um processo complexo e atribulado...”. Não são só os Deputados do PSD, ao contrário daquilo que a maioria gosta de insinuar, que têm dúvidas sobre este processo.

Aos olhos de toda a gente foi um processo complexo e atribulado e ninguém melhor do que a entidade que faz o controlo da legalidade do ponto de vista económico e financeiro para saber se este processo foi ou não complexo e atribulado e se cumpriu ou não a legalidade.

Se o Governo não tem nenhuma dúvida e está seguro das suas certezas, então, como diz o povo, “quem não deve, não teme” e esta maioria devia fazer o contrário daquilo que anunciou.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PSD)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado António Marinho.

**(\*) Deputado António Marinho (PSD):** Muito obrigado, Sr. Presidente.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A nossa intenção ao apresentar este Projecto de Resolução, como já foi dito por quem me antecedeu, é para planificar e conhecer os contornos exactos desta questão, porque não tenhamos dúvidas que acarinhámos e consideramos que o transporte marítimo de passageiros e de viaturas inter-ilhas tem uma expressão, neste momento na Região, interessante. Contribui para a aproximação das ilhas, é acarinhada pelas populações das diversas ilhas e por isso temos tanto interesse, como qualquer outra bancada desta casa, em que as coisas corram bem.

E é justamente por querermos que as coisas corram bem que entendemos que é necessário planificar, que o processo não fique associado a nada de menos transparente, a nada de mais suspeito.

Por isso, quando Sr. Secretário diz que quando passaram da fase do concurso, para a fase da negociação prévia, não alteraram nenhuma regra essencial. É provável que não seja essencial, mas é estranho, porque foi justamente aquela que o único concorrente que existiu na fase do concurso não satisfazia. Portanto, é estranho.

Vamos tentar clarificar. Vamos tentar saber o que é que se passa com isso.

Depois diz que numa fase subsequente convidaram todas as que tinham levantado na primeira fase o caderno de encargos (tudo bem!) e deram-lhes 10 dias. Sabendo, e o Sr. Secretário sabe disso muito mais do que eu porque é o seu ofício, que 10 dias é um período, não digo manifestamente insuficiente, em que seria impossível a qualquer um dos outros (ao que parece, foram 7 entidades que levantaram o caderno de encargos) conseguir no mercado internacional equipamento (barcos) em 10 dias

para poderem candidatar-se e passar à fase da negociação prévia. Era impossível! Não era difícil. Era dificilmente alcançável! Era impossível alcançar!

Falou também da instrumentalização do Tribunal de Contas.

Pelo amor de Deus, Sr. Secretário! A única coisa que aqui pretendemos é apelar e recorrer a uma entidade independente – e penso que todos lhe reconhecemos a independência e pessoalmente acho que todos também, nas diversas situações que pudéssemos passar, devíamos acatar aquilo que ela nos diz –justamente, pelo facto deste concurso não estar sujeito a visto prévio, para que analise o processo e nos dê respostas claras.

O senhor referiu a determinada altura que não tinha problema nenhum, que estavam seguros.

Então se estão seguros, por que não? Avancem! Não tenham problemas!

Se estão seguros sigam em frente!

Diz também que lançaram a ideia. Vamos dar isso de barato. Tudo bem. A ideia é por nós acarinhada, nunca nos manifestámos contra ela. Queremos é que ela seja conduzida sem suspeição, que não haja zonas menos claras no meio de todo este processo.

Quanto aos montantes, eu penso que é outra boa oportunidade. Aliás, penso que a matemática deste Governo, deste ontem, anda meia baralhada e continua.

Nós não temos dúvidas que relativamente à situação mais baixa que decorre da negociação prévia, a diferença é acima do dobro e, nas nossas contas, é 2,16 vezes superior ao montante que vai agora ser pago. Até aí o próprio Tribunal de Contas se encarregará de fazer as contas e penso que ao Tribunal de Contas se deve dar a possibilidade de entender que eles até sabem fazer contas. Vamos deixar que eles retirem as conclusões necessárias.

O senhor diz que está seguro. Há sempre aquela velha frase que se pode utilizar numa situação destas: “quem não deve, não teme!”

Avancem!

Deixem o Tribunal de Contas apreciar. Por que não?

Se o Tribunal de Contas apreciar e retirar as suas conclusões, se estiver tudo bem, felizes da vida todos nós.

A operação ficará associada a algo positivo e ficará tudo completamente esclarecido. Será positivo para os senhores, será positivo para todos nós e será positivo para todos os açorianos.

Penso que até neste caso, se nós estamos a dar esta sugestão de recorrer a uma auditoria do Tribunal de Contas, é bom para os senhores. Não ficam associados a nada de pouco claro. Avancem!

Se isso não acontecer, se os senhores se recusarem, como parece ser a intenção manifestada pelo Sr. Deputado Lizuarte Machado, seguramente que tudo isto vai ficar associado a uma alta suspeição.

Nesse caso, acho que vai ser mau para a operação e, acima de tudo, vai ser muito mau para os Açores.

**Voices dos Deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Jorge Macedo.

(\*) **Deputado Jorge Macedo (PSD):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu tenho sempre muito prazer em debater com elegância e elevação todos os temas, nomeadamente com o Sr. Secretário Regional da Economia.

O que motivou o PSD a trazer esse assunto a esta casa foi o facto de, em primeiro lugar, o PSD entender que o serviço de transporte marítimo de passageiros e de viaturas é importante para os Açores, para a sua unidade e para a mobilidade dos açorianos. Relativamente a isso somos claros.

Os senhores tiveram uma excelente ideia.

O problema coloca-se porque os senhores já têm história. Os senhores, no caso do transporte marítimo de passageiros, já têm uma história de 7 anos, o que significa que não começaram ontem.

A nossa preocupação é que durante 7 anos assistimos todos os anos, pela mesma altura, à novela dos barcos. Não aprenderam com os erros. De um ano para o outro nunca conseguiram aprender com os erros.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Um concurso é por 4 anos!

**O Orador:** Nós ficámos todos satisfeitos quando os senhores disseram agora que iam começar de novo, só que o começar de novo, infelizmente (e agora já não é por causa

da certificação do navio, se o IPTM sai ou não sai) enriça-se outra vez. E enriça-se porquê? Porque os senhores construíram um caderno de encargos mal feito e vou explicar porquê.

Como é que se justifica que os senhores construam um caderno de encargos que motiva, à partida, para um negócio, 8 concorrentes e fomos ouvindo na comunicação social que, um, não estava interessado. Pouco tempo depois, o outro não quis prestar declarações mas disse que também não queria. Os senhores entraram em tremedeira quando chegaram à fase final da apresentação das propostas, porque se corria o risco (os açorianos corriam o risco!) de não ter barcos, porque os senhores introduziram regras que afastaram 7 concorrentes.

**Secretário Regional da Economia** (*Duarte Ponte*): Quais foram as regras, Sr. Deputado?

**O Orador:** Mais curioso do que isso, Sr. Secretário Regional, é que nós temos empresários que se motivam para uma determinada tarefa e é preciso que lhe sejam dadas condições.

Há última da hora, aparece uma proposta. Pelo menos a comunicação social relatou que era há última da hora (nós não estamos à porta para ver se foi 5 minutos antes para acabar o prazo) e que corremos o risco, um dia antes, do concurso ficar deserto.

Há última da hora aparece um concorrente e ficámos todos satisfeitos, inclusive era um concorrente que já tem serviço prestado no triângulo, ou melhor, no Grupo Central.

Só que novamente a nossa satisfação cai por terra. Sabe porquê, Sr. Secretário? Para já porque é apresentado um valor astronómico relativamente à primeira proposta. Em segundo lugar, porque primeiro a proposta é admitida, na fase de abertura das propostas apenas se verificam todos os aspectos processuais, mas numa segunda fase é dito, “o senhor tenha paciência, mas se a sua proposta não pode ser admitida, é excluído do concurso por uma única razão”.

Será que essa razão não afastou outros concorrentes durante o período em que decorreu o primeiro concurso?

O senhor garante que essa razão não afastou mais nenhum concorrente?!

A seguir, faz-se um “fato à medida” para desenrascar. É evidente, aos olhos dos açorianos, que é para desenrascar! “Não conseguem cumprir todas as regras, falta uma, alteramos esta!”

Sr. Secretário, vamos ser muito claros, num concurso público com esta dimensão, se isso não tem contornos nublados e nublosos,...

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Isso é na sua cabeça!

**O Orador:** ... eu então não sei o que é que é mar tempestuoso e céu muito nublado, porque neste caso concreto era preciso que nós tivéssemos a clareza, tivéssemos a certeza de que houve total clareza de procedimentos, até porque não só está envolvido o nosso dinheiro, o dinheiro de nós todos, mas fundamentalmente porque a proposta negociada na segunda fase, pelo procedimento de negociação, fica acima, muito acima, é mais que o dobro, do que aquilo que foi pago nos últimos 7 anos.

Tudo isso, todos esses contornos, nublados e nublosos, agravado pelo facto da Região, agora, ir despender mais do dobro do que despendia, é motivo mais que suficiente para os senhores, de consciência tranquila, poderem admitir e aprovar o Projecto de Resolução que o PSD traz a esta casa. Se não há nada a temer, então vamos aprovar uma resolução para que o Tribunal de Contas possa fazer uma auditoria a todo o processo. Era isso que fazia sentido.

Os senhores entendem o contrário. Os açorianos naturalmente irão julgar as vossas atitudes.

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** *Muito bem! Muito bem!*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Paulo Gusmão.

(\*) **Deputado Paulo Gusmão (Indep.):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Manda a verdade que se inicie qualquer intervenção sobre este tema com um merecido elogio ao início do processo dos barcos nos Açores, elogio esse feito e tido por toda a população. Os Governos da nova Autonomia, trouxeram este facto novo que é de assinalar, registar e elogiar.

Passar à fase da exigência, julgo que também aí estamos todos de acordo, aliás, sobretudo por aqueles que foram usando, por diversos modos, essa mais valia que a Região conquistou. De facto, o serviço não era o melhor que se podia esperar, de

acordo com a exigência, de acordo com um serviço que tenha critérios, nível e qualidade.

Resta analisar aqui se essa exigência tem ou não o devido preço ou o devido custo, ou se há qualquer factor que possa, ao menos, fazer duvidar de que essa exigência está a ter um custo mais alto do que aquele que parecia, à primeira vista, poder ser a justa medida ou o necessário.

O que pode estar aqui em causa tem a ver com, passe a expressão, o desenrasca-te e, julgo eu, a bem da Região, saber se o processo foi ou não bem conduzido.

É reconhecido que houve algumas conturbações e julgo que isso não é fácil de negar. É levantado aqui, por uma força política, o Partido Social Democrata, este processo e se a sua condução foi ou não bem feita. Portanto, o Partido Social Democrata levanta aqui essa questão.

Eu não percebo, de facto, e depois de tudo isto, qual é o receio de dar sequência a este Projecto de Resolução, porque formalmente é sobretudo por não estar sujeito a fiscalização prévia (argumento usado pelo Partido Socialista) que faz sentido o Projecto de Resolução.

Se fosse de lei a fiscalização prévia, era uma proposta inócua. Não tinha necessidade, sendo que existe a possibilidade do sucessivo, mas também foi dito, e bem, “quando o Tribunal de Contas o entenda”.

Não há mal nenhum, antes pelo contrário, dentro da independência e do campo de cada um dos órgãos, que não se obrigue, mas que se solicite ao Tribunal de Contas este papel. E é o que aqui é pedido.

Pergunto, e é essa a minha estranheza: então, se o Partido Socialista não queria debater este tema na Assembleia, por que é que votou a urgência?

Se o Partido Socialista queria debater este tema na Assembleia, então este diploma baixava à Comissão e debater-se-ia toda esta questão. É que, assim, não fica o debate nem na Assembleia, nem há sequer a sequência desejada pelos proponentes que é a análise feita pelo Tribunal de Contas.

Eu julgo que após o voto da urgência, até por razões práticas, fica o assunto resolvido, a bem de todos (de quem tem dúvidas e de quem governa), agora e definitivamente. Essa é a minha posição. Não percebo, e criam-se-me dúvidas, à

partida, por aquilo que o Sr. Secretário expõe e bem, a sequência que o Grupo Parlamentar dá ao projecto que aqui é apresentada.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Artur Lima.

(\*) **Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Este processo, realmente, é complexo.

Começaria pela intervenção do Sr. Secretário da Economia que diz que, pela primeira vez, os barcos têm menos de 30 anos. Parece que têm 26 ou 27 anos. Não estão muito longe da idade da reforma, dos 30 anos.

Felicito o Governo por ter iniciado nos Açores o transporte marítimo de passageiros que era realmente muito importante.

O CDS/PP tem defendido esta matéria, mas o Governo não tem tido sempre um comportamento saudável a esse respeito. As confusões do passado foram muitas.

Eu lembro-me, Sr. Secretário, e está a fazer um ano, que nós fizemos um requerimento a esse respeito. Custa a aceitar que o senhor venha aqui garantir que tudo vai correr bem, etc., etc., que fez o contrato com as empresas, e a seguir venha dizer que não pode fazer mais e que já aplicou a coima.

É preciso que este processo seja muito bem esclarecido para que o que começou mal possa acabar bem. É esse o meu desejo, Sr. Secretário.

Quem é que fica prejudicado?

São os passageiros.

A empresa paga a multa, mas não cumpre o serviço.

O Governo não pode fazer nada, porque está no contrato.

Convinha esmiuçar muito bem essas coisas todas.

O PSD tem fundamentadas razões para, legitimamente, trazer essa preocupação aqui.

Realmente o processo é nubloso, não é transparente.

Na comunicação social vêm notícias que não são desmentidas. São 16 milhões, 9 milhões, 8 milhões; são empresários que se queixam e dão entrevistas à comunicação social criticando o processo (apareceu há pouco tempo, na comunicação social, nomeadamente na Terceira, alguns empresários que não achavam o processo...).

Uma coisa de serviço público que custa milhões deve ser feita realmente com o maior rigor possível e disso ninguém tem dúvidas.

Portanto, reconheço legítimas razões ao PSD para estar preocupado com isso. Eu também estou e de certeza o Sr. Secretário também está. Todos nós estamos.

Queria também salientar, não sendo jurista, obviamente, mas não queria ir tão longe como o Sr. Deputado que referiu que era instrumentalizar o Tribunal de Contas.

Suponho que o Tribunal de Contas ouve, sabe o que se passa, tem iniciativa própria.

Tenho também alguma dúvida nessa matéria, que seja o Tribunal de Contas a fazer isso.

Julgo que esta casa tem o dever e a obrigação de fiscalizar estas coisas e esmiuçar estes assuntos, esmiuçar bem esmiuçadinhos para que não haja dúvidas e talvez tenha condições para isso.

Não concebo como uma instrumentalização do Tribunal de Contas, mas tenho alguma dificuldade em que esta casa recomende a um Tribunal, porque tem independência própria. Tenho alguma dificuldade em entender isto.

Agora, reafirmo que o PSD tem toda a legitimidade, toda a razão em querer esclarecer este assunto.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Francisco Coelho.

(\*) **Deputado Francisco Coelho (PS):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Em primeiro lugar convém ficar claro o seguinte:

Esta bancada reconhece aos Srs. Deputados do PSD, ao Sr. Deputado Independente, ao Sr. Deputado do PP e a nós próprios, se for caso disso e quando assim o entendermos, o direito, todo o direito, de fiscalizar a acção governativa e reclamamos todos os meios essenciais para isso, toda a informação. O Jornal Oficial que recebemos de graça, antes de embrulhar as batatas, deve ser lido. Devemos acompanhar e estamos cá para isso.

O Grupo Parlamentar do PSD pode, e deve, querendo, fazer requerimentos ao Governo sobre esta matéria, como já fez.

Pode até usar, o que seria tão bom, um conjunto de figuras regimentais e direitos protestativos, que não usa.

Pode fazer perguntas orais ao Governo sobre esta matéria.

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** Não se preocupe com o PSD!

**O Orador:** Pode provocar um debate de urgência sobre esta matéria.

Pode, conforme é praxe nesta casa, fazer uma intervenção no PTAP. É muito hábito nesta casa, com a generosidade e eficácia do nosso funcionamento, que se comece por fazer uma intervenção e ela acabe por ser um inquérito de uma sessão inesperada de perguntas ao Governo. Tudo isto os senhores podem fazer.

Quando fizerem isto tenho a certeza de que esta bancada cumprirá e responderá a todas as questões com muito gosto.

Mas, porque há um Regimento e porque o Regimento, apesar de tudo, convém que seja cumprido e porque o PSD, tenho a certeza, pela sua experiência nesta casa e pelas suas responsabilidades já o conhece, não foi isso que os senhores pediram, não é isso que estamos a discutir, embora os senhores tentem fazer de conta que é.

O que os senhores pediram aqui foi muito simples. No parágrafo único de uma Resolução, os senhores pedem a esta Assembleia que peça ao Tribunal de Contas para fazer uma auditoria e para analisar, sob o ponto de vista da legalidade, este contrato.

É bom que isto fique claro, porque é isto que os senhores estão a pedir. E isto que os senhores estão a pedir tem determinados significados políticos. Desde logo, significa que para já, ou pelo menos neste momento, os senhores abdicaram de fazer politicamente esta fiscalização. Usaram um meio regimental para pedir ao Governo para fazer esta fiscalização.

Desde logo, podem ainda voltar a fazê-lo, mas neste momento não estão a fazer, neste momento abdicaram de o fazer.

E estão a fazer mais: estão, dentro de um espírito que começa a ser repetitivo e começa a ser verdadeiramente preocupante para a saúde da política açoriana, a fazer queixinhas. Estão, uma vez mais, a mostrar a vossa impotência,...

**Deputado Pedro Gomes (PSD):** Não apoiado!

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Isso não tem nada a ver com a auditoria!

**O Orador:** ... a pedir a outros. Pedem a Presidente da República que vete, pedem aos tribunais que fiscalizem, como se os tribunais não fossem independentes, como se

não houvesse separação de poderes e como se o Tribunal de Contas precisasse de orientações do poder político para saber o que é que deve fiscalizar. Isso é o que se passa e é pena porque com este comportamento de impotência confessada, de queixinhas, de vai pedir à “mãe”, vai pedir ao Presidente da República, vai pedir ao Tribunal de Contas, vai pedir ao “tio”, o PSD é verdadeiramente o calimério da política açoriana, é um partido impotente e dá prova e exibicionismo disto. É pena. Assim não se faz política.

O que os senhores querem é que o Tribunal de Contas fiscalize. Nós dizemos, e o Governo também o diz, o Tribunal de Contas que fiscalize quando quiser.

O Tribunal de Contas é um órgão independente. Nós não precisamos dizer ao Tribunal de Contas para fiscalizar. Nós não precisamos de dizer ao Presidente da República para promulgar ou para vetar. Nós não precisamos de dizer aos órgãos institucionais e muito menos aos tribunais o que é que eles devem fazer.

Nós devemos fazer aquilo que temos competência para fazer, usando os meios processuais e regimentais adequados,...

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Como este. Este é um!

**O Orador:** ... mas o PSD, pelos vistos, não se considera com competência para criticar materialmente este contrato. O PSD não quer fazer isso.

O PSD tem medo de não ser competente para fazer isso, tem medo de não encontrar nada que afinal gostaria de encontrar e pede aos outros.

O PSD abstém-se. O PSD abdica. O PSD e os Deputados do PSD não usam as competências regimentais que têm.

Façam o favor de as usar e este Grupo Parlamentar e o Governo têm o máximo prazer em responder a V. Exas.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Estamos a usar. Pensaram que nos iam incomodar, mas não nos incomodam!

**O Orador:** Não é isso que estão a fazer. Estão a fazer o contrário. Estão a “chutar” para canto. Estão a fazer queixinhas, estão a pedir a outros que façam aquilo que os senhores, pelos vistos, não sabem, não querem ou não podem fazer.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Presidência.

(\*) **Secretário Regional da Presidência** (*Vasco Cordeiro*): Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sra. e Srs. Membros do Governo:

Apenas para participar neste debate, de certa forma contribuindo ou tentar contribuir, para o esclarecimento daquilo que está aqui em causa.

Em primeiro lugar, e conforme já foi por vastas vezes salientado aqui, é perfeitamente legítimo, e, aliás, a intervenção do Sr. Presidente do Grupo Parlamentar do PS acaba também de dar conta disso, que os senhores deputados pretendam esclarecimentos, pretendam conhecer em detalhe, com maior pormenor ou com mais pormenor aqueles que são os actos do Governo.

O Governo está aqui para isso. Está aqui, através de um conjunto de figuras regimentais às quais tenta responder da melhor forma possível no intuito de esclarecer os deputados e dar cumprimento à responsabilidade política que tem perante esta Assembleia.

Este era o primeiro ponto que eu gostava de esclarecer.

Segundo ponto:

Não é à Assembleia Legislativa Regional que compete dizer quem é que deve ser fiscalizado ou quem é que não deve ser.

Hoje ouvi dizer-se neste debate que o PS não quer que o Tribunal de Contas fiscalize ou que o Governo não quer que o Tribunal de Contas fiscalize.

**Deputado Jorge Macedo** (*PSD*): É o que parece!

**O Orador:** É falso!

**Deputado Mark Marques** (*PSD*): Então votem a favor!

**O Orador:** Porque é necessário esclarecer e clarificar este assunto, este Projecto de Resolução é de eficácia nula para determinar quem deve ser fiscalizado pelo Tribunal de Contas. Não acrescenta nada, da mesma forma que se eventualmente o Governo entendesse que não devia ser fiscalizado, também não acrescentava absolutamente nada.

O Tribunal de Contas fiscaliza quem entende que deve fiscalizar, quer o Governo queira, quer o Governo não queira, quer o PSD queira, quer o PSD não queira.

O primeiro aspecto que é necessário clarificar, porque não é verdade, é dizer-se que o Governo, independentemente da posição que toma em relação a este Projecto de Resolução, não quer que o Tribunal de Contas fiscalize este assunto.

O Tribunal de Contas é sempre bem-vindo para fiscalizar aquilo que quer.

O que está aqui em causa, não é um acto de fiscalização do Tribunal de Contas. O que está aqui em causa não é sequer a possibilidade de desencadear um acto de fiscalidade do Tribunal de Contas. Para esse efeito, este Projecto de Resolução é nulo. Não acarreta nada. Efeitos práticos, não tem nenhum, sob o ponto de vista da fiscalização do Tribunal de Contas.

Tem efeitos?

Tem. Tem efeitos políticos.

Mas nós não estamos a falar aqui de um acto de fiscalização do Tribunal de Contas.

Nós estamos a falar aqui de um acto político.

É em relação a esse acto político que o Governo Regional não concorda que esta Assembleia se demita das suas responsabilidades, como foi e muito bem dito pelo Sr. Presidente do Grupo Parlamentar do PS, querendo que outros façam o trabalho que aos Srs. Deputados compete fazer.

Ora, se está completamente esclarecida a questão da eficácia deste Projecto de Resolução, para efeitos da fiscalização da legalidade, só nos resta a vertente política e é em relação a isso que estamos a discutir.

Não estamos a discutir se nós queremos que o Tribunal de Contas fiscalize ou não.

Nós estamos a discutir é se este Parlamento, por proposta dos Srs. Deputados do PSD, deve dizer “nós lavamos daí as nossas mãos, o Tribunal de Contas...” Pior! É que nem sequer é o Tribunal de Contas, porque todos nós sabemos qual é o efeito que estas coisas têm. Todos nós sabemos que a partir do momento em que se diz que se pede uma fiscalização do Tribunal de Contas, sabendo que isso não tem eficácia prática, está lançado o anátema sobre o Governo Regional de qualquer posição que tome de não concordar com o acto político.

É necessário realçar este aspecto porque me parece particularmente importante.

Este Projecto de Resolução é de efeito nulo,...

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Se votarem contra, é!

**O Orador:** ... neutro, tanto faz existir como não existir, para efeitos de fiscalização por parte do Tribunal de Contas. Não é nulo para efeitos políticos. Certamente que não é. Tem o seu valor político, ou melhor, não tem o seu valor político. Tem o seu desvalor político.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** O incómodo é muito grande!

**O Orador:** Passo a explicar, terminando e muito rapidamente. O PSD fez um requerimento sobre substituição dos navios de cruzeiros, que já está respondido. Aliás, aproveito para dizer que até foi respondido antes do termo do prazo, para compensar algum.

O PSD fez algum requerimento sobre o concurso?

**Vozes dos Deputados da bancada do PSD:** Fez, sim senhor!

**O Orador:** Ainda não recebi!

O PSD suscitou, por acaso, o esclarecimento desta matéria?

Isso ainda é mais grave. Os senhores pedem a apreciação do Tribunal de Contas antes de saber a resposta ao requerimento?

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Exactamente!

**O Orador:** Que raio de raciocínio é esse? Isto é mais grave! Não interessa a explicação que o Governo dá ao requerimento. O que interessa é pedir a fiscalização do Tribunal de Contas.

Os senhores entendem que esta matéria deve ser esclarecida. Açam que há ilegalidades antes de receberem uma resposta ao vosso requerimento?

Gostava de salientar que me parece que algumas das intervenções que houve aqui podem suscitar o erro sobre aquilo que estamos a discutir neste momento. Nós não estamos a discutir se o Tribunal de Contas deve ou não fiscalizar.

*(Aparte inaudível do Deputado Clélio Meneses)*

**O Orador:** Não estamos, não senhor, Sr. Presidente do Grupo Parlamentar do PSD. Por muito que o senhor queira, não é o senhor que vai dizer o que é que o Tribunal de Contas faz. Nem é esta Assembleia que diz ao Tribunal de Contas, por muito que o senhor queira, por muito que esse Grupo Parlamentar queira.

O que nós estamos a discutir aqui é o desvalor político que esse Projecto de Resolução tem; é exactamente o demonstrar que o PSD confessa a sua impotência para acompanhar dignamente e com eficácia a sua função de fiscalização do Governo.

Prescinde disso remetendo para o Tribunal de Contas. É pena que esta sessão, que tanto teve de teatro à sua volta,...

**Deputado Mark Marques (PSD):** E agora estamos a assistir ao 3º acto!

**O Orador:** ... na fase de preparação, o líder do PSD passou um autêntico atestado de incompetência aos seus deputados – porque é apenas sobre eles que ele tem legitimidade para falar – ao dizer que a Assembleia ...

*(Risos dos Deputados da bancada do PSD)*

Os senhores riem-se?!

Então o líder do partido diz que os deputados trabalham pouco e acham isso bem?

**Deputado Jorge Macedo (PSD):** Sabíamos que íamos causar incómodo, mas tanto não!

**O Orador:** O que demonstra é que quem tanto falou na dignificação da Assembleia, a primeira coisa que faz quando chega aqui é dizer: “Não. Nós não estamos cá para nos chatear. Vamos pedir ao Tribunal de Contas que trabalhe sobre isso!”

É este aspecto político que o Governo Regional entende que não é meritório, que não é válido.

Quanto a todas as outras questões de fiscalização do Tribunal de Contas, reafirmo mais uma vez, para que não restem dúvidas em relação à posição do Governo Regional, que nós estamos aqui para responder às questões que nos forem colocadas, venham elas dos Srs. Deputados, venham elas do Tribunal de Contas, venham elas de onde vierem.

Obrigado.

*(Aplausos dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo)*

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Secretário Regional da Economia.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Eu penso que muito já foi dito e acho que estamos numa fase quase conclusiva.

Eu não tenho mais nada a acrescentar a este assunto, a não ser que o Governo Regional está pronto a fornecer todos os dados que foram pedidos e não tenha quaisquer dúvidas que o requerimento que os Srs. Deputados do PSD fizeram há cerca de 7 dias será respondido em todo o detalhe.

O que eu acho estranho é que antes de receber os documentos, estejam os Deputados do PSD a fazer contas, a dizer que é o dobro, o triplo ou o quádruplo, quando não sabem exactamente do que é que estão a falar.

Os Srs. Deputados, porque não conhecem os detalhes do caderno de encargos do programa do concurso, estão a falar daquilo que não conhecem.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** Está aqui!

**Deputado Alberto Pereira (PSD):** E sabemos somar!

**O Orador:** Então já sabem alguma coisa.

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** O senhor é que não sabe o que é que está a dizer!

**O Orador:** Srs. Deputados, vamos ser sérios neste processo.

Foram feitas aqui afirmações que não estão correctas, que resultam de falta de informação, que só pode vir efectivamente da resposta ao vosso requerimento.

É bom receber primeiro a informação para depois poder falar sobre esse assunto.

De resto, o Governo Regional está consciente que procedeu de uma forma correcta, tanto é, que a maioria dos casos em que há concursos públicos, depois são sujeitos ao visto sucessivo do Tribunal de Contas. Acontece isso às dezenas. Provavelmente, vai ser fiscalizado a seguir.

Acontece isso na Administração dos Portos de Ponta Delgada, da APTG, em todas as empresas públicas que nós temos e que fazem dezenas de concursos públicos por ano. Alguns vão ao Tribunal de Contas, outros não vão. A maioria deles vai ao Tribunal de Contas, felizmente que assim é e felizmente que não têm notícia disso, porque estão a correr bem.

Este será mais um que irá ao Tribunal de Contas, provavelmente. Nós não queremos interferir com as prioridades do Tribunal de Contas. Ponto parágrafo, final, sobre este assunto.

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Pedro Gomes.

(\*) **Deputado Pedro Gomes (PSD):** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

O Partido Social Democrata não está, ao contrário do que pretende o Governo, a instrumentalizar o Tribunal de Contas. Que fique claro!

O Partido Social Democrata, com a apresentação desta Resolução, está a solicitar à Secção Regional do Tribunal de Contas a realização de uma auditoria, aliás, está a fazê-lo de um legítimo direito que qualquer cidadão pode ter em relação ao Tribunal de Contas.

Diga-se, em abono da verdade, que o Sr. Secretário Regional da Presidência, com a sua intervenção, acabou de arrasar, de uma penada só, a Lei 98/97, de 26 de Agosto, que é a Lei da Organização e Processo do Tribunal de Contas, que diz precisamente que qualquer cidadão, qualquer entidade se pode dirigir ao Tribunal de Contas a pedir a realização de uma auditoria. É isso que este Grupo Parlamentar quer que este Parlamento faça junto do Tribunal de Contas.

Com a pressa de justificar um processo sobre o qual recaem inúmeras suspeitas, o Sr. Secretário Regional da Presidência acaba de apagar do Ordenamento Jurídico a Lei de Organização e Processo do Tribunal de Contas. Foi isto que nós ouvimos nesta Câmara.

Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Não é a primeira vez que nesta Assembleia é apresentado um Projecto de Resolução pedindo a intervenção do Tribunal de Contas com o objectivo de auditar, de fiscalizar qualquer acto da Administração Pública ou qualquer acto societário. Não há nenhuma estranheza nesta matéria.

O que é estranho é que a maioria e o Governo que dizem que nada devem, temem a aprovação desta Resolução. Essa é que é a verdade, porque o Partido Socialista está incomodado e envergonhado com este processo e teme aprovar uma Resolução que solicita ao Tribunal de Contas uma auditoria.

É natural que o Tribunal de Contas decidirá como entender. Com certeza. Nem isto revela nenhuma espécie de interferência nas competências do Tribunal de Contas, até porque o Tribunal de Contas fiscaliza a Administração Pública, fiscaliza esta Casa, fiscaliza empresas públicas e o que nós queremos é, dentro das suas competências, que o Tribunal de Contas fiscalize em concreto este acto e este concurso, o concurso e o processo de negociação sem publicação.

Do que é que o Governo e esta maioria têm medo?

Será que o Governo e a maioria que o apoia têm medo que o Tribunal de Contas fiscalize o facto de a 3 de Novembro de 2005 a Região ter celebrado com a Atlânticoline um contrato de gestão de serviços de interesse económico geral, para que esta empresa lançasse este concurso sem haver qualquer concurso público para esse efeito?

Será que esta maioria tem medo que o Tribunal de Contas fiscalize o facto deste contrato de gestão de serviços de interesse económico geral, publicado a 3 de Novembro de 2005, não ter qualquer valor, isto é, a Atlânticoline poder cobrar à Região o valor que lhe apetecer?

**Deputado Clélio Meneses (PSD):** *Muito bem!*

**O Orador:** Será que este Governo e esta maioria que o apoia têm medo do facto da Atlânticoline ter lançado um concurso sem preço base?

Coisa estranha e rara... sem preço base. Não tem preço base.

**Secretário Regional da Economia (Duarte Ponte):** Nunca teve base antes!

**O Orador:** Não é possível dizer que este concurso é barato ou caro, porque não sabemos qual é o preço base. Mais do que isso. A bancada do Partido Social Democrata gostava de saber como é que o Governo chegou à conclusão, económica e jurídica, que era preciso lançar o concurso público internacional, porque este concurso não tem preço base. É disto que o Governo e maioria que o apoia têm medo?

Será que o Governo e a maioria que o apoia têm medo que o Tribunal de Contas questione a circunstância de ter mudado uma regra essencial pela qual a empresa a quem agora vai ser adjudicado o concurso foi excluída?

**Vozes dos Deputados da bancada do PS e dos Membros do Governo:** Não!

**O Orador:** Se não têm medo, se respondem em coro, porque estão bem ensaiados, então votem a favor do Projecto de Resolução do Partido Social Democrata.

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** Não!

**O Orador:** Sr. Presidente, Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

A pergunta que fica, para terminar, é de que é que o Governo e a maioria socialista têm medo nesta câmara?

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** De nada!

**Presidente:** Tem a palavra o Sr. Deputado Artur Lima.

(\*) **Deputado Artur Lima (CDS/PP):** Sr. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Srs. Membros do Governo:

Uma intervenção muito breve para lembrar que o trabalho desta casa não se faz só aqui (também para dar um bocadinho resposta aos anseios do líder do PSD).

O trabalho desta casa também se faz nas comissões especializadas que ela tem.

Esta casa tem uma comissão especializada de Economia onde o PSD tem Deputados, de resto,...

**Vozes dos Deputados da bancada do PS:** *Muito bem! Muito bem!*

**O Orador:** ... que se podiam ocupar de analisar e estudar este caso. Parece-me que também aí o Governo não teria nada a esconder e responderia a todas as perguntas que a Comissão colocasse.

A Comissão chama-se: Comissão Especializada de Economia.

Tem a seu cargo essas matérias.

Portanto, parece-me que dignificaria o trabalho parlamentar dignificar o trabalho das comissões.

Às vezes também é preciso dignificar o trabalho dessas comissões. É uma belíssima oportunidade de trabalho parlamentar, não retirando, no entanto, as preocupações que o PSD tem, que eu comungo e também tenho.

Parece-me que esta casa é capaz, porque no dia em que não for, então não estamos aqui a fazer nada, e tem meios de fiscalizar a actividade do Governo.

**Deputado Herberto Rosa (PS):** E tem a obrigação de o fazer!

**O Orador:** E tem a obrigação de o fazer.

A Comissão Especializada de Economia que se encarregue e o Governo que se disponha a explicar e a esclarecer cabalmente os aspectos nebulosos que existem nesta conta.

Mas nós também podemos e devemos. Trabalho parlamentar não é só aqui. Também temos a Comissão e essa comissão tem o dever e a obrigação de o fazer.

Era bom que as Comissões Especializadas não usassem só o nome, também fossem especializadas e também fizessem um trabalho de fiscalização do Governo como deve ser.

Muito obrigado.

**Presidente:** A Mesa está confrontada com uma situação, é que já são 20 horas. Ainda tenho duas inscrições e segue-se depois a votação.

Se houver consenso da Câmara, podemos continuar. Se não houver, continuamos amanhã.

*(Pausa)*

Meus senhores, terminamos os nossos trabalhos por hoje e continuamos amanhã às 15,00 horas.

*Eram 20,00 horas.*

***Deputados que entraram durante a Sessão:***

***Partido Socialista (PS)***

**José Gabriel Freitas Eduardo**

**Manuel Herberto Santos da Rosa**

***Partido Social Democrata (PSD)***

**Clélio Ribeiro Parreira Toste Meneses**

***Deputados que faltaram à Sessão***

***Partido Socialista (PS)***

**Ana Isabel Damião de Serpa Arruda Moniz**

**Cláudia Alexandra Coelho Cardoso Meneses da Costa**

**Osório Meneses da Silva**

***Partido Social Democrata (PSD)***

**José Fernando Dinis Gomes**

*(\*) texto não revisto pelo orador*

---

### **1 – Requerimentos:**

Assunto: Ampliação da Pista do Aeroporto da Horta

Autores: Alberto Pereira e Jorge Costa Pereira (PSD)

Data de Entrada: 06.03.14

Referência: 54.03.07 – N.º 119/VIII.

### **2 – Resposta a Requerimentos:**

Assunto: Estrada Regional da Serra do Topo

Autor: Aires Reis (PSD)

Proveniência: Gabinete do Secretário Regional da Presidência

Data de Entrada: 06.03.14

Referência: 54.03.05 – N.º 97/VIII;

Assunto: Agricultura – Electrificação Agrícola

Autores: António Ventura, Clélio Meneses, José Fernando Gomes (PSD)

Proveniência: Gabinete do Secretário Regional da Presidência

Data de Entrada: 06.03.13

Referência: 54.03.02 – N.º 107/VIII;

Assunto: Substituição dos Navios Cruzeiros

Autores: Aires Reis, Alberto Pereira, Cláudio Lopes, Jaime Jorge, Jorge Costa Pereira e Mark Marques (PSD)

Proveniência: Gabinete do Secretário Regional da Presidência

Data de Entrada: 06.03.13

Referência: 54.03.07 – N.º 109/VIII;

Assunto: Gripe das Aves

Autores: António Ventura, Clélio Meneses, José Fernando Gomes, e Sérgio Ferreira (PSD)

Proveniência: Gabinete do Secretário Regional da Presidência

Data de Entrada: 06.03.13

Referência: 54.03.00 – N.º 111/VIII.

---

## **Requerimento**

### **Ampliação Pista Aeroporto da Horta**

No passado dia 8 de Março, o Senhor Secretário Regional da Economia, na sequência de uma reunião havida no dia 6 de Março, em Lisboa, entre a Secretaria de Estado das Obras Públicas do Governo da República, a ANA, SA e o próprio Governo Regional, proferiu importantes declarações aos órgãos de comunicação social sobre a questão da ampliação da pista do Aeroporto da Horta. Em síntese, o conteúdo das afirmações do Senhor Secretário Regional da Economia foi o seguinte:

- a) Confirmou os compromissos do Governo e do seu Presidente na defesa da ampliação da pista do Aeroporto da Horta;
- b) Anunciou que havia sido criado um Grupo de Trabalho, que estaria a preparar o projecto da ampliação da pista da Horta;
- c) Referiu que esse projecto estaria pronto ainda este ano;

d) Anunciou que no próximo ano, se poderia apresentar a candidatura da respectiva obra a financiamento comunitário, no âmbito do próximo Quadro de Referência Estratégica Nacional (QREN);

e) Garantiu haver um acordo firmado com o Governo da República que prevê a sua participação no financiamento do investimento a efectuar na Horta.

Considerando o alcance das declarações produzidas;

Considerando a natural expectativa de todos os Faialenses em conhecer mais detalhadamente alguns aspectos sobre um dos mais importantes investimentos a realizar na ilha do Faial;

Considerando que, para evitar a criação de falsas expectativas, é fundamental o completo esclarecimento das questões envolvidas;

Ao abrigo das disposições regimentais aplicáveis, solicitamos ao Governo Regional dos Açores, os seguintes esclarecimentos:

1. Quando foi constituído o anunciado Grupo de Trabalho?
2. Quem são os elementos que o constituem?
3. Identificação do projectista da obra de ampliação da pista.
4. Informação sobre se o projecto estará no final do ano em condições de ser executado.
5. A ampliação em fase de projecto garante a operação das aeronaves, sem penalizações, nas ligações com a costa leste dos Estados Unidos e Canadá?
6. Qual é a data previsível do início das obras de ampliação da pista?
7. A que Fundos Comunitários se pensa candidatar este investimento?
8. Qual a modalidade acordada de comparticipação do Governo da República no financiamento deste investimento e quais as quotas de participação do Orçamento de Estado e do Orçamento Regional?

Horta, 14 de Março de 2006.

**Os Deputados,** *Alberto Pereira e Jorge Costa Pereira*

---

**ASSUNTO: REQUERIMENTO N° 97/VIII**

Encarrega-me S. Exa., o Secretário Regional da Presidência de enviar a resposta ao requerimento nº. 97/VIII, subscrito pelo Senhor Deputado Aires Reis, do Partido Social Democrata. O Governo Regional, sem prescindir quanto ao teor dos considerandos informa o seguinte:

Trata-se de uma estrada Regional localizada a uma altitude média de 800 metros, cujas condições climáticas são adversas, com nevoeiros intensos e constantes, pelo que:

- Em 1999 foi efectuada, a título excepcional, a instalação de 200 delineadores poliédricos reflectores de aplicação ao solo.
- Verificando-se que a sinalização com delineadores poliédricos reflectores de aplicação ao solo era adequada à Estrada Regional em causa, aplicaram-se 3000 delineadores em 2000 e 650 em 2003 e 2004.
- Para além disso, iniciou-se em 2003 a instalação de guardas metálicas de segurança e marcadores plásticos reflectores bidireccionais para aplicação no solo praticamente em toda a extensão da Serra do topo. Para o corrente ano está prevista a conclusão da aplicação de guardas metálicas de segurança na Serra do Topo.
- Quanto à sinalização horizontal, têm sido efectuadas intervenções anuais, estando prevista a sinalização horizontal a quente em 2006.

Com os melhores cumprimentos.

**O Chefe do Gabinete,** *Hermenegildo Galante*

---

**ASSUNTO: REQUERIMENTO Nº 107/VIII**

Encarrega-me S. Exa., o Secretário Regional da Presidência de enviar a resposta ao requerimento nº. 107/VIII, subscrito pelos Senhores Deputados António Ventura, Clélio Meneses e José Fernando Gomes, do Partido Social Democrata. O Governo Regional, sem prescindir quanto ao teor dos considerandos informa o seguinte: Reportando-nos ao ofício de V. Exa., sobre o assunto referenciado em epígrafe

encarrega-me Sua Exa. o Secretário Regional da Agricultura e Florestas de informar que, após determinação das prioridades de intervenção do IROA, os processos relacionados com investimentos em caminhos agrícolas e redes de distribuição de água obtiveram um forte impulso em 2005, em simultâneo com a análise e aprovação da generalidade dos processos de reformas antecipadas.

No que diz respeito à distribuição da energia eléctrica às explorações, forem desenvolvidos esforços junto da EDA no sentido de se reforçar a capacidade e oportunidade de resposta, tendo sido publicamente anunciado que em 2006 os processos de electrificação de explorações iriam sofrer novo e importante impulso.

Em concreto:

Em 2005, foram providas de electrificação 6 explorações agrícolas, cujo investimento orçou os €52.500;

- A demora para a satisfação dos pedidos de electrificação, nomeadamente na ilha de S. Miguei, ficou a dever-se à apresentação do estudo técnico e financeiro da EDA, cuja entrega, ao IROA só ocorreu em Fevereiro pp.:

- Os pedidos que aguardam satisfação, nesta matéria, são os seguintes:  
S. Miguel - 87

Terceira - 14

- No ano em curso prevê-se dotar de electrificação 87 explorações agrícolas;
- Para além das explorações agrícolas, o IROA prevê efectuar 2 electrificações de cariz agro-rural.

Com os melhores cumprimentos.

**O Chefe do Gabinete,** *Hermenegildo Galante*

---

**ASSUNTO: REQUERIMENTO N° 109/VIII**

Encarrega-me S. Exa., o Secretário Regional da Presidência de enviar a resposta ao requerimento n°. 109/VIII, subscrito pelos Senhores Deputados Aires Reis, Alberto Pereira, Cláudio Lopes, Jaime Jorge, Jorge Costa Pereira e Mark Marques, do Partido

Social Democrata. O Governo Regional, sem prescindir quanto ao teor dos considerandos, informa o seguinte:

1. Durante o corrente mês de Março a Atlânticoline, S.A. irá lançar o concurso público internacional para a adjudicação do fornecimento de duas embarcações monocasco, uma com 97 metros de comprimento, velocidade de cruzeiro de 18 nós e com uma capacidade de 700 passageiros e 150 viaturas e outra com 60 metros de comprimento, 17 nós de velocidade de cruzeiro e com uma capacidade de 366 passageiros e 32 viaturas.

2. As duas embarcações que ficarão adstritas ao tráfego do Triângulo (Horta/Madalena, Velas/Cais do Pico e Velas/Horta) estão neste momento em estudo não havendo ainda nenhuma decisão tomada sobre a sua dimensão, velocidade de cruzeiro e capacidade de passageiros e viatura. Em princípio terão de ter um comprimento superior ao dos actuais Cruzeiros devido à necessidade de aumentar a capacidade de transporte de passageiros e de permitir também o transporte de viaturas. O arranjo geral destes navios dependerá também da solução que se vier a adoptar para o transporte de viaturas. Provê-se que o comprimento final destas embarcações se situe entre os 45 e os 50 metros e a velocidade entre os 16 e os 17 nós. A solução final terá de ter sempre, em atenção a operacionalidade destas embarcações nos portos onde irão actuar, bem como as condições de conforto que proporcionarão aos passageiros.

3. O novo modelo de transporte marítimo proposto pela Atlânticoline, pressupõe a manutenção do actual contrato de concessão celebrado com a empresa Transmaçor em 1988, na sequência da adjudicação efectuada pela Resolução nº. 14/88, de 20 de Janeiro.

Com os melhores cumprimentos.

**O Chefe do Gabinete, *Hermenegildo Galante***

---

**ASSUNTO: REQUERIMENTO Nº 111/VIII**

Encarrega-me S. Exa., o Secretário Regional da Presidência de enviar a resposta ao requerimento n.º 111/VIII, subscrito pelos Senhores Deputados António Ventura, Clélio Meneses José Fernando Gomes e Sérgio Ferreira, do Partido Social Democrata. O Governo Regional, sem prescindir quanto ao teor dos considerandos, informa o seguinte:

1. Desde 1992 que a União Europeia estabeleceu os critérios que devem fundamentar a elaboração dos “Planos de Vigilância e de Contingência” a aplicar em todos os Estados e Regiões da U.E., na eventualidade de surgir um surto de Gripe Aviária (Directiva n.º 92/40/CE do Conselho de 19 de Maio). Esta Directiva foi transposta para o direito nacional já em 1993 (Dec. Lei n.º 175/93 de 12 de Maio e Portaria n.º499/93 de 12 de Maio).

O Plano de Vigilância é um instrumento crucial, fundamentado cientificamente, com o objectivo de detectar precocemente a circulação do vírus, tendo em conta o seu impacto sanitário e económico.

A Região, pela Direcção de Serviços de Veterinária, está permanentemente presente em todas as reuniões e acções relativas Gripe Aviária desencadeadas a nível nacional pela Autoridade Veterinária Nacional, no sentido de acompanhar todas as determinações nacionais e comunitárias sobre esta matéria e adaptar, conceber e propôr as orientações e medidas que em específico melhor se ajustem à nossa realidade.

As medidas adoptadas pela Região garantem, assim, o cumprimento integral de todas as medidas estabelecidas pela União Europeia baseadas no rigor do conhecimento científico e sempre em conjugação com a Autoridade Veterinária Nacional.

O Plano de Vigilância implementado na Região divide-se em:

- Plano de Vigilância passiva, através do apoio dos serviços da Direcção Regional dos Recursos Florestais e daqueles que em ambiente próprio contactam com a caça (vulgo caçadores) para, caso seja detectado um número anormal de aves selvagens mortas, entrarem em contacto imediato com os Médicos Veterinários dos Serviços de Desenvolvimento Agrário de ilha ou com os Médicos Veterinários Municipais. Também foi solicitado aos produtores de aves/avicultores da Região para, no caso de

verificarem nas suas explorações sinais de mortalidades não explicadas de aves ou elevadas quebras nas posturas, informarem os Médicos Veterinários da exploração e, de imediato, os Médicos Veterinários dos Serviços de Desenvolvimento Agrário de ilha (S.D.A).

Acentuou-se também a frequência das visitas às explorações avícolas das ilhas, bem como a informação e a vigilância nos aeroportos e Postos Fronteiriços, relativamente à entrada de aves e seus produtos, provenientes de Países onde o vírus da gripe das aves foi diagnosticado

- Plano de Vigilância activa, que tem por objectivo principal detectar precocemente a circulação do vírus da “Gripe Aviária”.

As aves recolhidas para sujeição de despistagem são acondicionadas com saco de plástico individual, identificadas e rapidamente enviadas ao Laboratório Regional de Veterinária, através dos Serviços de

Desenvolvimento Agrário de ilha, a fim de ser caracterizado o biótipo de vírus.

No caso de se diagnosticar, laboratorialmente, um caso de Gripe Aviária, será de imediato accionado o “Plano de Contingência” com todo o rigor e de acordo com os procedimentos estabelecidos.

2. Após a ocorrência da gripe aviária no sudoeste europeu e em Africa, foi recentemente confirmada a ocorrência da mesma, provocada pelo vírus Influenza A. subtipo H5N1, dentro do espaço europeu. Evidências circunstanciais e dados de epidemiologia molecular indicaram que o vírus da gripe aviária se propagou para estes países através de aves migratórias.

Face á evolução da epizootia, foram aprovados vários conjuntos de medidas de biossegurança, nomeadamente, proibir os mercados avícolas, espectáculos, exposições e eventos culturais no quais se utilizem aves, a não ser que obtenham, pelo facto de não se verificar risco, riu caso da Região, através da Autoridade Veterinária Regional e dos Médicos Veterinários Municipais, uma autorização especial de concedência, após uma avaliação de risco, favorável pelas entidades.

Está efectuada também um levantamento na Região de todas as pessoas que, profissional e diariamente, contactam com as diversas funções no subsector da

avicultura, desde a produção, passando pela transformação, matadouros e saída para a comercialização.

Como medidas complementares de biossegurança, foi necessário transmitir ao “Sector Avícola”, um conjunto de medidas específicas de reforço cuja implementação deve ser ajustada às condições particulares de cada exploração, entre as quais se referem:

- CERTIFICAÇÃO SANITÁRIA, onde as aquisições de ovos de incubação e das aves para criação ou exibição, devem ser sempre precedidas da exigência de garantias sanitárias por parte do fornecedor, nomeadamente quanto á proveniência das aves, através de um certificado sanitário validado.

- MEDIDAS GERAIS DE HIGIENE, com a aplicação efectiva e auto-controlada das medidas de limpeza e desinfectação usuais nas produções avícolas: as camas, as penas e os restos de cascas de ovos devem ser encaminhados, de forma controlada, para sistemas de tratamento que garantam a respectiva descontaminação. Os estrumes e outros resíduos devem ser removidos do pavilhão, logo que recolhidas as aves.

Deve proceder-se à desinfectação sistemática, entre ciclos de produção, de todos os locais, equipamentos e utensílios, recorrendo, de preferência, à utilização consecutiva de dois desinfectantes devidamente eficientes contra o vírus da gripe das aves.

Deve promover ao uma desinfectação eficaz dos equipamentos, locais, materiais, veículos de transporte (rodilúvios), vestuário e calçado (pedilúvios); interdição de entrada de pessoas estranhas nas explorações avícolas e de todo o tipo de animais domésticos.

- PROTECÇÃO SANITÁRIA DAS EXPLORAÇÕES, nomeadamente, informando as explorações que devem ter o seu perímetro vedado de forma a impedir a entrada de animais domésticos e selvagens, pessoas e veículos não essenciais.

O acesso às explorações avícolas deve ser estritamente limitado ao pessoal indispensável: proprietárias e tratadoras, os quais devem evitar quaisquer contactos com aves de outras explorações ou de criação doméstica. Deverá existir vestuário de protecção completo (fato, botas e gorro) para uso exclusivo na exploração.

Deve ser verificado cuidadosamente a integridade dos dispositivos de protecção contra a entrada de aves silvestres (redes das janelas, grelhas dos ventiladores, etc.). Deve ser interdito o uso de bebedouros (excepto pipetas) nos parques exteriores a que têm acesso as aves criadas em regimes especiais (ar livre), bem como o fornecimento de alimento nos parques exteriores.

Deve proceder-se à recolha de aves mortas, duas vezes por dia, efectuando a destruição dos cadáveres de acordo com as disposições legais aplicáveis.

- CONDIÇÕES DE ARMAZENAGEM, o eventual armazenamento de aparas de madeira ou quaisquer outros materiais, a aplicar na cama das aves, deve ser efectuado em espaço fechado devidamente protegido contra a intrusão de aves silvestres.

O abastecimento e armazenagem de rações ou de matérias-primas e a distribuição da alimentação às aves de produção, deve ser efectuada de forma a não atrair aves selvagens. Qualquer derrame de rações ou de matérias-primas deve ser objecto de limpeza imediata.

- VIGILÂNCIA SANITÁRIA, onde, na sequência da observação ou do registo de situações de doença ou de mortalidades inesperadas, devem ser accionados de imediato os mecanismos de alerta previstos, nomeadamente através de contactos com as Autoridades Veterinárias locais / S.D.A.'s ou com o Médico Veterinário Municipal.

3. No âmbito do Plano de Contingência, para todo o país foi constituído o Centro Nacional de Controlo, subdividido em Centros Locais de Controlo.

A Região constituiu o seu Centro de Controlo, localizado na Direcção Regional do Desenvolvimento Agrário o implementado através da Direcção de Serviços de Veterinária que activará imediatamente o referido Plano de Contingência, no caso de se registar qualquer sinal de emergência, nomeadamente no âmbito do Plano de Vigilância. Deste modo todos os procedimentos, organizadamente previstos e estabelecidos, serão executados em específico.

Este Centro Local de Controlo possui Informação, constantemente actualizada para a Região, no que diz respeito aos Centros do Abate de Aves autorizados, às Explorações Avícolas Regionais, aos estabelecimentos autorizados à venda de

animais domésticos ou de estimação e às entidades que controlam portos, aeroportos ou Postos Fronteiriços, existindo em cada ilha uma brigada constituída por um Médico Veterinário, um técnico auxiliar, uma viatura, equipamento de apoio e restante pessoal, meios e impressos vários de rigor epidemiológico, necessários a qualquer eventualidade de resposta na emergência do aparecimento do vírus.

Neste âmbito e a este nível, estão envolvidos:

- Direcção Regional do Desenvolvimento Agrário – Direcção de Serviços de Veterinária — Centro de Controlo;
- Todos os Serviços de Desenvolvimento Agrário das Ilhas, no âmbito das Divisões e Sectores de Veterinária.

Em caso do surgimento de um foco serão também informadas e envolvidas as seguintes entidades e seus serviços descentralizados:

Secretaria Regional do Ambiente e do Mar;

Direcção Regional de Recursos Florestais;

Direcção Regional da Saúde;

Direcção Regional do Comércio, indústria e Energia;

Inspeção Regional das Actividades Económicas;

Câmaras Municipais

Comando da PSP dos Açores.

4. Relativamente à despistagem e controlo, foram (e continuarão a ser) efectuados os procedimentos previstos no âmbito do Plano de Vigilância, como ocorreu durante a migração do Outono das aves provenientes do Norte de Europa em deslocação para o Continente Africano, com o apoio da Direcção Regional dos Recursos Florestais e seus serviços e das Associações de Caçadoras, efectuando-se colheitas de amostras que, posteriormente, foram remetidas através do laboratório Regional de Veterinária ao Laboratório Nacional de Investigação Veterinária.

Neste âmbito, e no que contempla o Plano de Vigência Nacional, foram solicitadas 14 amostras à Região Açores. Contudo, foram recolhidas 17 amostras (1 galinha, 7 patos, 2 pombos, 3 cagarros, 2 galinholas, 1 rabo-dejunco e 1 narceja), as quais deram todas resultado negativo á pesquisa do vírus H5 e do H7.

Presentemente, e tendo em conta a permanente necessidade de avaliação de risco, desenvolvem-se, através das brigadas de vigilância que existem em todas as ilhas, acções conjuntas com a Direcção Regional dos Recursos Florestais, procedendo-se, sempre que possível, a capturas de espécies avícolas de arribação, com a mesma sistematização anteriormente utilizada, sendo as mesmas enviadas através do Laboratório Regional de Veterinária para o Laboratório Nacional de investigação Veterinária.

5. A União Europeia encontra-se consciente do impacto económico e social decorrente do surgimento do vírus, tendo já ocorrido uma reunião dos Ministros da Agricultura para análise do assunto. Assim e desde logo, um hipotético surgimento do vírus na Região ou as consequências que nas circunstâncias actuais são normalmente reflectidas nos mercados, poderão determinar a criação de apoios específicos que, naturalmente, deverão beneficiar o subsector avícola da Região.

6. As acções e medidas estabelecidas junto de agentes e do sector em geral, são aquelas que em particular estão de acordo com as determinações observadas na lei e respectiva regulamentação específica que, obrigatoriamente, se aplica a países e regiões onde não se verificou qualquer surgimento do vírus em causa, mas que devem garantir o cumprimento integral de todas as medidas preconizadas pelas orientações técnicas, bem como pela regulamentação nacional e comunitária, extraordinariamente estabelecidas para a situação em apreço. Por outro lado, para além de toda a informação disponibilizada, prevê-se realizar acções com o objectivo de esclarecer os agentes interessados do sector, técnicos e público em geral, sobre todas as questões relevantes, nomeadamente sobre as questões de segurança alimentar.

7. No âmbito dos serviços de Inspecção Sanitária, através dos Médicos Veterinários Inspectores, são efectuadas diária e permanentemente inspecções em vida — ‘ante-mortem’ - e imediatamente após o abate — “postmortem” - nos matadouros regionais, a todos as aves que têm origem neste subsector e que seguem para o consumo, garantindo-se assim a inocuidade das mesmas quando estas entram na cadeia alimentar, para além de informação que os médicos veterinários responsáveis

pelas unidades de produção são obrigados a enviar a esses matadouros, a fim das aves serem admitidas para abate.

Foram e são remetidas orientações aos Serviços de Desenvolvimento Agrário, nomeadamente das ilhas onde existem aviculturas industriais, para que os mesmos dispensem toda a informação necessária, através da divulgação específica e personalizada, relativa a esta doença que emana do Centro Nacional de Controlo. Também foram e são enviados ofícios e divulgação às Associações de avicultores e aos próprios avicultores, de forma a mantê-los informados sobre os detalhes especificidades desta doença. Por outro lado nos Serviços de Desenvolvimento Agrário de cada ilha existe um Médico Veterinário para prestar toda a informação técnica sobre a Gripe das Aves, o qual também tem por missão apoiar todos os interessados e prestar esclarecimentos sobre qualquer dúvida.

Com os melhores cumprimentos.

**O Chefe do Gabinete,** *Hermenegildo Galante*

—

**A Redactora:** Maria da Conceição Fraga Branco